



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ANDERSON NOWOGRODZKI DA SILVA**

**INTERAÇÃO COMUNICATIVA VIRTUAL:**  
**AVATARES E SIMULACROS NA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA**

**Brasília**

**2021**

**ANDERSON NOWOGRODZKI DA SILVA**

**INTERAÇÃO COMUNICATIVA VIRTUAL:  
AVATARES E SIMULACROS NA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

**Área de concentração:** Linguagem e Sociedade

**Linha de pesquisa:** Língua, interação Sociocultural e Letramento

**Orientador:** Hildo Honório do Couto

**Bolsa:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**Brasília**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

NN948i Nowogrodzki da Silva, Anderson  
Interação comunicativa virtual: avatares e simulacros na  
comunidade de fala virtual ATEA / Anderson Nowogrodzki da  
Silva; orientador Hildo Honório do Couto. -- Brasília, 2021.  
132 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2021.

1. Ecolinguística. 2. Linguística Ecolinguística. 3.  
Interação comunicativa virtual. 4. Redes sociais digitais.  
I. do Couto, Hildo Honório, orient. II. Título.

**ANDERSON NOWOGRODZKI DA SILVA**

**INTERAÇÃO COMUNICATIVA VIRTUAL:  
AVATARES E SIMULACROS NA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

**Área de concentração:** Linguagem e Sociedade

**Linha de pesquisa:** Língua, interação Sociocultural e Letramento

**Orientador:** Hildo Honório do Couto

**Bolsa:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Data da defesa: 23/09/2021.

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (Orientador)  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Profa. Dra. Marcia Elenita Franca Niederauer (Membro interno)  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. Dr. Mario Luis Monachesi Gaio (Membro externo)  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (Membro externo)  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

---

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (Membro suplente)  
Universidade de Brasília (UnB)

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Hildo Honório do Couto que, mais do que um orientador no doutorado, se tornou um orientador para a vida, um amigo e um companheiro de pesquisa, ensinando de forma exemplar que o conhecimento dinamizado de forma simples e a humildade são elementos fundamentais que devem constituir o ser pesquisador e o ser humano. Cada discussão teórica, diálogo sobre a vida e reflexão sobre o mundo contribuíram para uma formação crítica e uma reformulação profunda do sentido de viver, por meio das trilhas da Linguística Ecológica. É com muito orgulho e admiração que agradeço a participação na minha jornada de vida de um dos maiores teóricos dos estudos linguísticos do Brasil e de uma das pessoas mais incríveis que já conheci!

À minha companheira de vida, Anathalia Barbosa de Oliveira, por ser o lastro que me manteve firme na caminhada, a mão que me deu sustento quando precisei, a força que esteve ao meu lado quando, por vezes, o cansaço era grande e as energias para continuar se esvaíam. Obrigado por ser incentivo, ouvidos, apoio e, acima de tudo, amor!

Ao meu pai, Antônio Sebastião da Silva, pelos sábios conselhos e pelos exemplos de vida.

À minha mãe, Marilene Perpetua Nowogrodzki Silva, pelo olhar crítico, por ser um porto seguro e pela palavra amiga.

Às minhas irmãs, Giulliany Letícia da Silva e Bárbara Yanara da Silva, pelos diálogos, pelo apoio, pela irmandade e por estarem ao meu lado independente das minhas decisões.

À minha filha de coração, Marjorie Barbosa de Oliveira Lopes, por ser o motivo dos risos que aliviaram meus momentos de tensão, por ser uma motivação para crescer e ser melhor como ser humano e por ser a prova viva de que a inocência de uma criança pode mudar o mundo.

À professora Marcia Elenita Franca Niederauer e aos professores Mario Gaio, Gilberto Araújo e Kleber da Silva, por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho e contribuir para o seu aprimoramento. Obrigado por dividirem o conhecimento, por se dedicarem à leitura e por disponibilizarem tempo para a apreciação de uma pesquisa que me é tão cara.

Ao professor Mario Gaio e às professoras Viviane Vieira e Orlene Carvalho, por participarem do exame de qualificação e contribuírem com elementos fundamentais que permitiram a existência desta tese. Sem a colaboração de vocês, os diálogos que estabelecemos, os apontamentos pertinentes e as discussões profícuas, esta pesquisa não seria possível.

À professora Elza do Couto, que me apresentou a Ecolinguística e se tornou uma parceira de pesquisa, um exemplo de pesquisadora e de ser humano.

## RESUMO

Este trabalho busca analisar o modo como as interações comunicativas são transpostas da realidade física, em que se manifestam por meio da interação face a face, para a realidade virtual, em que o corpo se estende a representações digitais das identidades dos falantes, dando forma à interação comunicativa virtual, manifesta nas redes sociais digitais. Entender o processo de virtualização das interações comunicativas é fundamental para que se compreenda a dinâmica das redes sociais digitais e os efeitos das relações virtuais na realidade física. Por isso, a Ecolinguística se apresenta como uma teoria significativa para este estudo, na medida em que, segundo Couto (2016a), olha-se para as interações comunicativas na realidade física como constituintes de um ecossistema linguístico, ou seja, uma rede de relações antropogênicas que se apoia no entrelaçamento e na integração entre um povo, um território e uma língua (enquanto forma regular de interagir). Partindo desse pressuposto, é possível entender que o processo de virtualização das relações só será possível por meio da desterritorialização, ou seja, da supressão de uma das bases do ecossistema linguístico, o território. O ecossistema abre espaço para a virtualidade como uma extensão de si, provocando um afastamento corpóreo entre os falantes e dando forma a complexos interacionais virtuais. Os sistemas eletrônicos podem ser caracterizados, portanto, como suportes na mediação das interações entre usuários das redes sociais digitais. Demanda-se, assim, a reestruturação do sistema de interações comunicativas, pois o corpo, como uma parte do ecossistema linguístico, não está presente na realidade virtual. Cria-se a necessidade de desenvolver novas formas de interagir nas redes sociais digitais que não sejam mobilizadas pelo corpo, mas por ferramentas interacionais que possibilitem ao usuário se projetar numa máscara digital, num avatar, que o representa, permitindo que ele se revele enquanto indivíduo subjetivado e integre comunidades de fala virtuais, assegurando sua existência num mundo de abstrações. Amparada por uma abordagem qualitativa, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender e expor o modo como acontece a transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, evidenciando suas características, a fim de clarificar a nova dinâmica estabelecida pela emergência da realidade virtual no século XXI, além de constatar os efeitos desse complexo virtual na realidade física. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o ecossistema linguístico e o modo como a interação comunicativa face a face se dinamiza dentro de comunidades de fala, aplicando, para tanto, conceitos teórico-epistemológicos da Linguística Ecológica; b) observar o modo como a interação comunicativa virtual se estabelece nas redes sociais digitais, por meio do processo de virtualização das relações e da desterritorialização do ecossistema linguístico, descrevendo as ferramentas interacionais que emulam regras interacionais na realidade virtual; e c) verificar o modo como a realidade virtual é constituída, analisando, para isso, o movimento social neoatêista, enfocando a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), um grupo do *Facebook* que é estruturado como comunidade de fala virtual.

**Palavras-chave:** Ecolinguística. Interação comunicativa virtual. Comunidade de fala virtual ATEA.

## ABSTRACT

This work seeks to observe how communicative interactions are transposed from physical reality, in which they manifest themselves through face-to-face interaction, to virtual reality, in which the body extends to digital representations of users' identities, giving shape to the users' virtual communicative interaction, manifested in social networks. Understanding the communicative interactions virtualization process is essential to understand the dynamics in social networks and the effects of virtual relationships on physical reality. Therefore, Ecolinguistics is presented as a summarized theory for this study, as, according to Couto (2016a), communicative interactions in physical reality are considered as constituents of a linguistic ecosystem, that is, a network of anthropogenic relationships which is based on the intertwining and integration between a people, a territory and a language (as a regular way of interacting). Based on this assumption, it is possible to understand that the process of virtualizing relationships will only be possible through deterritorialization, that is, the suppression of one of the bases of the linguistic ecosystem, the territory. The ecosystem opens up the space for virtuality as an extension of itself, causing a corporeal distance between the speakers and giving shape to virtual complexes. Electronic systems can be characterized, therefore, as supports in the mediation of interactions between social networks users. Thus, the restructuring of the system of communicative interactions is required, because the body, as a part of the linguistic ecosystem, is not present in virtual reality. There is a need to develop new ways of interacting in social networks that are not mobilized by the body, but by interactional tools that allow the user to project themselves into a digital mask, an avatar, that represents them, allowing them to reveal themselves as an individual subjectivate and integrate virtual speech communities, ensuring their existence in a world of abstractions. Supported by a qualitative approach, this research aims to understand and expose how the transposition of face-to-face communicative interaction to virtual communicative interaction happens, highlighting its characteristics, in order to clarify the new dynamics established by the emergence of virtual reality in the 21st century, in addition to verifying the effects of this virtual complex on physical reality. Therefore, the following specific objectives were outlined: a) to present the linguistic ecosystem and the way in which face-to-face communicative interaction is dynamized within speech communities, applying, for this purpose, theoretical-epistemological concepts of Ecosystemic Linguistics; b) to observe how virtual communicative interaction is established in social networks, through the process of virtualization and the deterritorialization of the linguistic ecosystem, describing the interactional tools that emulate interactional rules in virtual reality; and c) verifying how virtual reality is constituted, analyzing, for this, the neo-atheist social movement, focusing on the Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), a Facebook group that is structured as a virtual speech community.

**Keywords:** Ecolinguistics. Virtual communicative interaction. ATEA Virtual Speech Community.

## Lista de Quadros

01.	Quadro comparativo entre as perspectivas de Sapir e Haugen.....	26
02.	Quadro comparativo entre regras interacionais.....	62
03.	Quadro comparativo entre regras interacionais do <i>Facebook</i> e regras específicas da comunidade de fala virtual ATEA.....	117



## Lista de Figuras

01.	Ecosistema Linguístico.....	29
02.	Ecosistemas Linguísticos.....	31
03.	<i>Emoticons</i> /sequência de caracteres tipográficos.....	63
04.	<i>Emojis</i> /pequenas imagens.....	64
05.	Exemplo de perfil pessoal do <i>Facebook</i> .....	100
06.	Tipos de curtidas do <i>Facebook</i> .....	102
07.	Identificação da página do <i>Facebook</i> ATEA.....	105
08.	Página inicial da fanpage da ATEA.....	108
09.	Estrutura de uma publicação na página da ATEA.....	111
10.	Postagem sobre o dia internacional ateu.....	119
11.	Comentários sobre o dia internacional ateu.....	120
12.	Personalidades públicas legitimando identidades.....	122

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1   PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA ECOLINGUÍSTICA: ARTICULAÇÕES ENTRE LÍNGUA, POVO E TERRITÓRIO .....	17
1.1 Princípios ontológicos da Ecolinguística: Ecologia Profunda e Visão Ecológica de Mundo.....	17
1.2 Ecossistema linguístico: fundamentos teórico-epistemológicos da Linguística Ecosistêmica .....	23
1.2.1 Breve panorama historiográfico da Ecolinguística.....	23
1.2.2 Linguística Ecosistêmica: relação entre meio ambiente e língua no ecossistema linguístico .....	28
1.3 Redes de interação recortadas: a noção de comunidade na Linguística Ecosistêmica .....	34
CAPÍTULO 2   O CORPO PRODUZINDO SENTIDOS: A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS FÍSICOS/NATURAIS PARA A INTERAÇÃO COMUNICATIVA .....	37
2.1 O corpo produzindo sentidos na interação: comunicação não-verbal .....	37
2.2 Sentidos involuntários: microexpressões na interação comunicativa face a face .....	41
CAPÍTULO 3   REDES DE RELAÇÕES DIGITAIS: A INTERAÇÃO COMUNICATIVA VIRTUAL .....	46
3.1 Emergências no ecossistema linguístico: o processo de virtualização da interação comunicativa.....	47
3.1.1 Uma emergência no ecossistema linguístico: virtualizando a interação comunicativa nas redes sociais digitais .....	49
3.1.2 A cognição incorporada como fundamento do processo de virtualização da interação comunicativa.....	55
3.2 Ferramentas interacionais: sistemas de regularidades na interação.....	58
3.3 Simulacros: a dissociação entre realidade física e realidade virtual.....	67
3.4 Avatares: máscaras digitais e identidades virtuais.....	71

3.4.1 Uma abordagem filosófica da espetacularização da sociedade .....	72
3.4.2 A criação de avatares para a representação do usuário na realidade virtual.	73
<b>CAPÍTULO 4   PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA.....</b>	<b>77</b>
4.1 Ecometodologia: caminhos para a pesquisa no campo da Linguística Ecosistêmica .....	78
4.2 Netnografia: olhares sobre as comunidades de fala virtuais.....	80
<b>CAPÍTULO 5   DO MOVIMENTO SOCIAL NEOATEÍSTA ÀS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....</b>	<b>82</b>
5.1 Direcionamentos iniciais sobre a relação entre os movimentos sociais e o neoateísmo.....	82
5.2 Movimentos sociais: conceito em relevância .....	84
5.2.1 Teoria da Mobilização de Recursos (TMR) .....	85
5.2.2 A Teoria do Processo Político (TPP).....	86
5.2.3 Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS) .....	88
5.3 A perspectiva dialética na análise dos movimentos sociais.....	89
5.4 O que é o neoateísmo? Em que se diferencia do ateísmo clássico? .....	91
5.5 O neoateísmo como movimento social.....	93
5.6 Recortando o objeto de análise: Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos - ATEA .....	98
5.6.1 Características, ferramentas e possibilidades de interação da rede social digital .....	98
5.6.2 Comunidade de fala virtual ATEA: características e dinâmicas .....	103
<b>CAPÍTULO 6   ANÁLISE DA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA.....</b>	<b>110</b>
6.1 A ecologia da interação comunicativa da comunidade de fala virtual ATEA..	110
6.2 Reiterando as máscaras digitais criadas para o avatar .....	118
6.2.1 Senso de pertencimento .....	118
6.2.2 Legitimação de identidades por meio de figuras públicas.....	121

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	125
REFERÊNCIAS .....	128

## INTRODUÇÃO

Com a implementação e o desenvolvimento do sistema capitalista no mundo a partir do século XVIII, segundo Debord (1997), as tecnologias da informação e da comunicação foram criadas e difundidas ao longo dos anos, conduzindo à formação de uma sociedade cada vez mais dependente dos suportes tecnológicos e da produção de imagens, ditando regras e estabelecendo práticas regulares na sociedade de consumo, estruturando um complexo tecnocrático em que as relações passaram a se basear na espetacularização da vida.

A criação de redes sociais digitais<sup>1</sup> por meio do desenvolvimento tecnológico foi uma consequência, ao longo do tempo, dessa conjuntura, potencializando a valorização das experiências simbólicas, abstraídas da realidade física, em detrimento das experiências corpóreas.

Analisando esses eventos por meio da perspectiva da Ecolinguística, na vertente da Linguística Ecolinguística, desenvolvida no Brasil por H. Couto (2007), observa-se o modo como as interações comunicativas são transpostas da realidade física, em que se manifestam por meio da interação face a face, para a realidade virtual, em que o corpo é substituído por representações digitais das identidades dos usuários, dando forma à interação comunicativa virtual, manifesta nas redes sociais digitais.

A Ecolinguística pode ser definida como o estudo que relaciona língua e meio ambiente por meio de uma perspectiva que é, acima de tudo, ecológica. Busca-se, nas interações humanas, observar a manifestação da comunicação, olhando para a língua como um elemento inerente às comunidades de fala, pois há uma pressuposição recíproca entre o existir-vida-humana e o existir-língua (interação). Por isso, a rigidez dos olhares principia por partir quando as perspectivas são trazidas para o espectro da Ecolinguística, na medida em que se vê um novo horizonte de saberes e possibilidades de dizer sobre o cosmos e a vida. Partindo desse modo de olhar que prima pela harmonização constante das relações, pensa-se na língua como a própria interação, um construto que se edifica no contato interpessoal.

Entender o processo de virtualização das interações comunicativas é fundamental para que se compreenda a dinâmica das redes sociais digitais e os efeitos das relações virtuais na realidade física. Por isso, a Ecolinguística se apresenta como uma teoria significativa para este

---

<sup>1</sup> Opta-se, neste estudo, por se referir aos sistemas que agrupam pessoas na internet, permitindo compartilhar dados e informações, e as conectando para que interajam comunicativamente em um ambiente virtual, como redes sociais digitais ao invés de redes sociais, apenas. O termo “redes sociais” tem cunho sociológico e pode se referir às relações que se desenvolvem em estruturas sociais formadas por pessoas em uma realidade física.

estudo, na medida em que, segundo H. Couto (2016a), olha-se para as interações comunicativas na realidade física como constituintes de um ecossistema linguístico, ou seja, uma rede de relações antropogênicas que se apoia no entrelaçamento e na integração entre um povo, um território e uma língua (enquanto forma regular de interagir). Partindo desse pressuposto, é possível entender que o processo de virtualização das relações só será possível por meio de um processo de desterritorialização, ou seja, da emergência histórica de um modelo interacional que não integra como uma de suas bases um território físico comum entre os interagentes na constituição de um ecossistema linguístico. Nesse processo, o ecossistema se desfaz enquanto espaço interacional compartilhado, possibilitando o afastamento corpóreo entre os falantes e dando forma a complexos interacionais virtuais, ou seja, conjuntos de elementos diversos que formam um todo relacional coerente, em que as redes sociais digitais passam a se configurar como extensões de diferentes ecossistemas linguísticos. O ambiente virtual seria, portanto, uma faixa de transição entre territórios físicos, uma extensão deles, dando forma a um espaço de multiterritorialidade projetada, na medida em que vários ecossistemas se entrecruzam, se integram e se estendem, chocando-se e relacionando-se de forma porosa. É importante ressaltar que, ainda que os usuários compartilhem o mesmo território físico e interajam de forma mista (virtualmente e face a face de forma concomitante), a interação via redes sociais digitais carrega as características de um ambiente desterritorializado que estende a interação comunicativa de um ecossistema linguístico para um ambiente virtual.

Os sistemas eletrônicos podem ser caracterizados como suportes na mediação das interações entre usuários das redes sociais digitais. Demanda-se, assim, a reestruturação do sistema de interações comunicativas, pois o corpo, como uma parte do ecossistema linguístico, não pode ser transposto para a realidade virtual, criando a necessidade de desenvolver novas formas de interagir nas redes sociais digitais que não sejam mobilizadas corporalmente, mas por meio de ferramentas interacionais<sup>2</sup> que possibilitem ao usuário se projetar numa máscara digital, num avatar, que o representa, permitindo que ele se revele enquanto sujeito subjetivado e integre comunidades de fala virtuais, assegurando sua existência num mundo de abstrações.

É importante dizer que um avatar ou uma máscara digital são representações dos usuários no ambiente virtual, não necessariamente se configurando como figuras fictícias que não correspondem à realidade. Um avatar pode ser um reflexo fidedigno das identidades do sujeito, mas nunca a própria face, em razão da ausência do corpo subjetivado na interação e da possibilidade de afastamento em relação a ele. O sujeito não está anônimo, mas há o potencial

---

<sup>2</sup> Conjunto de recursos presentes numa rede social digital para que os usuários possam interagir entre si.

para o distanciamento de suas identidades por meio da manipulação do avatar que o representa. Como extensão do ecossistema linguístico, o ambiente virtual e as relações estabelecidas nele contribuirão, conseqüentemente, para o processo de subjetivação do sujeito na realidade física.

Enfatizam-se, ainda, dois mal entendidos conceituais que podem vir a emergir na leitura deste texto. O primeiro está relacionado aos conceitos de avatar e de máscara digital, que não dizem respeito apenas à possibilidade de uma criação fantasiosa de si no ambiente virtual, eles tratam dos processos de virtualização da corporeidade e de incorporação cognitiva para que se possa interagir numa rede social digital. Em outras palavras, tratam do modo como o sujeito se representa virtualmente, utilizando para isso ferramentas interacionais. O avatar pode ser um reflexo de si mesmo na realidade física, mas não se confunde com o seu próprio corpo. As máscaras digitais, aliadas à produção dos avatares, englobam as identidades móveis do sujeito que são projetadas no ambiente virtual, o modo como elas são constituídas pelas práticas e dizeres de cada falante. O segundo mal entendido se relaciona à ideia de simulacro virtual, que não deve ser interpretada como uma realidade falsa ou fantasiosa, mas como um âmbito da realidade virtual que se define por meio de suas próprias regras, constituindo-se, neste estudo, como a faixa de transição que congrega as extensões de diferentes ecossistemas linguísticos numa rede social digital.

Amparada por uma abordagem qualitativa, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender e expor o modo como acontece a transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, evidenciando suas características, suas diferenças e suas aproximações, a fim de clarificar a nova dinâmica estabelecida pela valorização exacerbada da realidade virtual a partir do início do século XXI, além de constatar os efeitos desse complexo virtual na realidade física. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o ecossistema linguístico e o modo como a interação comunicativa face a face se dinamiza dentro de comunidades de fala, aplicando, para tanto, conceitos teórico-epistemológicos da Linguística Ecológica; b) analisar o modo como a interação comunicativa virtual se estabelece nas redes sociais digitais por meio do processo de virtualização das relações e da desterritorialização do ecossistema linguístico, descrevendo as ferramentas interacionais que permitem emular regras interacionais na realidade virtual e a mobilização das regras sistêmicas nesse ambiente; e c) verificar o modo como a realidade virtual é constituída por meio de dinâmicas interacionais que lhe são próprias e de sujeitos que projetam suas identidades, analisando, para isso, o movimento social neoteísta, enfocando a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), uma página do *Facebook* que é estruturada como comunidade de fala virtual.

A escolha da página ATEA como *corpus* de análise se justifica pelo fato de ser uma manifestação do movimento social neoteísta que existe predominantemente na virtualidade, sem que se reproduza diretamente na realidade física. Sendo assim, não são feitas reuniões presenciais entre os ateus que participam da comunidade de fala virtual ou manifestações nas ruas, limitando a dinâmica das relações às redes sociais digitais. Por isso, o grupo se apresenta como um complexo interacional virtualizado representativo e produtivo para a presente pesquisa.

Os objetivos, tanto geral quanto específicos, se basearam nas seguintes questões de pesquisa: a) como a interação comunicativa face a face é dinamizada num ecossistema linguístico, segundo a perspectiva da Linguística Ecológica? b) como a virtualização da interação comunicativa acontece, materializando-se em redes sociais digitais? Quais são as características das regras interacionais e sistêmicas e de que formas elas são dinamizadas no ambiente virtual? e c) de que forma a comunidade de fala virtual ATEA reproduz os valores de verdades veiculados por ela e como os membros dessa comunidade projetam suas identidades na comunidade de fala virtual por meio de ferramentas interacionais?

Almejando responder a essas questões, construiu-se uma progressão teórico-epistemológica partindo do conceito de interação comunicativa face a face e de ecossistema linguístico (H. COUTO, 2007, 2013 e 2016a; DAVIS, 1979; EKMAN, 1999), a fim de entender o processo de virtualização das relações humanas e seus efeitos na construção das redes sociais digitais e na interação comunicativa virtual (DEBORD, 1997; BARSALOU, 1999; LÉVY, 1999; THOMPSON, 2011; SANTAELLA, 2003; RECUERO, 2009). Esses estudos são encarados frente à abordagem teórico-metodológica da Linguística Ecológica, enfatizando o olhar para as redes de interação, permitindo verificar como as regras sistêmicas e interacionais são mobilizadas e dinamizadas no ambiente virtual, assegurando aos usuários a capacidade de projetar sua cognição em avatares (máscaras digitais) que podem representá-los nas mais diversas redes sociais digitais, de acordo com suas próprias características.

A fim de alcançar os objetivos traçados, a presente tese se divide em seis capítulos, nos quais são abordados o objeto de estudo e as bases ontológicas, epistemológicas, teóricas e metodológicas necessárias para sustentar o percurso analítico da pesquisa.

No capítulo 1 é desenvolvida e exposta a perspectiva que sustenta a tese, a partir da apresentação dos alicerces ontológico e epistemológico que constituem a base dos estudos no campo da Ecolinguística (NAESS, 1973; CAPRA, 1996), evidenciando sua fundamentação filosófica, traçando um panorama historiográfico da disciplina e elencando os conceitos



desenvolvidos por H. Couto (2007) que constituem a Linguística Ecolinguística, vertente dos estudos ecolinguísticos difundidos no Brasil.

No capítulo 2 demonstra-se, com base nos princípios discutidos e expostos por H. Couto (2016a e 2017b), o modo como o corpo produz diferentes sentidos na interação comunicativa face a face (DAVIS, 1979; FAST, 1970; YAVER e TOULOUSE, 1985), auxiliando a linguagem verbal, a fim de que os interlocutores consigam se entender de forma recíproca, orientando-se por meio das regras interacionais que são normalizadas dentro de uma comunidade de fala específica. Além disso, é apresentada a teoria de Ekman (1999 e 2011) sobre a existência de microexpressões faciais que são involuntárias e contribuem para a produção de sentidos na interação face a face.

No capítulo 3 é desenvolvido e articulado o centro da tese defendida na presente pesquisa, envolvendo teorias de diferentes áreas do conhecimento que permitem refletir o modo como se dá a transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, suas características, seus principais elementos, sua dinâmica e seu lugar dentro dos estudos ecolinguísticos.

No capítulo 4 são apresentadas as escolhas metodológicas realizadas para que a pesquisa pudesse, de fato, se efetivar. Para isso, buscou-se uma base metodológica que se adequasse aos posicionamentos teórico-epistemológicos abordados ao longo deste estudo. A pesquisa se configura como um trabalho inserido no paradigma qualitativo, segundo o qual se busca coletar dados representativos da comunidade de fala virtual que se propõe analisar (CELANI, 2004). Neste capítulo são expostos as questões e os objetivos que orientam o estudo, além da base epistemológica que permite analisar o fluxo interacional em redes sociais digitais, configurando, a partir do percurso metodológico desenvolvido, um trabalho netnográfico<sup>3</sup>. Tratar-se-á ainda dos procedimentos desenvolvidos para a coleta e a geração dos dados. Por fim, serão apresentadas as categorias de análise, apoiando-se na perspectiva teórico-metodológica da Linguística Ecolinguística.

No capítulo 5 é apresentado o corpus de análise da pesquisa desenvolvida, ou seja, o movimento neoateísta materializado na rede social digital “*Facebook*” por meio da página ATEA. Observa-se, portanto, o que é um movimento social e como ele pode ser definido, de acordo com os conceitos de Viana (2015a), demonstrando como ele se forma e descrevendo o movimento neoateísta, a fim de entendê-lo como uma mobilização social que acontece predominantemente nas redes sociais digitais. É especificado, na sequência, o corpus de análise

---

<sup>3</sup> Forma especializada de etnografia realizada em ambientes virtuais mediados por sistemas eletrônicos a fim de coletar dados representativos de fenômenos culturais que se dinamizam na internet.

do estudo, a comunidade de fala virtual e página do *Facebook*, ATEA, apresentando um panorama de sua história, de seus objetivos, de suas demandas, de suas insatisfações sociais e de suas formas de se manifestar.

Por último, no capítulo 6, são analisadas e esmiuçadas as características da comunidade de fala virtual constituída pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos em sua página do *Facebook*, ilustrando a rede de interação comunicativa estruturada por ela, para que se possa visualizar e entender o fluxo interacional que se estabelece entre os usuários que participam na página e a dinâmica da interação. Além disso, são analisadas e descritas as regras interacionais mobilizadas pelo grupo, o modo como a comunidade de fala virtual estabelece a comunhão e a capacidade de projeção das identidades dos usuários em avatares na rede.

A presente investigação também tem por escopo refletir sobre o modo como as regras sistêmicas, enquanto parte fundamental das regras interacionais, são dinamizadas no complexo interacional virtual, ou seja, a forma como a língua é transposta para a realidade virtual e quais são as alterações normativas sofridas por ela no processo, adequando-se ao simulacro que é produzido pela rede social digital, que prima pela velocidade, pela fluidez e pela economia de energia na interação comunicativa.

## **CAPÍTULO 1 | PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA ECOLINGUÍSTICA: ARTICULAÇÕES ENTRE LÍNGUA, POVO E TERRITÓRIO**

Neste capítulo, desenvolve-se o alicerce ontológico e epistemológico que estrutura os postulados fundamentais da Ecolinguística, teoria que sustenta esta tese. Buscam-se evidenciar os principais aspectos teóricos que perpassam a Linguística Ecolinguística, vertente da Ecolinguística desenvolvida no Brasil por Hildo Honório do Couto e utilizada para orientar este trabalho. Para entender esses preceitos, dividiu-se o capítulo em três seções. A primeira seção tem como foco apresentar as bases da Ecolinguística, expondo a Visão Ecológica de Mundo e a Ecologia Profunda enquanto pilares ontológicos da teoria, permitindo olhar de um ponto de vista ecológico para as interações comunicativas e para a dinâmica de um ecossistema antropogênico.

A segunda seção tem como foco uma apresentação detalhada do surgimento da Linguística Ecolinguística no Brasil, do conceito de ecossistema linguístico e da relação existente entre meio ambiente e língua, evidenciando a forma como esses aspectos são percebidos e trabalhados no viés da Ecolinguística, delimitando a esfera de estudos da teoria.

Por fim, na terceira seção, desenvolve-se uma caracterização dos conceitos de comunidade de língua e de comunidade de fala, que são mobilizados pela Linguística Ecolinguística para entender a dinâmica das interações comunicativas em espaços de convivência reais, estabelecidos entre interactantes, com a finalidade de entender que existem regularidades relativas que se projetam em comunidades de fala e produzem padrões que ordenam a interação comunicativa, afetando não apenas os aspectos da língua, mas todo o entorno que contribui para a produção e para a circulação de sentidos socialmente.

### **1.1 Princípios ontológicos da Ecolinguística: Ecologia Profunda e Visão Ecológica de Mundo**

Os seres humanos interagem comunicativamente para a produção de pontos de vista que sustentam os modos de ver o mundo e de falar sobre ele. Produzem assim diferentes perspectivas que são formadas em redes de interações que, por sua vez, se sobrepõem em um ambiente perspectivista, como afirma Nietzsche (2006). A sobreposição dessas redes provoca embates culturais, psíquicos e biológicos que conduzem à mudança, à transformação. Assegura-se, dessa forma, que a base dos ciclos que permeiam a natureza, como dito em Nietzsche (2001), em sua generalidade, é a propriedade que o cosmos tem de mudar constantemente. O *devenir* é

uma propriedade inerente ao universo. Portanto, tomam-se como princípios fundamentais os nós que a Ecolinguística faz aparecer e que se estabelecem como uma base perspectiva dessa ciência, um esteio para que o estudo se sustente a partir de um recorte da realidade, assumindo a postura de que não há origem ou fim, em razão de não haver um ponto de partida para a rede de conhecimentos que se entrelaçam, nem um limite que a encerre, mas um contínuo de relações e de mudanças. Nesse contínuo, estabelecem-se algumas verdades, que são, porém, passíveis de alteração.

Dentre os nós que conduzem à Ecolinguística e dela fazem parte, evidenciam-se duas perspectivas da realidade que são fundamentais para entender o modo como essa ciência olha para o mundo a sua volta, como o percebe e como o sistematiza: a Ecologia Profunda e a Visão Ecológica de Mundo.

O conjunto dos modos de enxergar o mundo dentro de dada perspectiva constitui a ontologia, que pode ser delimitada como um campo da filosofia voltado para a compreensão das coisas que existem, como são percebidas no mundo e o modo como se relacionam com outras coisas. Por isso, evidenciar as bases ontológicas deste estudo é um trabalho que visa criar um alicerce que o sustente em dada esfera da ciência, direcionando o olhar do pesquisador e o desenvolvimento da pesquisa como um todo, atuando como o pano de fundo que contextualiza o pensamento na realidade.

Para Naess (1973), há uma forte tendência a associar a ecologia apenas ao movimento ambientalista, restringindo-a à luta por conservar o planeta. Porém, o autor se dedica a demonstrar a necessidade de olhar para feridas mais profundas na realidade e na sociedade. Diversos problemas podem ser traçados e nenhum deles está restrito à questão do “ambientalismo” ou ao movimento ambientalista. É importante lutar pela natureza, mas essa luta se limita, por vezes, a uma ecologia rasa, focada no combate à poluição e ao esgotamento de recursos, objetivando a manutenção da saúde e da riqueza material do ser humano.

Numa era de abundância de recursos e de sua exploração, é fundamental que se desenvolvam novas formas de observar e entender a sociedade. É preciso se alinhar ao “paradigma ecológico” a fim de observar o mundo por meio de uma visão ecológica, como alternativa para as visões de mundo que olham para a natureza de forma utilitarista e que olham para a sociedade como uma esfera abstrata em relação ao mundo físico em que se vive (CATTON & DUNLAP, 1980).

A constituição de uma visão de mundo ocidental estritamente antropocêntrica criou uma cisão na relação entre homem e natureza. Ao restringir o humano ao mundo social, a visão cartesiana rompe com a conexão entre as instâncias físicas que também são parte desse ser vivo.

Partindo dessa perspectiva alicerçada sobre um egocentrismo extremado, retirar ao máximo os recursos da natureza foi a forma encontrada pelo humano de se relacionar com o mundo ao seu redor e de intensificar o próprio poder, num processo de constante expansão e de destruição do mundo a sua volta, impulsionado ainda mais pelos adventos das navegações, das invasões de territórios (a partir do século XV) e da Revolução Industrial<sup>4</sup> (no início do século XIX), que conduziram à estruturação de uma era da prosperidade, em que a abundância de recursos se tornou uma necessidade criada socialmente pelo ser humano (CATTON & DUNLAP, 1980).

Ao olhar para essas condições de existência, Naess (1973) assume uma postura ecológica frente ao mundo que o cerca, mas não se limita ao movimento ambientalista. Procura, acima de tudo, efetivar uma busca pelo olhar que exalte a diversidade, as complexidades do humano e da natureza, a busca por autonomia, a descentralização do ego, a simbiose entre homem e natureza em função de um ambiente de cooperação, a necessidade de igualdade entre pessoas e a exclusão de um sistema que divide classes, que provoca desigualdades.

A ecologia profunda é um reflexo da busca por entender o homem como parte da natureza, em busca da igualdade e do bem-estar coletivo, que são as bases da estruturação do paradigma ecológico. Por isso, é necessário deixar de lado a visão egocêntrica de mundo que reduz o ser humano ao antropocentrismo e assumir um novo ponto de vista. Sobre isso, Naess se posiciona dizendo: “Não posso dizer coisas muito novas, mas posso olhá-las por outros ângulos, usando algumas ferramentas conceituais diferentes” (1987, p. 35). O centro conceitual e as imagens que predominam até o presente momento giram em torno de uma relação entre o ego, o eu metafísico e o eu social, deixando a natureza de fora desse processo de identificação de si. É preciso atingir um ideal de visão de si que transcenda os conceitos e as imagens limitadas pelo racionalismo cartesiano. Naess (1987) usa, para isso, o conceito de “eu ecológico”, uma expansão de si no ecossistema em que se vive, uma projeção de quem se é. Os seres humanos são ricos nas relações que os constituem e essas relações não estão limitadas ao âmbito social da realidade. Na identificação com o outro, com aquilo que rodeia o ser, o “eu” se alarga e se aprofunda, tornando-se reflexo do mundo que o constitui. Sendo assim, nota-se que o ego se encontra fechado num individualismo narcisista, enquanto o “eu” pode se ampliar em relação àquilo com o que se identifica, com o que constrói empatia.

---

<sup>4</sup> De acordo com Hobsbawm (1996), a Revolução Industrial teve início na Grã-Bretanha e foi um período de transição entre modos de produção, migrando do método de produção artesanal para a produção por meio de maquinários. Navegou-se assim de um processo lento e unitário para um processo dinâmico, veloz e massivo, tomado como revolucionário por historiadores em razão de suportar o crescimento econômico da população de baixa renda e desenvolver rapidamente a economia de diversos países. Porém, junto da revolução, tomou forma um movimento crescente de exploração dos recursos naturais e da vida humana.

Nota-se, portanto, que Naess (1987) vê na ecologia profunda um caminho para estabelecer relações harmônicas com a natureza e o restante da humanidade, não objetivando o progresso econômico, a aquisição de bens ou o aumento de status social. Na perspectiva da ecologia profunda, deve-se buscar a autorrealização pessoal, contemplando os prazeres e o significado da vida, almejando realizar os potenciais inerentes a cada um, implicando no alargamento e no aprofundamento de si e em si, mas sem perder de vista o cuidado com o outro. Cria-se, dessa forma, uma busca incessante por “viver e deixar viver”. Salvar o planeta faz parte dessa dinâmica, mas é impossível resumir todo esse processo ao movimento ambientalista que está alicerçado numa visão egocêntrica da humanidade. A ecologia profunda é um esteio filosófico que propulsiona a criação de uma ética ambiental e ecológica fundamentada no olhar para si mesmo, construindo uma ponte para a autorrealização.

Pensar a partir da ecologia profunda se torna, portanto, um processo em que se parte de uma visão ecológica de mundo, em que se almeja desenvolver um olhar integrador. Assuma-se, como em Nietzsche (2006), que não há verdade absoluta, mas perspectivas mutáveis, não objetivando espalhar uma mensagem central. Dessa forma, o que delimita a esfera da ecologia profunda são sete princípios criados por Sessions e Naess (1986), parafraseados a seguir<sup>5</sup>, que traçam os contornos dessa perspectiva. São eles:

1 – O valor intrínseco da vida (humana ou não), independente da utilidade que ela tenha para a vida humana, tornando o ambiente um todo relacional.

2 – A aceitação da igualdade biosférica, em que se ressaltam a humildade e o respeito em relação à vida, em que se vive e se deixa viver. Valoriza-se sempre a riqueza e a diversidade de formas de vida.

3 – O princípio da diversidade e da simbiose, em que se opta pela coexistência e pela cooperação em detrimento da exploração e da supressão.

4 – A postura contra o sistema de classes sociais, já que a existência delas impede a autorrealização de todos os indivíduos (exploradores ou explorados). A igualdade ecológica, o suporte simbiótico e a postura anti-classe devem estar associados pelos mesmos princípios e devem ser aplicados a todas as relações conflituosas – o futuro precisa se basear na diversidade sem classes.

5 – As lutas contra a poluição e o esgotamento de recursos constituem o princípio que tem maior repercussão social, mas em geral em favor dos seres humanos. Os sete princípios devem ser aplicados de modo associado, não isoladamente.

---

<sup>5</sup> Optou-se pela paráfrase do texto, pois ele está escrito originalmente em inglês, demandando tradução e localização no contexto da Linguística Ecológica.

6 - A mudança ideológica que se espera está na busca pela qualidade de vida (que existe em seu valor intrínseco) e não na busca por um padrão de vida superior. Essa pode ser uma profunda diferença entre o que é grande em tamanho e o que é grande em qualidade.

7 – A autonomia local e a descentralização de ecossistemas (comunidades) controlados por agentes externos, que geram um desequilíbrio ecológico. Propõe-se um sistema de autogestão das populações, baseado na autossuficiência material e mental, gerando um ecossistema autônomo. A autonomia reduz as conexões hierárquicas que dificultam a tomada de decisões.

Para Sessions e Naess (1986), é fundamental que aqueles que se associarem à perspectiva da ecologia profunda, incorporando a visão ecológica de mundo, direta ou indiretamente, tentem implementar as mudanças necessárias que tenham base nos princípios expostos aqui. Isso se justifica, pois, de acordo com Naess (1973), o conhecimento ecológico e o estilo de vida do ecólogo inspiram, fortificam e sugerem perspectivas para o movimento da ecologia profunda. Expressa-se, assim, um sistema de prioridades de valores, em que a vida é o principal dentre eles, atuando nos campos social, político e ético.

O mundo é visto, na perspectiva da Ecologia Profunda, como um todo complexo, em que cada ser vivo se constitui como uma de suas partes fundamentais e o movimenta, transformando-o.

Segundo Manes (1987), a ecologia profunda se apresenta como a última reserva de energia revolucionária na sociedade industrial, pois a população está impregnada pelo discurso conservador de uma elite econômica, ignorando o fato de que o problema se estabelece nas relações, dando foco apenas aos problemas paliativos. Permanecem assim a visão antropocêntrica e a busca pelo controle da natureza. Por isso, a ecologia profunda se torna uma forma de contestação do sistema, se baseando numa ótica revolucionária de intervenção. O autor afirma que a sociedade tecnocrática e industrial produz falsas necessidades para que a população acredite não ser possível viver num sistema diferente, tornando-a escrava do sistema. Nesse sentido, a ecologia profunda traz uma proposta subversiva de resistência ao discurso naturalizado pelo sistema capitalista, que não é compatível com os princípios de autorrealização, pois aprisiona, ao invés de libertar. Por isso, é preciso agir. Mesmo a reflexão crítica é vista como ação pelo viés da ecologia profunda.

De acordo com Catton e Dunlap (1980), a visão de mundo ocidental criou quatro crenças: a de que o homem é senhor de si; a de que o mundo pode prover recursos ao homem infinitamente; a de que o progresso nunca cessa; e a de que existe sempre uma solução para todos os problemas. Essas crenças conduziram ao florescimento de uma sociedade que ignora

o aporte biofísico que sustenta a existência do ser humano e encaminha a humanidade para uma era de pós-exuberância, em que o crescimento exponencial das sociedades tende a tornar mais escassos os recursos naturais. É preciso conceber a finitude dos recursos.

O paradigma ecológico vem para desestruturar essa visão antropocêntrica, relacionando a sociedade humana e o ambiente biofísico que a cerca, entendendo os seres humanos como parte de um todo que os relaciona com outras formas de vida. A sociedade depende do ecossistema em que vive e por isso precisa impor limites às suas ações. A escassez ecológica, o conflito e a competição tendem a aumentar se essas questões não forem levadas em consideração (CATTON & DUNLAP, 1980).

List (2015) traz proposições com maior grau de rigor científico para o campo da ecologia profunda, por meio do realismo científico. O autor propõe despir a realidade de suas aparências e demonstrar seu funcionamento, a fim de sanar os problemas existentes. Busca-se, dessa forma, uma estrutura intrínseca da realidade, observando as restrições do ecossistema biológico e das comunidades compostas por seres vivos. Essas restrições são dadas ao ser humano pelo mundo que o cerca, pelo ecossistema em que ele vive.

A estrutura intrínseca da realidade é o próprio ecossistema, enquanto rede complexa de relações que se estabelecem entre organismos e na relação com a natureza que os envolve.

O ecossistema possui dois suportes fundamentais. O primeiro dos suportes é o fluxo de padrões da natureza, que são definidos pelos ciclos dos conjuntos de elementos naturais em constante movimentação e transformação. O nascimento e a morte são fatores que apontam para a existência desse ciclo e para a generalização dele em relação a todos os seres vivos que participam de um ecossistema. O segundo suporte fundamental de um ecossistema são as espécies que nele vivem, enquanto indivíduos que são manifestações dos ciclos de padrões, organismos dispersos numa rede fluida (LIST, 2015).

Pensando em todos esses pressupostos ontológicos que orientam a criação de uma visão ecológica de mundo por meio do movimento da ecologia profunda, exemplifica-se uma primeira relação com o estudo da língua em relação à noção de ecossistema, tendo por base os princípios descritos até aqui. Drengson (2010) fala de uma teoria da comunicação, manifestada como ecologia da comunicação, na obra de Arne Naess. A proposta se baseia no estudo da comunicação, da língua e da cultura por meio de métodos da ecologia, focalizando processos, relações e sistemas totais (sejam eles humanos ou naturais). Nessa perspectiva, a língua é vista como um sistema de comunicação aberto, adaptativo, criativo e dinâmico. Estuda-se, dessa forma, a ecologia da comunicação das línguas por meio de métodos multidisciplinares, empíricos e analíticos, levando sempre em consideração o contexto ecológico em que se dá a



comunicação. É um estudo voltado para a descrição dos sistemas ecológicos com a finalidade de entender o mundo humano e natural.

Em conjunto, toda essa base teórica fundamenta ontologicamente os princípios da Ecolinguística, que se orienta por meio da ecologia profunda para pensar a ciência, alinhando-se ao paradigma ecológico e, por isso, partindo sempre de uma visão ecológica de mundo. Capra (1991), a partir de sua teoria sistêmica, ao pensar a visão ecológica de mundo, traz a ideia de que é possível estudar o todo por meio de suas partes e do modo como elas se relacionam, dando abertura para uma visão holística das relações ao invés de uma visão cartesiana dicotômica. Dessa forma, as partes são vistas como um reflexo do todo, aos moldes do “eu ecológico” proposto por Naess (1973), expandindo-se e se aprofundando nos arredores de sua existência, nas relações que estabelece. Dessa forma, é possível olhar para a dinâmica do todo, o modo como se transforma e se articula na interação constituída numa rede de relações e avaliar, por meio de uma perspectiva teórico-epistemológica, a realidade e seu funcionamento. É nesse sentido que a linguística se insere no paradigma ecológico e incorpora os princípios ontológicos inerentes à visão ecológica de mundo e à ecologia profunda.

## **1.2 Ecossistema linguístico: fundamentos teórico-epistemológicos da Linguística Ecolinguística**

Após evidenciar o alicerce ontológico, traçando o modo como a Ecolinguística enxerga a realidade, os pilares teórico-epistemológicos que sustentam essa ciência precisam ser dispostos para que as perspectivas, os conceitos e as ferramentas utilizados neste estudo sejam claros e suportem os próximos capítulos. A fim de alcançar esse objetivo, inicia-se essa seção com um panorama historiográfico do desenvolvimento da Ecolinguística no mundo até chegar à Linguística Ecolinguística, que é a vertente da Ecolinguística desenvolvida no Brasil e utilizada como fundamentação teórica para este trabalho.

### *1.2.1 Breve panorama historiográfico da Ecolinguística*

De acordo com H. Couto et al. (2016a), seria possível iniciar esse panorama na Antiguidade Clássica, utilizando como base a história da filosofia da linguagem, porém, neste estudo, importa ressaltar uma linha do tempo que tem seu ponto de partida no início do século

XX, com o estabelecimento da relação entre língua e meio ambiente, feita por Edward Sapir em 28 de dezembro de 1911, por meio da conferência nomeada “*Language and environment*”, na Associação Antropológica Americana. O texto foi publicado e, em 1969, traduzido para português por Joaquim Mattoso Câmara Jr., intitulado-se “Língua e ambiente” (H. COUTO et al., 2016a, p.17).

Sapir (2016 [1911]) faz diversos apontamentos que serviram de base para a formulação da Ecolinguística moderna. Dentre eles, destaca-se o olhar para os traços da cultura humana, observados por meio da relação entre indivíduo e coletivo, que propiciaram relacionar o ambiente natural ao ambiente social. Dentro desse espaço social e natural, o autor define a língua como um complexo simbólico que se estrutura como reflexo do contexto em que um grupo humano existe. Dessa forma, o ambiente social se torna determinante para estabelecer a relação entre o indivíduo e o ambiente físico. Voltado para questões estruturais, Sapir (2016 [1911]) observa em que níveis a língua é afetada ou não pelo ambiente natural e social, concluindo que a complexidade cultural, baseada na extensão dos conceitos culturais de um povo, torna o léxico mais complexo. Propôs-se, dessa forma, que a língua seria majoritariamente mental e inconsciente, a não ser pela relação de referência estabelecida entre léxico e meio ambiente.

Sendo assim, para Sapir (2016 [1911]), língua e cultura estão associadas em grupos humanos, mas tendem a afastar-se progressivamente, na medida em que a língua (conservadora) provém de uma psicologia coletiva e a cultura (em contínua transformação) se associa aos ambientes físico e social.

H. Couto (2007, p. 47) aponta a progressão das relações entre língua e ecologia, afirmando que, numa sequência temporal, no âmbito dos estudos linguísticos, expressões como “ecologia intralingua”, “ecologia interlingua” e “ecologia linguística” puderam ser verificadas por Einar Haugen, em 1967, quando C. F. Voegelin, F. M. Voegelin e Noel W. Schutz Jr. utilizaram esses termos, porém, não desenvolveram a ideia por trás deles.

Outras relações entre ecologia e língua foram feitas nesse meio tempo, dentre elas, a psicolinguista, Slama-Cazacu, que expôs ideias compatíveis com a Ecolinguística na década de 1960, e as de Roman Jakobson, que relacionou as concepções de “linguagem” e “ecologia” na década de 1970 (H. COUTO et al., 2016a, p. 18)

É Einar Haugen, porém, em 1972, quem funda as bases do que se chama nos dias de hoje de Ecolinguística por meio da publicação da obra “*The ecology of language*”. H. Couto (2007) afirma que esse é o texto que dá forma à Ecolinguística em seus moldes contemporâneos, pois define o que é a “ecologia da língua” enquanto “[...] estudo das relações entre qualquer

língua dada e seu meio ambiente”. A fim de definir a noção de meio ambiente, Haugen estrutura uma visão que incorpora os âmbitos natural, social e psicológico, demonstrando que a cultura de um povo e o modo como se organiza numa rede de relações é que constitui o meio ambiente do qual se fala e sua dinâmica:

A definição de meio ambiente poderia levar alguém a pensar primeiramente no mundo referencial ao qual a língua proveria um índice. No entanto, isso não é o meio ambiente da língua, mas de seu léxico e gramática. O verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos. A língua existe somente nas mentes de seus usuários, e só funciona relacionando esses usuários uns aos outros e à natureza, isto é, seu meio ambiente social e natural. Parte de sua ecologia é, portanto, psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes de falantes bilíngues ou multilíngues. Outra parte de sua ecologia é sociológica: suas interações com a sociedade na qual funciona como um meio de comunicação. A ecologia da linguagem é determinada primordialmente pelo povo que a aprende, usa e transmite a outros (HAUGEN, 2016 [1972], p. 58).

Apesar de reificar a língua enquanto código utilizado pela sociedade, ou meio de comunicação, Haugen (2016 [1972]) demonstra como a mente individual se entrelaça num conjunto complexo de redes que dão forma à sociedade, entendida como a conexão com o outro, proporcionando a produção de sentidos em meio aos organismos e ao espaço físico que os envolve. Dessa forma, desenvolve-se uma visão em relação à visão estruturalista que se debruça sobre aspectos estruturais da língua, enfatizando os processos psíquicos e sociais que são parte inerente da interação comunicativa.

A ecologia da linguagem de Haugen (2016) se baseia num estudo que aproxima a língua de seu meio ambiente, ou seja, da sociedade que a utiliza como um de seus códigos. A língua se apresentaria, portanto, como uma ferramenta que existe na mente dos usuários, que a utilizam para interagir com o meio ambiente físico e natural que os envolve. O que deve ficar mais claro, nesse aspecto, é que o principal foco da ecologia da linguagem não é o ambiente físico e social ou mesmo a cultura, mas o povo que movimenta uma língua, que vive num ambiente físico e social e que dinamiza e transforma uma cultura.

Como na ecologia da interação comunicativa proposta por H. Couto (2007), Haugen (2016 [1972]) evidencia a necessidade de entender os fatores e as características que permeiam uma língua específica, defendendo a necessidade de analisá-los para que o estudo ecológico se efetive. Alguns dos elementos que devem ser levados em consideração são: a localização do grupo de falantes; o grau de intimidade existente entre eles; as relações sociais e as posições hierárquicas desenvolvidas no grupo por meio de status social e o grau de autonomia da

população. Essa visão da ecologia da linguagem toma como objetivo principal, portanto, a necessidade de descrever a situação social e psicológica de uma língua e os efeitos dessa situação sobre a própria língua, observando sua dinâmica, sua fluidez.

A fim de delimitar as diferenças mais evidentes entre o pensamento de Sapir e Haugen, comparando-os para que se notem as mudanças decorrentes da aproximação das linhas de pensamento que conduziram à Ecolinguística em relação ao paradigma ecológico e de seu consequente afastamento da perspectiva estruturalista, elaborou-se a seguinte tabela:

	<b>Edward Sapir</b>	<b>Einar Haugen</b>
<b>Perspectiva</b>	<b>Linguístico-estrutural</b> Olha para a cultura e para o ambiente físico e social em relação ao sistema linguístico.	<b>Ecológica</b> Olha para as relações intersubjetivas, tratando a língua como aspecto do comportamento humano, psicológico e social.
<b>Foco</b>	<b>Mundo referencial</b>	<b>Meio ambiente da língua</b>

**Tabela 01.** Quadro comparativo entre as perspectivas de Sapir e Haugen.

Se como princípio teórico a Ecolinguística só apareceu em 1972, como nomenclatura efetiva, ela só aparece, de acordo com H. Couto et al. (2016a), em 1975, por três vezes, no texto “*Basque, Breton, catalan, corse, flamand, germanique, d’Alsace, Occitan: l’enseignement des ‘langues régionales’. Langue française*”, de Jean Baptiste Marcellesi. Num segundo momento, o termo aparece no trabalho “*L’Aliénation linguistique: analyse tétraglossique*”, de Henri Gobard, em 1976. O terceiro momento em que a nomenclatura da ciência ecolinguística foi citada se encontra no texto de Kurt Salzinger, intitulado “*Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior*”, publicado em 1979, trazendo os princípios do que se entende hoje como a ecologia da interação comunicativa, ou o olhar para a relação entre um indivíduo e outro numa conversação situada em dado espaço.

De acordo com H. Couto et al. (2016a), em 1987, Alwin Fill, como um dos precursores da Ecolinguística moderna, publica o livro “*Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*”, em que delimita o objetivo principal da Ecolinguística. Na visão do autor, o foco da teoria precisaria avançar das questões estruturais da língua para o desenvolvimento da

relação entre língua e mundo, tendo como foco as interações entre falantes e as suas vidas, podendo avançar em dado momento para a relação entre tudo que é vivo e tudo que não é vivo no planeta.

H. Couto et al. (2016a) afirma que só em 1993, a partir da publicação de duas introduções à Ecolinguística, a disciplina se consolidou de forma definitiva. Uma delas foi feita por Alwin Fill, na Alemanha, e intitulada “*Ökolinquistik: Eine Einführung*”, enquanto a outra foi escrita por Adam Makkai, na Inglaterra, sob o título “*Ecolinguistics: Toward a new paradigm for the Science of language?*”.

Outros autores foram importantes para estruturar a base da Ecolinguística, integrando-se à teoria e utilizando-a em seus estudos. Dentre eles é possível citar: William Mackey, Dwight Bolinger, Wilhelm Trampe, Peter Finke e Jørgen Chr. Bang & Jørgen Døør.

Após esse trajeto pela história que conduziu à construção do palácio da Ecolinguística, alcança-se a teoria elaborada por H. Couto (2007) sobre as bases até aqui expostas. Apesar de já ter citado a relação entre língua e meio ambiente anteriormente, H. Couto não havia sistematizado ainda a Linguística Ecolinguística, que é a vertente da Ecolinguística trabalhada no Brasil. O marco para o nascimento dessa ramificação da Ecolinguística se deu no ano de 2007, com a publicação do livro “Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente”. Apesar disso, à época, não se falava ainda em “Linguística Ecolinguística”, termo que passou a ser utilizado por H. Couto (2013).

A disciplina Ecolinguística foi trazida para o Brasil a partir de conceitos estabelecidos pelos alemães Peter Finke, Wilhelm Trampe e Hans Strohner, com o nome de Linguística Ecolinguística (H. COUTO et al., 2016a).

H. Couto (2007) define a Ecolinguística como “o estudo das relações entre língua e meio ambiente”, como é assegurado pelo próprio subtítulo da obra, demonstrando seus aspectos multidisciplinares, excedendo os limites dos estudos ambientais e tomando como foco o estudo das várias linguagens inseridas em ecossistemas linguísticos antropogênicos. A noção de meio ambiente é entendida como o lócus em que acontece a interação comunicativa, sendo observada de forma holística em três instâncias da realidade: a instância natural (física), a mental e a social. Essas três instâncias se projetam no ecossistema linguístico, que é o resultado da relação estabelecida entre um povo, um território habitado por ele e uma língua como expressão de interação.

Após a publicação de H. Couto (2007), diversas obras foram publicadas pelo autor e pelos membros do grupo que foi criado no eixo Brasília-Goiânia, dando forma a uma conexão entre o grupo de pesquisa NELIM (Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário), da

Universidade Federal de Goiás, e os pesquisadores da Linguística Ecológica, da Universidade de Brasília. Dez anos após a publicação de H. Couto (2007), a Ecolinguística e a Linguística Ecológica se difundiram por todo o país, excedendo as cidades nas quais a teoria teve início e passando a ter representatividade em todas as regiões do Brasil, tendo como marco a publicação do livro “Linguística Ecológica - 10 anos de Ecolinguística no Brasil” (E. COUTO et al., 2017) . Todos os anos, acontecem eventos voltados para esse campo de estudos, intercalando entre o EBE (Encontro Brasileiro de Ecolinguística) e o EBIME (Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística). A disciplina de Ecolinguística é ofertada em diversas universidades do país, na graduação e na pós-graduação. Diversos pesquisadores atuam nessa área e vêm produzindo artigos, dissertações e teses incessantemente.

A Linguística Ecológica possui ainda outra vertente teórica, a Análise do Discurso Ecológica (ADE), que vem sendo desenvolvida desde 2015, tendo sido marcada pela publicação do livro “Análise do Discurso Ecológica”, escrito por H. Couto, E. Couto e Borges (2015). A ADE pode ser concebida como um estudo que olha para a interação comunicativa e para os discursos que a permeiam, culminando na proposição de ações realizáveis que possam reduzir as violências que se disseminam num ecossistema linguístico.

O trabalho aqui desenvolvido se situa na base teórico-epistemológica da Linguística Ecológica, se orientando por meio dos princípios desenvolvidos por H. Couto (2007). Tendo traçado este trajeto historiográfico da Ecolinguística que conduziu à base da teoria que fundamenta este estudo, almeja-se, na seção seguinte, destrinchar os principais conceitos que integram a Linguística Ecológica e que permitirão entender a formação do ecossistema linguístico e a conexão estabelecida entre meio ambiente e língua.

### *1.2.2 Linguística Ecológica: relação entre meio ambiente e língua no ecossistema linguístico*

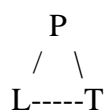
A Linguística Ecológica, enquanto vertente da Ecolinguística, é descrita por H. Couto (2007), precursor dessa teoria no Brasil, como o estudo que relaciona língua e meio-ambiente por meio de uma perspectiva que é acima de tudo ecológica, buscando, nas interações, observar a manifestação da comunicação, olhando para a língua em relação às comunidades de falantes, pois há uma pressuposição recíproca entre o existir-vida-humana e o existir-língua (interação). Partindo de uma perspectiva que prima pela harmonização constante das relações, pensa-se na língua como o conjunto das interações, uma teia que se edifica no contato interpessoal e, como assegura H. Couto (2007), nasce, cresce e morre na conexão com o outro.

Haugen (2016 [1972]) traz à tona o foco dos estudos ecolinguísticos, evidenciando a interação como a base de toda produção comunicativa num ecossistema linguístico, já que a língua, para H. Couto (2007), não se configura como organismo ou coisa, mas como a interação em si. Portanto, procura-se entender e descrever as características das interações comunicativas, buscando evidenciar de que modo elas ocorrem.

Funda-se, dessa forma, uma teoria que é, antes de tudo, ecologia, ou seja, um estudo ecossistêmico (que envolve as relações organismo-organismo e organismo-mundo) das interações comunicativas. Pensando nisso, afirma-se que a Ecologia Linguística (Linguística Ecosistêmica) é o olhar holístico do pesquisador, na medida em que envolve diferentes níveis da composição vital (corporeidade, psiquismo e sociedade), sobre um recorte específico das condições de existência das interações (suas características materiais, psicológicas e sociais), ou seja, de todos os elementos que permitem sua emergência em dado momento e espaço. Tais condições são, portanto, elementos fundamentais para entender o modo como a vida se desenvolve e se transforma em um território, nas relações de uma população de indivíduos e, no caso dos seres humanos, na língua, que, junto aos falantes, está em constante transformação.

H. Couto (2013) explica que a Linguística Ecosistêmica tem esse nome por estar associada diretamente ao conceito que move os princípios da ecologia, o “ecossistema”. Dessa forma, é preciso que esteja claro que o uso dos princípios da ecologia não se dá de maneira metafórica dentro da Linguística Ecosistêmica, sendo literal. Olha-se para as comunidades humanas enquanto ecossistemas antropogênicos e não como uma analogia em relação à noção de ecossistema mobilizada pela biologia, situando-as assim dentro dos limites da ecologia geral, como proposta por Garner (2004).

Dessa forma, o principal conceito desenvolvido e mobilizado pela Linguística Ecosistêmica é o conceito de ecossistema linguístico, que pode ser dividido numa tríade para que seja entendido em sua totalidade. Aos moldes do ecossistema biológico, o ecossistema linguístico se baseia num tripé, segundo H. Couto (2017a), que relaciona um povo/população (P), que vive e se relaciona dentro de um território/espaço físico (T) e interage por meio de uma forma regularizada e normalizada de comunicação, nesse caso, a língua (L). Uma forma de representar essa estrutura do ecossistema linguístico foi proposta por Couto:



**Figura 1.** Ecossistema Linguístico (H. COUTO, 2013, p. 25).

Evidencia-se que a relação entre a língua e o território não se dá de maneira direta, por isso, utiliza-se uma linha tracejada para representá-la. O povo media a relação entre língua e território, vivendo em um espaço físico, interagindo diretamente com ele, significando-o e dinamizando-o por meio da língua.

Para H. Couto (2013), a representação desse ecossistema pode ser considerada como um portal para entender o mundo de uma nova perspectiva, pela ótica da visão ecológica de mundo, trazendo a ecologia para o campo da linguagem por meio dela. Deixa-se de lado, assim, a visão cartesiana que circula e predomina no ocidente, para que se olhe para as relações linguísticas humanas em sua integralidade.

Partindo desse princípio que integraliza o ecossistema como um todo multifacetado, olha-se para a língua de maneira holística, alinhando a teoria ao paradigma ecológico, à visão ecológica de mundo, passando a olhar para as relações como um conjunto que é construído em rede, permitindo ao ecolinguista entender as diferentes manifestações da língua dentro de um ecossistema linguístico.

Retomam-se as ideias de Capra, agora em sua obra “A teia da vida”, que traz uma proposta que tende a se espalhar por todos os campos da ciência, que é denominada por ele de “teoria sistêmica”, uma visão que se baseia nos princípios da biologia organísmica:

[...] uma propriedade que se destaca em toda vida é a sua tendência para formar estruturas multiniveladas de sistemas dentro de sistemas. Cada um desses sistemas forma um todo com relação às suas partes, enquanto que, ao mesmo tempo, é parte de um todo maior. Desse modo, as células combinam-se para formar tecidos, os tecidos para formar órgãos e os órgãos para formar organismos. Estes, por sua vez, existem dentro de sistemas sociais e de ecossistemas. Ao longo de todo o mundo vivo, encontramos sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos (CAPRA, 1996, p. 40).

O que se destaca nessa teoria é o caráter interacional das relações estabelecidas nos sistemas vivos, que na Ecolinguística são concebidos como redes interacionais. Para Capra (1996), o todo é que regula o modo como as partes interagem entre si num sistema total, criando leis de funcionamento que lhe são próprias, partindo de suas regularidades para que se conceba um fluxo dinâmico em uma rede de interações. Sendo assim, o princípio relacional de Capra se revela como um princípio estruturante da vida.

Dentro do espectro da Ecolinguística, a teoria sistêmica se insere na concepção de ecossistema linguístico, na medida em que integra as partes que compõem o todo e que estão dispersas em outras visões de mundo que não a ecológica. Retomam-se os elementos que fazem

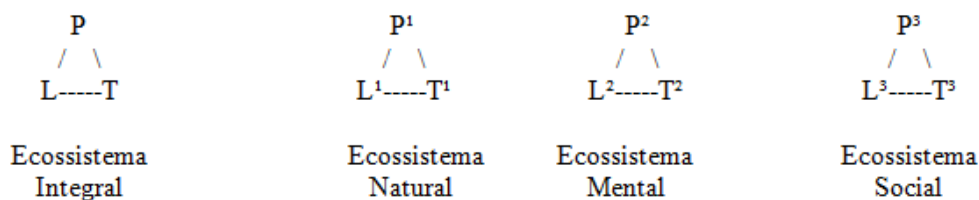


parte do conjunto total do ecossistema e delineiam-se suas relações como uma rede que possibilita a interação comunicativa enquanto fenômeno natural do próprio ecossistema linguístico, estando subordinado às regras interacionais que permitem criar sentido no contato com o outro por meio da comunicação.

Apesar de existirem regras gerais que regularizam as interações, é necessário salientar que cada interação num ecossistema linguístico é singular, dada a diversidade e a complexidade desse sistema. O fato de a interação estar inserida num ambiente que contém regularidades não cria uma dinâmica de regulação baseada na repetição dos eventos comunicativos. Pelo contrário, as regras instauradas pelas regularidades apenas orientam princípios para a comunicação, estabelecendo certos processos interacionais que estão atrelados à cultura de um povo e aos modos como, na conversação, compartilham-se sentidos.

O princípio interacional de Capra (1996) ilustra, portanto, um modelo dinâmico da vida em si, criando redes ecossistêmicas que orientam a movimentação dos processos físicos, mentais e sociais dentro de sistemas antropogênicos complexos.

Convergindo com as ideias de Capra e com a visão ecológica de mundo subjacente a elas, a Ecolinguística parte do princípio de que o ecossistema linguístico não só reúne e relaciona uma língua, um território e uma população, mas olha para esses elementos como parte de um ecossistema integral da língua, no qual ocorrem as interações comunicativas. De acordo com H. Couto (2007), esse ecossistema se baseia na relação indissociável entre os ecossistemas natural (físico), mental e social, que constituem um mesmo sistema e são interdependentes. Dessa forma, a teoria de Capra (1996) de que sistemas menores constituem sistemas maiores e de que cada um desses sistemas forma um todo relacional se reproduz no âmbito dos estudos ecolinguísticos. H. Couto (2017a) representa essa dinâmica da seguinte maneira:



**Figura 2.** Ecossistemas Linguísticos (H. COUTO, 2017a, p. 37).

De acordo com H. Couto (2017a), o ecossistema integral da língua abarca em seu interior três outros ecossistemas que são diferenciados dele por meio de índices numéricos: o ecossistema natural; o ecossistema mental e o ecossistema social. Esses sistemas permitem olhar para a língua de ângulos diferentes, fazendo ver seus meios ambientes específicos e sua relação com os aspectos da linguagem.

O ecossistema natural da língua é constituído por um povo ( $P_1$ ), como agentes físicos, de carne e osso, que dá forma a uma população de seres vivos naturais. Essa população habita um território ( $T_1$ ) físico, um espaço onde se movimenta e se relaciona, por meio de uma língua ( $L_1$ ) que representa o conjunto das interações linguísticas num ambiente físico, incluindo, de acordo com H. Couto (2017a, p. 37), “[...] o lado biológico, o articulatório, o proxêmico e o cinésico da língua.”.

O ecossistema mental da língua, diferente do ecossistema natural, é constituído por uma população vista individualmente ( $P_2$ ), como seres pensantes que se definem por meio de sua mente. Esses indivíduos centralizam suas interações mentais em um território neurológico ( $T_2$ ), o cérebro, e dispõem de um sistema nervoso que articula sinapses neurais, configurando o lócus dos processos mentais. Nesse âmbito, a língua pode ser entendida como processo mental ( $L_2$ ), derivado de atividades, de armazenamento e da formação da base cognitiva que possibilita as interações linguísticas. Nesse recorte do ecossistema integral da língua, as interações acontecem como parte da realidade psicológica do ser.

O último sistema dessa tríade é o ecossistema social da língua, que é constituído pela coletividade dos indivíduos ( $P_3$ ) e as posições que ocupam enquanto seres sociais. O lócus em que esse coletivo reproduz suas interações é a própria sociedade ( $T_3$ ), em que a língua se apresenta como um fenômeno social ( $L_3$ ) que, para H. Couto (2017a), é o modo como geralmente se define o conceito de língua em outras perspectivas teóricas.

Passando pela noção de ecossistemas linguísticos, é relevante pontuar que o meio ambiente da língua também se divide em três instâncias da realidade, sendo elas: a instância natural (física); a instância mental e a instância social. Essa visão da divisão do lócus da interação converge também para a formação de uma integralidade. Não é possível, na perspectiva da Ecolinguística, olhar para a língua como um fenômeno apenas físico, mental ou social. A língua, sob o olhar desse campo de estudos, faz parte de uma realidade biopsicossocial.

Dessa forma, de todos os ângulos que se olha para a língua, pelo viés ecolinguístico, o observador se debruça sobre as interações que acontecem nas partes do ecossistema e em sua integralidade. O centro dos estudos da língua se estabelece, portanto, no seu acontecimento real, na interação comunicativa contextualizada num ecossistema linguístico específico.

H. Couto (2007) ressalta a importância do conceito de comunhão para a manutenção da interação comunicativa e da relação entre interactantes. De acordo com E. Couto (2017), a comunhão é um princípio de disposição em relação ao outro com quem se interage, o compartilhamento de valores, objetivos ou sentimentos positivos. Configura-se, dessa forma, uma predisposição para interagir comunicativamente, mesmo que os indivíduos não interajam

de fato. Partindo desses princípios, tanto em interações efêmeras, entre indivíduos que se viram apenas uma vez e talvez nunca mais se vejam, quanto em interações contínuas, entre indivíduos que se encontram com certa frequência, as interações harmoniosas são concebidas como interações perpassadas pela comunhão.

H. Couto (2013) é enfático ao dizer que a língua é mais do que uma ferramenta ou código a ser utilizado para a comunicação, para formar frases, ou como instrumento de expressão do pensamento. Para o autor, a língua é interação. Vê-se a necessidade de entender a língua como algo que excede a estrutura gramatical e sua normatividade, ou mesmo a descrição da gramática. A língua é a possibilidade e a organização da interação comunicativa em si, configurando-se como uma rede relacional, excedendo as estruturas gramaticais e a linguagem verbal e se estendendo às regularidades construídas pela cultura de um povo, o aporte histórico que é o pano de fundo de uma comunidade, a organização e as relações sociais desenvolvidas.

A fim de entender a dinâmica das interações comunicativas no complexo relacional do ecossistema linguístico, H. Couto (2007) desenvolveu a ecologia da interação comunicativa (EIC) objetivando destrinchar as peculiaridades do evento comunicativo a partir de suas regras interacionais, enquanto regularidades associadas diretamente à cultura de uma comunidade, que estabelecem e refletem valores nos modos de interagir e permitem compartilhar sentidos. Além disso, um dos focos da Ecolinguística está, especificamente, nas regras sistêmicas, que são parte das regras interacionais e refletem as normas que conduzem os usos da língua em uma comunidade.

A EIC é vista, por isso, como o cerne da linguagem, em razão de abarcar os modos de interagir comunicativamente dos interlocutores e a produção e compartilhamento de sentidos que dela decorrem, sempre levando em consideração sua pertença a um ecossistema linguístico que se divide em diferentes âmbitos da realidade.

### **1.3 Redes de interação recortadas: a noção de comunidade na Linguística Ecossistêmica**

Quando se pensa num ecossistema linguístico, pensa-se também nos indivíduos que nele vivem e na relação que estabelecem em dado espaço, levando em consideração os meios ambientes natural, mental e social que os rodeiam. H. Couto (2007) usa o conceito de comunidade de fala para falar desses agrupamentos, que podem ser recortados dentro de ecossistemas linguísticos enquanto redes de interação, definindo-os como conjuntos de pessoas que convivem de forma duradoura em um mesmo espaço e interagem por meio de uma língua.

Esse conceito é diferente da noção de comunidade de língua, que é descrita por H. Couto (2007) como o conjunto dos grupos humanos que compartilham um mesmo sistema de regularidades linguísticas.

Sobre essa noção tão rica para a Ecolinguística, Schmaltz Neto (2017) assegura:

Pensar qualquer conceito por meio da visão ecológica de mundo deve ser um exercício que atravessa os três meios ambientes do ecossistema linguístico, a saber, os meios mental, social e natural. Isso significa que é necessária uma definição que abarque não apenas a interação entre os falantes e os valorize, mas leve em conta o todo do qual eles fazem parte e o processo infinito de inter-relações possíveis ao se observar a velocidade com que formam agrupamentos e os desfazem (SCHMALTZ NETO, 2017, p. 105).

A dinâmica das relações sociais, seu fluxo, os modos de interagir e o todo relacional precisam constituir a base para falar de grupos sociais que compartilham um mesmo espaço e interagem comunicativamente nele. Observando a diferença entre os conceitos de comunidade de língua e de comunidade de fala, nota-se que ambos se constituem como ecossistemas linguísticos, mas vão se diferenciar pelo grau de interação entre os indivíduos que habitam esses ecossistemas. Enquanto na comunidade de língua os indivíduos estão conectados de forma abstrata pelo compartilhamento das regularidades do sistema linguístico utilizado para interagir comunicativamente, levando em consideração todas as variedades que nele existem (como acontece em relação a Brasil e a Portugal, que compartilham o mesmo sistema linguístico, mas os indivíduos que o utilizam não convivem no mesmo território), na comunidade de fala os indivíduos se conectam diretamente, interagindo uns com os outros no mesmo espaço, de forma concreta.

H. Couto (2016b) assevera que a comunidade de fala se constitui como uma parte da comunidade de língua, uma de suas manifestações reais, acontecendo num espaço delimitado e sendo regida por regras interacionais específicas daquela comunidade. O ecolinguista olha, portanto, para a comunidade de fala almejando investigar as interações que nela acontecem e suas características, levando em consideração todos os aspectos ecossistêmicos que se evidenciam nos eventos comunicativos. Dessa forma, o pesquisador tem a capacidade de recortar uma comunidade de fala específica a depender dos objetivos de sua pesquisa, levando sempre em consideração a necessidade de evidenciar os elementos que constituem o ecossistema da língua, delimitando o território em que a comunidade se localiza, as pessoas que dela fazem parte e o modo como interagem naquele espaço.

Schmaltz Neto (2017) faz adições importantes ao conceito de comunidade de fala, incluindo a possibilidade de um falante fazer parte de diversas comunidades de fala. O autor

ainda pensa além, deixando claro que é preciso se atentar para quem são os falantes, para a frequência das interações e para a intensidade das comunhões estabelecidas entre eles. A partir desses pressupostos, conclui-se que é preciso entender a totalidade ecossistêmica da qual fazem parte esses indivíduos para que se possa entender a dinâmica de suas relações intersubjetivas.

Partindo desses conceitos estabelecidos pela Linguística Ecossistêmica, manifestados conjuntamente pela ideia do ecossistema linguístico, e entendendo a visão ecológica de mundo como um olhar que agrega as partes de uma rede de relações sistêmicas para refletir o todo, o conceito de comunidade de fala materializa a teoria e constrói uma ponte para o ecossistema em sua manifestação mais real, a dos grupos humanos que interagem comunicativamente e habitam um mesmo espaço.

Os conceitos mobilizados neste capítulo serão o aporte teórico que dará sustentação ao desenvolvimento deste estudo e possibilitarão entender as novas formas de interagir comunicativamente dentro da sociedade tecnocrática capitalista.

Entender os fundamentos ontológicos e epistemológicos da Ecolinguística é uma condição essencial para que se estabeleçam a perspectiva da qual se fala e os rumos que foram tomados no desenvolvimento do trabalho.

## **CAPÍTULO 2 | O CORPO PRODUZINDO SENTIDOS: A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS FÍSICOS/NATURAIS PARA A INTERAÇÃO COMUNICATIVA**

Este capítulo terá como enfoque demonstrar, com base nos princípios discutidos e expostos por H. Couto (2016a, 2017a e 2017b), o modo como o corpo produz diferentes sentidos na interação comunicativa face a face, auxiliando a linguagem verbal, a fim de que os interlocutores consigam se entender de forma recíproca, orientando-se por meio das regras interacionais que são normalizadas dentro de uma comunidade de fala específica. Além disso, serão estabelecidos diálogos entre diversos pensadores, a fim de refletir sobre o modo como a comunicação não-verbal acontece e sua relevância para o estudo da interação comunicativa virtual. Dessa forma, ao analisar a importância da corporeidade, pode-se entender os efeitos de sua ausência na realidade virtual. Os autores mobilizados para pensar a comunicação não-verbal serão Davis (1979), Fast (1970) e Vayer & Toulouse (1985).

Propõe-se explorar, a partir dos estudos desenvolvidos pelo psicólogo americano Paul Ekman (1999 e 2011), a capacidade do ser humano de produzir sentidos de forma involuntária por meio de expressões faciais inconscientes, geradas por emoções e impulsos nervosos, sendo impossível manipulá-las. Essas microexpressões como formas de produzir sentidos na interação face a face por meio do corpo também são relevantes para um estudo que propõe entender os efeitos da transposição da realidade física para a realidade virtual, almejando analisar o modo como a ausência da face física incorre na criação de uma face virtual que precisa emular os mesmos sentidos sem que tenha o corpo físico como suporte.

### **2.1 O corpo produzindo sentidos na interação: comunicação não-verbal**

Antes de adentrar as discussões sobre o ambiente virtual e as redes sociais digitais, acredita-se na necessidade de refletir sobre um elemento que é suprimido no processo de transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, o corpo, com a finalidade de evidenciar seu papel fundamental na realidade física para que a comunicação se efetive por meio das linguagens verbal e não-verbal e de salientar como a sua ausência no ambiente virtual provoca a emergência de um novo modelo comunicacional que demanda a reestruturação dos modos de interagir e de viver.

De acordo com Couto (2016a), a interação comunicativa face a face se dinamiza no ecossistema linguístico por meio da relação entre povo, língua e território. Nessa medida, ressalta-se o fato de que os interagentes precisam estar localizados em um mesmo espaço físico

para que possam se comunicar, utilizando seus corpos para que possam interagir, orientando-se a partir de regras interacionais que se alicerçam na corporeidade do ser.

Grande parte dos estudos linguísticos tem se dedicado à linguagem verbal oral (que depende do corpo para que se concretize) como principal elemento na produção de efeitos de sentidos, porém, é preciso considerar a complexidade que perpassa o fluxo interacional, constituindo-se por meio de elementos que excedem os limites das regras sistêmicas mobilizadas num ato de interação comunicativa. É necessário vislumbrar também, como aponta Couto (2017a), a existência de elementos proxêmicos, cinésicos e paralinguísticos na produção dos sentidos.

Para que se observe a diversidade de elementos que circundam a linguagem verbal oral e permitem atingir um alvo comunicativo na negociação de sentidos com outrem, Couto (2017b) evidencia alguns dos componentes que acompanham a fala e contribuem para a produção de enunciados, sendo aceitos e regularizados comunitariamente. Em primeiro lugar, aparecem a qualidade vocal e a vocalização, como partes dos elementos paralinguísticos que dependem de estruturas biológicas e articulatórias para que possam se realizar, sendo responsáveis por manipular os recursos sonoros sobre os quais o falante tem controle no momento da fala, incluindo o controle dos articuladores ativos do aparelho fonador, o tempo da fala, as características vocais, a entoação, os tons, os acentos, as pausas, os ritmos, entre outros. Todos esses itens moduladores do dizer audível contribuem para a produção de efeitos de sentido num ato de interação comunicativa. Em alguns casos, segundo Couto (2017b), vocalizações que não englobem sequer um item lexical podem gerar sentidos completos, como o bocejo, o muxoxo ou pedir silêncio por meio do uso de “psiu!”.

Relacionando aos elementos paralinguísticos, Couto (2017b) ressalta a existência dos elementos cinésicos e proxêmicos. Enquanto a cinésica se ocupa dos gestos e dos movimentos corporais (incluindo o direcionamento e a configuração do olhar e as expressões faciais), a proxêmica determina como os falantes se posicionam no espaço físico ao interagir comunicativamente.

Tanto os elementos paralinguísticos, quanto os cinésicos e os proxêmicos são agrupamentos de recursos físicos/corporais que podem ser dinamizados nos atos de interação comunicativa para que sentidos sejam produzidos de forma complexa, baseando-se nas atribuições valorativas disseminadas culturalmente num ecossistema linguístico e excedendo a instância da linguagem verbal oral. Esses ingredientes da interação comunicativa face a face dependem da co-presença dos interlocutores num mesmo território e não podem ser transpostos diretamente para o ambiente virtual.

O corpo se configura como um componente basilar na constituição do ecossistema linguístico, permitindo ao sujeito identificar-se enquanto ser subjetivado e relacionar-se com o mundo ao seu redor e com outros sujeitos. O fato de que o corpo se encontra constantemente em interação com os meios ambientes e os organismos que o cercam conduz o pensamento à delimitação do sujeito por meio da consciência corporal. De acordo com Vayer (1984), desde crianças, os seres humanos são capazes de reconhecer e diferenciar aquilo que os constitui fisicamente do mundo. O reconhecimento dos limites do ser conduzem à delimitação de um espaço do ser, no qual se age e se interage. Sendo assim, o sujeito se torna capaz de mobilizar sua corporeidade para que possa estabelecer diferentes relações no ambiente em que vive, produzindo sentidos e tornando-se parte da sociedade enquanto organismo ativo que se comunica por meio de diferentes linguagens. Nos primeiros momentos de vida, segundo Vayer (1984), o bebê não delimita sua constituição física, estando acostumado ao útero materno, entendendo-se como parte física estendida de sua própria mãe. Na medida em que as experiências corporais, mediadas pela interação com o mundo e com outros sujeitos, se desenvolvem, a criança passa a delimitar o espaço de sua corporeidade, subjetivando-se. Esse processo de reconhecimento de si conduz ao que se chama aqui de consciência corporal, a partir da qual se podem produzir representações simbólicas constantes do corpo e de suas partes.

Ao perceber a imagem de si e a possibilidade de interagir com o outro (o mundo e os demais organismos), o sujeito passa a agregar sentidos e valores compartilhados culturalmente à sua corporeidade, por meio da linguagem, passando a ser elemento constitutivo do ecossistema linguístico que o afeta e é afetado por ele. Dessa forma, enquanto falante, o sujeito mobiliza regras interacionais para que os sentidos compartilhados num agrupamento social possam estabelecer interações comunicativas inteligíveis e conduzir ao senso de pertencimento a uma comunidade de fala, que não se resume às regras sistêmicas mobilizadas na conversação, mas à comunhão persistente entre interagentes num mesmo território e ao compartilhamento das formas diversas de produzir efeitos de sentido por meio do corpo. Esse processo leva à constituição de uma representação mental de si que, como veremos nos próximos capítulos, possibilitará ao falante projetar-se num ambiente virtual.

Com base nas premissas de Vayer e Toulouse (1985), nota-se que, ao se representar mentalmente o corpo e constituir uma consciência corporal, o sujeito marca suas identidades, num processo constante de aproximação e distanciamento em relação àquilo que o cerca. Definem-se, nas interações comunicativas face a face, as linguagens a serem dinamizadas pelo corpo e o modo como elas produzirão sentidos enquanto representam o sujeito.



De acordo com Vayer e Toulouse (1985), o sistema psicomotor nos seres humanos propicia, por meio de estruturas assimétricas que compõem os hemisférios cerebrais, a organização da consciência corporal, da sua dinâmica inserida num ambiente localizado espaço-temporalmente e das práticas desempenhadas pelo corpo na interação com outros organismos e com o ambiente circundante, de acordo com a complexidade sistemática que atravessa o processo de representação da imagem de si.

Vayer e Toulouse (1985) descrevem a dinâmica de representação do sujeito por meio de uma imagem corporal como resultante de um conjunto de interações cinéticas que convergem para a diferenciação do “eu” em relação ao mundo, permitindo que o sujeito seja o protagonista de sua própria existência.

Em completude ao que propõem Vayer e Toulouse (1985) sobre a consciência corporal, Fast (1970) contribui para este estudo ao pensar a linguagem do corpo não-verbalizada, denominando-a cinesiologia. Interagir por meio de recursos não-verbais exige que os interlocutores obedeçam a regularidades comportamentais que são produzidas socialmente. É importante lembrar que toda regularidade prevê uma faixa de resistência em que os sujeitos podem destoar do que está padronizado pela predominância das ocorrências, dinamizando e transformando constantemente as formas de produzir sentidos em todos os âmbitos da linguagem. Fast (1970) sinaliza ainda que a interpretação e a análise desses padrões interacionais não-verbais devem levar em consideração a diversidade de ambientes e culturas em que eles se inserem.

Fast (1970) utiliza o termo postura para designar o modo como os sujeitos se movimentam ao se comunicarem. Essa forma de interação gestual que acompanha a linguagem verbal está presente em cada movimento feito pelo sujeito ao materializar enunciados numa interação comunicativa face a face, como balançar levemente a cabeça a fim de comunicar ao interlocutor o fim do seu turno de fala e solicitar uma resposta ao que foi dito, marcando o início do turno de fala da outra pessoa.

É necessário ressaltar que os sentidos produzidos na interação não se limitam apenas às linguagens dinamizadas pelos falantes. Para além delas, o contexto comunicativo precisa ser considerado como sistematizador dos sentidos que emanam de movimentos ou de expressões corporais e o alicerce cultural precisa ser entendido como uma base que reconhece, valida e padroniza a comunicação não-verbal. O modo como os sujeitos se comportam numa comunidade de fala está intimamente relacionado ao modo como interagem comunicativamente. Partindo desses princípios, observa-se que existe uma estrutura fisiológica que possibilita a concretização dos movimentos corporais e um sistema comunicativo não-

verbal que é regularizado por meio de aspectos culturais e sociais, sendo mediados pela instância mental, que permite ao falante mobilizar as regras interacionais que permeiam uma comunidade de fala para que possa se expressar comunicativamente a partir de diferentes linguagens. Os mesmos gestos podem produzir diferentes efeitos de sentido em comunidades de fala com regras interacionais diversas. Davis (1979) reforça a ideia de que a comunicação não-verbal, entendida como prática interacional que propicia a inteligibilidade entre os seres humanos, deve ser observada a partir do contexto situacional e da conjuntura social em que se insere. Essa posição é reforçada pela asserção de Davis (1979), de que os sentidos produzidos por meio da linguagem não-verbal se encontram abaixo do nível da consciência, estando ligados, portanto, ao processo de constituição dos sujeitos enquanto falantes de uma comunidade.

A interação comunicativa face a face se vale de diversos elementos para que possa se efetivar e gerar efeitos de sentido na conversação, como a linguagem verbal oral, os movimentos ou gestos corporais, a modulação dos recursos sonoros utilizados pelo falante, o estabelecimento da proximidade no espaço interacional, a orientação dos corpos e dos olhares, entre outros. Nos termos da Ecolinguística, seria possível dizer que esses elementos se constituem e se organizam social e culturalmente por meio de regras interacionais.

Em contraposição a uma parte considerável dos estudos sobre a linguagem não-verbal, Ekman (2011) aponta em seus estudos acerca de diversas culturas a existência de alguns movimentos corpóreos involuntários que podem se configurar como universais. O autor, porém, modaliza essa afirmação ao dizer que, na diversidade dos modos de interagir culturalmente, podem ser descritas regularidades que conduzem à adequação das expressões universais em dadas situações. Na seção seguinte, apresentam-se as ideias desse autor, a fim de refletir sobre como o corpo produz sentidos que não partem da vontade consciente dos falantes, o que é relevante ao pensar no processo de virtualização da interação comunicativa na medida em que o corpo é suprimido e os sentidos produzidos por ele deixam uma lacuna a ser preenchida no ambiente virtual.

## **2.2 Sentidos involuntários: microexpressões na interação comunicativa face a face**

Com a finalidade de entender a produção de sentidos por meio de movimentos corporais inconscientes, recorre-se aos estudos do psicólogo estadunidense Paul Ekman, um dos primeiros pesquisadores a abordar a relação estabelecida entre as emoções, enquanto manifestações do inconsciente, e as expressões faciais. As bases que conduziram Ekman a esse

estudo partiram da gravação de sessões de avaliação psicológica para que os pacientes pudessem receber alta. Ao receber a notícia de que uma de suas pacientes havia mentido sobre o seu estado psicológico e de que pretendia cometer suicídio após receber alta, o autor se dedicou a estudar as gravações da sessão da qual ela participou e constatou, numa pausa, antes de responder a uma questão sobre planos para o futuro, uma expressão de desespero.

Ekman (2011) chamou de microexpressões a movimentação de músculos faciais de forma involuntária e inconsciente, que duram menos de meio segundo e permitem entender as emoções do falante, o que sente, para além do que verbaliza. Esses sentidos são compartilhados e interpretados na interação comunicativa face a face, junto dos demais elementos que contribuem para a materialização da conversação, estando inseridos em um conjunto de traços que permite ao interlocutor depreender efeitos de sentido a partir dos indícios que consegue captar.

Darwin (1998 [1872]) foi um dos primeiros pesquisadores a pensar que a expressão facial das emoções poderia ter uma origem fisiológica, biológica, que fosse universal, alertando para a diversidade de expressões emocionais existentes ao estudá-las em diversas culturas. Ekman (1999) deu sequência a esses estudos ao entrecruzar aspectos de diferentes culturas para entender a dinâmica dos traços não-verbais na comunicação, passando a conceber as microexpressões faciais como formas universais de compartilhamento das emoções. Durante uma interação comunicativa face a face, olhar para o outro e interpretar uma expressão facial pode gerar diversos sentidos, possibilitando saber como está o humor da pessoa, quais são suas reações ao que é dito e ao que acontece ao seu redor, quais são suas predisposições na interação etc.

Para Ekman (1999), definem-se como expressões faciais primárias que transmitem emoções e são consideradas universais: a alegria/felicidade, a tristeza, a raiva/ira, o medo, a surpresa e o nojo/repulsa. De acordo com o autor, ainda que o falante procure simular outras emoções, manipulando sua própria face, a manutenção desse bloqueio da expressão das emoções sentidas é inviável e certas microexpressões tenderão a se materializar involuntariamente no rosto, por meio da contração de músculos, indicando a emoção que de fato se está sentindo.

Ekman (2011) assevera que, ainda que as expressões faciais elencadas anteriormente sejam categorizadas como universais, reconhecê-las e expressá-las depende de um processo profundo de integração a uma comunidade de interagentes, que estão expostos continuamente a padrões regularizados via cultura, que podem estimular ou dificultar a dinamização dessas habilidades pelos falantes. No entanto, Ekman (1999) descreve índices relevantes de

reconhecimento de microexpressões faciais semelhantes em diferentes culturas, corroborando a ideia de que exista uma base fisiológica comum para a expressão das emoções primárias descritas pelo autor.

Ao listar expressões faciais primárias que transmitem emoções, Ekman (1999) parece simplificar excessivamente a complexidade inerente ao ser humano, porém, o autor considera o modo como as emoções se confundem, se entrelaçam e podem emergir de forma conjunta e complexa. Para tanto, relaciona em uma lista quinze emoções que podem ser agrupadas nas seis emoções primárias anteriormente listadas. São elas: alegria, contentamento, excitação, satisfação, alívio, prazer, raiva, desprezo, orgulho, medo, culpa, tristeza, angústia, vergonha e repugnância. Com essa sistematização, não se presume que diferentes falantes de diferentes culturas experienciem ou percebam as emoções da mesma maneira, elas não são efetivamente universais, podendo ganhar diversos sentidos a depender do ecossistema linguístico observado.

O que Ekman (2011) propõe é observar as características não-verbais materializadas em microexpressões faciais que são regulares entre diferentes culturas disseminadas pelo mundo. Possibilita-se, assim, sistematizar conjuntos de traços físicos comuns aos seres humanos quando expressam certas emoções inconscientemente.

A fim de entender algumas microexpressões que podem ser observadas nas interações comunicativas face a face, descrevem-se, na sequência, as emoções primárias e como elas podem se materializar na interação comunicativa face a face de forma inconsciente, ainda que o falante tente mascará-las. É necessário salientar que as emoções primárias são subjetivas e podem ser sentidas em graus e de formas diferentes por cada sujeito, tomando forma no corpo por meio de microexpressões mais ou menos aparentes.

A expressão de alegria/felicidade se materializa principalmente no sorriso. Quando esse elemento está ausente, é necessário atentar-se a certas microexpressões localizadas na parte inferior da face, como as laterais dos lábios, juntos ou separados, levemente arqueadas para cima e estendidos para trás. Essa contração dos músculos em volta dos lábios faz, muitas vezes, com que apareçam linhas na face, decorrentes das dobras que saem das bases laterais do nariz e seguem até as laterais da boca. Na parte superior da face, podem aparecer rugas nos cantos externos dos olhos e as maçãs das bochechas ficam levantadas.

A expressão de tristeza manifesta o sofrimento do sujeito e se materializa na parte superior da face por meio de microexpressões que fazem com que as pontas centrais das sobrancelhas se projetem para cima e se aproximem, enquanto as pálpebras superiores ficam levemente abaixadas e o olhar perdido. Na parte inferior da face os lábios podem estar levemente arqueados para baixo.

A expressão de raiva/ira pode se materializar num conjunto diverso de microexpressões faciais. O aumento da pressão arterial pode fazer com que o rosto fique avermelhado e que as veias na testa e no pescoço fiquem mais pronunciadas. As sobrancelhas tendem a se mover para baixo e a se aproximar. Não se veem rugas na testa, apenas aqueles que são permanentes. Na parte inferior do rosto, a boca se fecha e os lábios se contraem.

A expressão de medo é complexa, pois é um sentimento que perpassa vários graus de intensidade e que pode estar associado a diferentes ocorrências, dos mais variados tipos. Algumas microexpressões representativas do medo são, na parte superior do rosto, as sobrancelhas arqueadas para cima, próximas e levantadas, enrugando a testa, enquanto os olhos ficam ressaltados e as pálpebras inferiores tensas. Na parte inferior da face, os lábios são levemente contraídos para trás e ficam tensos.

A expressão de surpresa gera microexpressões efêmeras, que duram na medida em que o sujeito toma consciência do acontecimento que o surpreendeu e o racional. Na parte superior da face, como no medo, as sobrancelhas ficam arqueadas para cima e levantadas, mas não se juntam, enrugando a testa e os olhos ficam amplamente abertos. Na parte inferior da face, a boca pode apresentar algum grau de abertura e os lábios se mantêm relaxados.

A expressão de nojo/repulsa tende a ser instintiva e objetiva evitar o objeto que lhe causa asco, podendo ser algo físico ou abstrato, como uma ideia repulsiva, ou valores completamente opostos aos do sujeito. As microexpressões de nojo/repulsa variam, mas podem apresentar a parte superior do rosto enrugada e, na parte inferior, o lábio superior levemente levantado.

Esse conjunto de exemplos demonstra as regularidades existentes entre as expressões faciais que materializam emoções de forma involuntária por meio de microexpressões, constituindo um aspecto da linguagem não-verbal que permite produzir sentidos na interação comunicativa por meio do corpo, junto de elementos paralinguísticos, cinésicos e proxêmicos que acompanham a linguagem verbal para que os falantes em interação possam negociar a produção dos efeitos de sentido de forma complexa, sem desconsiderar o contexto social e cultural que permeia a interação e o ambiente situacional no qual ela se insere.

Esse capítulo permite perceber a importância da realização de estudos linguísticos que estudem o movimento de transposição da realidade física para a realidade virtual, pois o aparecimento das redes sociais digitais traz consigo a emergência de um novo modelo interacional, marcado pela supressão do corpo físico e pela extensão de diversos ecossistemas linguísticos para uma mesma faixa de transição abstrata em que os falantes não precisam estar em co-presença. Portanto, não se podem mobilizar elementos paralinguísticos, cinésicos e proxêmicos ou materializar microexpressões faciais numa interação comunicativa virtual.

Demanda-se assim, a dinamização de um sistema que conte com regras interacionais próprias e que permita ao sujeito representar-se no ambiente virtual, disponibilizando ferramentas interacionais para que se possa interagir e se relacionar com outrem de forma satisfatória, inteligível, veloz e comunal, sem incorrer em perdas na produção dos efeitos de sentido.

### **CAPÍTULO 3 | REDES DE RELAÇÕES DIGITAIS: A INTERAÇÃO COMUNICATIVA VIRTUAL**

Neste capítulo, desenvolve-se o centro da tese aqui defendida, envolvendo teorias de diferentes áreas do conhecimento que permitem refletir o modo como se dá a transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, suas características, seus principais elementos, sua dinâmica e seu lugar dentro dos estudos ecolinguísticos. Propõe-se um novo modo de olhar para os eventos comunicativos que ocorrem num ambiente virtual, partindo da perspectiva da Ecolinguística. Com essa finalidade, dividiu-se o capítulo em quatro seções. Na primeira delas, apresenta-se o processo de virtualização da interação comunicativa, perpassado pela supressão de uma das bases do ecossistema linguístico, o território, como proposto por H. Couto (2007), e a constituição de uma faixa de transição entre diversos ecossistemas linguísticos estendidos que dão forma a um ambiente de interação virtual. Conduz-se, dessa forma, à criação de um ambiente de interação que não tem como pilar fundamental o corpo físico. Utiliza-se para fundamentar a visão sobre esse processo o conceito de virtualização, de Pierre Lévy (1999) e de Thompson (2011), entendendo as redes sociais digitais enquanto sistemas que conectam representações de indivíduos projetadas numa realidade virtual que é fluida, que se transforma a todo o tempo e que tenta se aproximar ao máximo da realidade física por meio de abstrações, atuando como uma extensão dessa mesma realidade, afetando-a e sendo afetada por ela. Assim, pessoas se conectam em diferentes pontos do planeta e em diferentes momentos por meio de sistemas eletrônicos que processam, recebem e transmitem dados, criando uma rede de relações digitais.

Na segunda seção, objetiva-se entender como a noção de regras interacionais desenvolvida por H. Couto (2007) se reproduz no espaço virtual. Demonstra-se o modo como as ferramentas interacionais utilizadas para mediar a interação virtual buscam substituir e compensar a ausência do corpo físico na interação comunicativa, funcionando como uma infraestrutura para que se formem sistemas de regularidades na interação virtual que orientam novos modos de interagir.

A terceira seção deste capítulo se baseia nos estudos de Jean Baudrillard (1976; 1992; 1997) e abre portas para o desenvolvimento da ideia de que as redes sociais digitais criam simulacros da realidade em que se desenvolvem valores morais e verdades próprias que resvalam para a realidade física e dela se constituem, construindo um ambiente que se movimenta de acordo com suas próprias regras, segundo a necessidade dos usuários ao projetar suas imagens e reproduzir suas identidades na interação. Por último, na última seção deste

capítulo, partindo das ideias de valorização da imagem de si e de espetacularização, de Guy Debord (1997), formula-se o princípio de que os usuários das redes sociais digitais se projetam no ambiente virtual por meio do uso de máscaras virtuais (dando forma a avatares) que representam suas identidades como reflexos do que são na realidade física ou as identidades que gostariam de vivenciar, libertando-os de seus próprios corpos e possibilitando um afastamento em relação a demandas éticas e morais.

### **3.1 Emergências no ecossistema linguístico: o processo de virtualização da interação comunicativa**

Podem-se observar diferentes tipos de interação comunicativa ao olhar para as relações humanas. A mais antiga delas é a interação comunicativa face a face, podendo ser entendida como a mais prototípica das formas de interação, tornando-se a base referencial sobre a qual as outras formas de interagir se constituíram. Porém, mesmo que se baseiem na interação face a face, as demais formas de interação se afastam aos poucos do que é o protótipo. A Ecolinguística, como ciência que olha para a linguagem e para as relações estabelecidas nas práticas linguísticas, se abre para a possibilidade de estudar outras manifestações da interação comunicativa que não estejam restritas ao que é prototípico, observando o afastamento desses modos de interagir em relação ao protótipo, dando atenção às modificações que ocorrem nas regras interacionais mobilizadas e no próprio ecossistema linguístico.

Caracterizar a realidade, as relações humanas e os modos como os seres humanos se comunicam se torna uma tarefa fundamental para entender os tipos de interação comunicativa. Numa análise superficial do tipo de interação comunicativa mais prototípico (face a face), nota-se que falante e ouvinte se pressupõem na comunicação e alternam turnos de fala num contexto de co-presença, intercambiando suas posições (o falante se torna o ouvinte e o ouvinte se torna o falante) num fluxo dialógico de informação e comunicação, estando presentes num mesmo espaço e num mesmo tempo, produzindo sentidos ao mobilizar certas regras interacionais estabelecidas via regularidade dentro de uma sociedade. Essas regras legitimam os sentidos produzidos e asseguram a manutenção da comunicação. Neste estudo, porém, o foco se projeta sobre outro tipo de interação comunicativa, que se distancia do protótipo comunicacional.

A pesquisa desenvolvida aqui está voltada para a interação comunicativa virtual, decorrente da criação de sistemas digitais que transmitem dados em rede, conectando pessoas ao redor de todo o mundo, em lugares e tempos diferentes. Dessa forma, uma rede de relações



se estabelece via internet, num processo de virtualização das interações, digitalizando o contato entre os indivíduos e suprimindo o componente físico da interação comunicativa em si.

Pensando na tríade desenvolvida por Couto (2007), que assegura a relação entre povo, território (físico) e língua na constituição do ecossistema linguístico, entende-se que, se um desses elementos está ausente, o ecossistema, como definido nos estudos ecolinguísticos, deixa de existir. É preciso evidenciar que o autor utiliza os princípios da ecologia biológica para desenvolver a ecologia linguística, sendo assim, os elementos que constituem um ecossistema não são metafóricos, eles são literais. Na transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, para que se estabeleça dentro de um ambiente virtualizado, o território enquanto espaço físico é suprimido, dando lugar a um ambiente interacional que não é físico, mas virtual. Os falantes não deixam de integrar ecossistemas linguísticos nesse processo, mas passam a participar de extensões deles que convergem e dão forma a um mesmo ambiente virtual, em que a interação é possível apesar da ausência do corpo físico.

Os indivíduos não interagem num espaço físico em comum, mas se relacionam num ambiente que virtualiza a interação comunicativa, dando forma a um simulacro que se configura como extensão de diversos ecossistemas, criando um espaço virtual de multiterritorialidade projetada, ou seja, um ambiente de entrecruzamento e integração ecossistêmica de forma porosa, podendo ser entendido como uma projeção da realidade física que é suportada por um sistema digital, em que os falantes não interagem por meio de seus próprios corpos, mas se constroem e constroem suas identidades a partir de máscaras digitais (que dão forma a avatares) criadas por eles mesmos, que possam representá-los de alguma forma.

A virtualidade abre, ainda, as portas para a criação de valores de verdade próprios do ambiente virtual, que não têm necessariamente compromisso com a realidade física e acabam escoando para os ecossistemas linguísticos. A potencialização da produção de inverdades ou de valores de verdade instáveis é provocada por um contexto de pós-verdade, em que as crenças pessoais e a busca por gerar certos efeitos nos contatos de uma rede social digital por meio das identidades que se reitera nas interações passam a ter mais valor do que os fatos objetivos, impactando as perspectivas de mundo que permeiam os ecossistemas linguísticos. De acordo com Nowogrodzki da Silva (2021), a necessidade de validar constantemente uma imagem do usuário dentro de uma comunidade de fala virtual reflete a demanda por se definir o tempo todo enquanto sujeito nesse ambiente, não tendo como lastro moral a punição ou a empatia, abrindo espaço para que se oriente por uma ética do ego que possibilita eximir o corpo físico de risco e invisibilizar os contatos enquanto pessoas que sentem e sofrem. Os modos de agir e interagir

nesse ambiente são, portanto, próprios da interação comunicativa virtual e se limitam mediante as ferramentas disponibilizadas pela rede social digital que conecta os usuários, provocando efeitos nos ecossistemas linguísticos a ela estendidos.

### *3.1.1 Uma emergência no ecossistema linguístico: virtualizando a interação comunicativa nas redes sociais digitais*

Entendendo o processo de virtualização das interações como a emergência de um novo modo de interagir que cria uma extensão do ecossistema linguístico, almeja-se, nesta seção, clarificar o modo como a virtualidade suprime a instância física do ecossistema, dando forma a uma esfera da realidade que lhe é própria.

De acordo com Lévy (1999), a palavra virtual vem do latim “*virtualis*”, derivado da palavra “*virtus*”, que significa potência. A noção de potência, segundo Aristóteles (2001), se refere àquilo que não se constitui como ato, ou seja, uma possibilidade de realização que se dá num plano abstrato. Entende-se, portanto, de acordo com Lévy (1999), que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual, ou seja, àquilo que acontece e se concretiza na realidade física. Sendo assim, o virtual é também real. Portanto, neste estudo, trabalha-se com as noções de realidade física, a fim de designar a esfera do atual, daquilo que de fato acontece e se concretiza materialmente, e de realidade virtual, a fim de descrever um plano potencial, em que as relações se baseiam em abstrações.

Olhando para o processo de inovação e de criação de novos recursos tecnológicos digitais, impulsionado no fim do século XX e no início do século XXI, nota-se o crescimento exponencial do acesso e da produção de tecnologias da comunicação e da informação que permitem a conectividade e a interação comunicativa entre indivíduos que se encontram em tempos e espaços diferentes. Surge, dessa forma, um novo sistema de comunicação em rede que funda um novo tipo de interação comunicativa, numa abstração da realidade física, em que as interações passam a ser virtualizadas e mediadas por sistemas eletrônicos.

Pensar a emergência de um novo ambiente de interação como extensão do ecossistema linguístico é fundamental para entender o processo de virtualização da interação comunicativa. A nova dinâmica interacional que se estabelece por meio da supressão do território físico compartilhado por interagentes provoca o afastamento em relação à noção de ecossistema para definir o conjunto das relações que se constituem num ambiente virtual, na medida em que se

retira do triângulo do ecossistema linguístico uma de suas bases fundamentais, o território físico. Ao extrair as relações físicas, corpóreas, que compõem e são parte inerente da interação física organismo-organismo e organismo-mundo do processo interacional, cria-se um novo ambiente para a interação que não se baseia num espaço físico comum para os interagentes, permanecendo apenas as instâncias social e mental, que permitem que pessoas interajam linguisticamente num ambiente virtual configurado como a extensão de diversos ecossistemas linguísticos em contato de forma rizomática. A partir desses pressupostos, é possível dizer que as redes sociais digitais se constituem como extensões de diferentes ecossistemas linguísticos, dando forma a faixas de transição porosas entre eles, permitindo que se choquem e se relacionem. Toma forma, assim, uma espécie de multiterritorialidade projetada, na medida em que vários ecossistemas se entrecruzam, se integram e se estendem no mesmo ambiente virtual.

De acordo com Lévy (1999), o acesso ao virtual só é permitido por meio da linguagem. Esse ambiente não pode ser entendido, portanto, como um ecossistema linguístico em si, podendo ser concebido como uma extensão abstrata que simula a realidade física dentro de um simulacro virtual. Desse modo, a interação comunicativa virtual pode conectar diferentes ecossistemas num ambiente virtual plural e dinâmico, sem que se limite a nenhum deles.

Apesar de ser uma extensão do ecossistema linguístico sistematizada num ambiente interacional virtual, a interação comunicativa não é embarreada de forma alguma, podendo se estabelecer em redes sociais digitais por meio de ferramentas interacionais que permitem emular aspectos físicos num ambiente virtual, compensando sua ausência.

Entendendo esse processo de emergência de um novo modelo comunicacional, observa-se que a interação comunicativa virtual não pode ser concebida como parte de um só ecossistema linguístico, mas como uma extensão abstrata que congrega diversos ecossistemas em um mesmo ambiente virtualizado. O acesso a esse simulacro virtual por meio de aparelhos eletrônicos físicos não justificaria dizer que há um componente físico na interação, pois os interagentes continuam afastados fisicamente. Esses dispositivos seriam, dessa forma, suportes mediáticos que permitem o acesso a uma realidade virtual. Em outras palavras, na interação comunicativa virtual, os usuários só se relacionam virtualmente, não fisicamente, independente do suporte que utilizem para se projetar nas redes sociais digitais.

O que se evidencia na exposição desse processo de virtualização da interação comunicativa é que, ao estudar os tipos de interação comunicativa pelo viés da Ecolinguística, referencia-se sempre o nível mais prototípico da interação linguística, a interação face a face.

Isso se deve ao fato de a interação comunicativa virtual buscar sempre se aproximar do protótipo interacional, desenvolvendo ferramentas que possam emular a interação física de forma abstrata. Por isso, o estudo aqui desenvolvido se baseia na comparação entre a interação comunicativa face a face e a interação comunicativa virtual, a fim de entender como se dá a transposição entre esses níveis comunicacionais, seus pontos de aproximação e de afastamento. Para Lévy, “A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia.” (1999, p. 20-21), dessa forma, o autor demonstra a propriedade de reconfigurar a interação comunicativa dentro de um ambiente virtual que não inclui a corporeidade, amenizando esse movimento de transposição por meio da criação de ferramentas que compensem a ausência do corpo.

A interação comunicativa virtual se materializa nas redes sociais digitais, que podem ser definidas como sistemas de conectividade na internet que permitem transmitir dados e informações, dando forma a comunidades de fala virtuais que se constituem por meio da afinidade dos usuários. Nota-se, dessa forma, a existência de uma abstração equivalente ao conceito de comunidade de fala, proposto por H. Couto (2007). Tal qual a comunidade de fala, explicitada no capítulo anterior, a comunidade de fala virtual agrega pessoas que se relacionam de forma regular num ambiente virtual, criando uma dinâmica própria para a interação por meio de uma língua, mas não se restringindo a um território específico, sendo limitada apenas pela afinidade entre os usuários e definida por sua interação regular e duradoura. É importante lembrar que, como nas comunidades de fala, os indivíduos podem participar de diversas comunidades de fala virtuais ao mesmo tempo, mas isso acontece de forma mais dinâmica e veloz. Um exemplo interessante dessa mobilidade é o *Facebook*, que permite ao usuário interagir com pessoas específicas por meio de mensagens privadas ou com grupos inteiros (abertos ou fechados) que estejam associados por afinidades ou objetivos em comum, tudo isso ao mesmo tempo, podendo intercalar janelas e enviar mensagens a grupos e contatos diferentes. Para Lévy (1999), essa dinâmica de velocidade e mobilidade está relacionada à propriedade de multiplicar o corpo no processo de virtualização, ou seja, o usuário deixa de se limitar ao invólucro de carne e osso que o recobre e pode se expandir, ocupar novos corpos, identidades e vários ambientes ao mesmo tempo. Dessa forma, as redes sociais digitais passam a se caracterizar como um ambiente para o estabelecimento de relacionamentos afetivos ou profissionais, baseados na premissa do compartilhamento, seja ele de ideias, dados ou informações, interligando usuários que tenham interesses e objetivos em comum.

Entende-se, portanto, segundo Recuero (2009), que as redes sociais digitais criam uma nova dimensão virtualizada de interações comunicacionais de um novo tipo, estabelecendo relações multidimensionais entre usuários num ambiente desprovido de componentes físicos, que pode ser definido como realidade virtual. De acordo com a autora, as redes sociais digitais criam um ambiente rico em possibilidades para as diversas áreas da vida humana, possibilitando, além da interação em si, uma multidirecionalidade, que está associada intrinsecamente às necessidades dos usuários, como compras online, jogos digitais, videoconferências, sistemas de atendimento ao cliente, plataformas educacionais (EAD), acesso à informação etc.

Recuero (2009) constata ainda uma mudança acentuada no comportamento da população na realidade física em razão das vivências no ambiente virtual, o que reforça a visão de que as redes sociais digitais são uma extensão dos ecossistemas linguísticos. É possível notar esse impacto analisando as relações culturais, linguísticas, políticas, sociais e econômicas que são diretamente influenciadas pelas ocorrências nos ambientes virtuais, como é o caso do aumento de notícias falsas (*fake news*) que circulam em comunidades de fala virtuais em períodos de intensa polarização ideológica e conduzem à crença de que, se é veiculado na internet, deve ser verdade.

A realidade virtual cria um espaço para o compartilhamento de saberes e de crenças que se disseminam a partir de uma dinâmica que lhe é própria, baseando-se na necessidade de reforçar a todo tempo a imagem de si que se busca transmitir para os demais contatos, deixando de lado fatos objetivos, aspectos históricos, culturais, filosóficos e sociológicos que se apresentam com maior legitimidade na realidade física e valorizando o mundo como é visto por meio da tela de um aparelho eletrônico. Debord (1997) chama esse movimento de “sociedade do espetáculo”, caracterizando-o como uma forma de alienação do povo para que se mantenha o controle político e econômico. As redes sociais digitais potencializaram esse processo, na medida em que democratizaram a voz popular sem contar, paralelamente, com um processo de letramento digital crítico, gerando reproduções massivas de inverdades ou de crenças infundadas pelo fato de reiterarem a face que se busca construir e de serem legitimadas nas comunidades de fala virtuais das quais se faz parte.

Compatível com o que se chama neste trabalho de interação comunicativa virtual, Thompson (2011) concebe o conceito de interação mediada, ou seja, a partir do uso de um meio técnico, nesse caso, os sistemas eletrônicos, são transmitidas informações e conteúdo simbólico

para indivíduos que estão dispersos espaço-temporalmente, não demandando a co-presença para que se realize a conexão, possibilitando a interação entre usuários que estejam em contextos temporais e espaciais diferentes. Dessa forma, torna-se mais difícil compartilhar referenciais espaciais e temporais da realidade física, por poder gerar incertezas no uso de advérbios de tempo e de lugar na interação comunicativa virtual (aqui, hoje, logo, agora, já, ali, acolá etc.). O não compartilhamento do mesmo espaço físico pode gerar entraves na interpretação do que é dito numa conversa online, como ambiguidades de sentido e ininteligibilidade da mensagem. Sendo assim, os usuários terão um trabalho adicional para pensar no que dizer e em como dizer antes de enviar mensagens, visando uma interação comunicativa inteligível, demandando a elaboração de dizeres que, apesar de ter muitos traços de oralidade, precisam oferecer informações e indícios de elementos que se materializam fisicamente na interação (existem diferentes ferramentas interacionais que possibilitam emular esses elementos virtualmente). Por outro lado, o interlocutor precisa refletir ao receber essas mensagens, para que possa interpretá-las da maneira mais adequada possível em relação ao contexto da conversa, já que pode não ter acesso a elementos interacionais físicos que produzem sentido, como o tom de voz, os gestos, as expressões etc.

Ao receber uma mensagem via interação comunicativa virtual (interação mediada), o usuário se orienta para coordenadas espaço-temporais diferentes daquelas que constituem seu contexto de recepção da mensagem, adequando-as o máximo possível à percepção espaço-temporal de sua vivência (THOMPSON, 2011). Toma forma assim o que Thompson (2011) chama de “experiência espaço-temporal descontínua”, em que o indivíduo cria uma suspensão em relação ao tempo e ao espaço em que se encontra fisicamente e se transporta para um contexto espaço-temporal abstrato, impulsionado pela interação comunicativa desenvolvida no ambiente virtual. Os usuários transitam, portanto, entre a realidade física do ecossistema antropogênico em que vivem e a abstração da realidade virtual. Lévy (1999) complementa essa perspectiva ao agregar a ideia de que a passagem da realidade física para a realidade virtual cria uma nova lógica espaço-temporal na interação:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação, se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. (LÉVY, 1999, Pág. 21)

Observa-se que a noção de virtualização de Lévy (1999) traz com ela o conceito de desterritorialização, que se aproxima da ideia de emergência de um novo modelo comunicacional por meio da extensão do ecossistema linguístico, demandando a supressão do espaço físico para que a realidade virtual possa existir de forma abstrata, rompendo, em consequência, com a temporalidade. Coadunando com a visão de Thompson, Lévy explicita uma mudança radical nas noções espaço-temporais, mas ressalta a transição de volta para a realidade física, em que o usuário se localiza, atualizando-se espaço-temporalmente no ecossistema em que vive.

Distanciando-se da interação comunicativa face a face, que é concebida como o protótipo da interação comunicativa, um novo modelo comunicacional toma forma, tendendo a afastar espaço-temporalmente os indivíduos que estão interagindo, pois eles não precisam se encontrar em co-presença. Por essa razão, nota-se um processo de reorganização dos tempos de fala. Na interação face a face, exigem-se respostas rápidas, que limitam o tempo de reflexão sobre o que será dito e como será dito para que o fluxo interacional não seja prejudicado. Além disso, a resposta é, muitas vezes física/corpórea, podendo ser voluntária ou involuntária. Numa interação comunicativa virtual, em razão da elasticidade do tempo e da provável ausência do interlocutor no mesmo espaço, o tempo de fala pode se alongar e o modo de interação, escrita ou via áudio, permite reflexão e reescrita/regravação, na medida em que se pode escrever/gravar, apagar, reescrever/regravar ou desistir de enviar uma mensagem, podendo ainda, em certas redes sociais digitais, apagar a mensagem após tê-la enviado. Essas características conduzem a uma elaboração sintática e a uma escolha de itens lexicais mais criteriosa, em razão de fazer com que o interlocutor entenda o que se diz, já que o corpo, que produz diversos sentidos involuntários na interação comunicativa face a face, é suprimido e o não compartilhamento do mesmo referencial espaço-temporal dificulta a localização dos usuários num ambiente abstrato. Esses fatores não conduzem a uma fala mais monitorada do ponto de vista da gramática normativa, ainda que o tempo de fala para a construção sintática possa ser maior, predominando aspectos da oralidade.

### *3.1.2 A cognição incorporada como fundamento do processo de virtualização da interação comunicativa*

Nesta seção, utiliza-se a neurociência como base para entender o modo como os usuários de redes sociais digitais conseguem se projetar num ambiente virtual e transitar entre diferentes contextos espaço-temporais. Para tanto, recorre-se ao conceito de cognição incorporada de Barsalou (2008).

É necessário evidenciar que a neurociência é o estudo científico do sistema nervoso e de sua dinâmica. Existem diferentes perspectivas e abordagens nesse campo do conhecimento. Olha-se para a neurociência, neste estudo, enquanto conhecimento interdisciplinar, que permite entender a lógica computacional e psicológica por detrás das relações constituídas nas redes sociais digitais, entendendo-as como sistemas que estão intrinsecamente atrelados à mobilidade das redes neurais de cada indivíduo.

Enquanto teoria do campo da neurociência, a cognição incorporada, segundo Barsalou (2008), está associada intrinsecamente às características físicas, corpóreas, do indivíduo e ao modo como se organizam as interações entre corpo e ambiente, o que retoma a ideia de ecossistema linguístico mobilizada por H. Couto (2007), definida como um recorte que se estabelece entre povo, território e língua (entendida como interação) e emerge na integralidade das relações naturais (físicas), mentais e sociais. Dessa forma, cria-se uma ponte entre o conceito de cognição de Barsalou (2008) e o conceito de ecossistema linguístico de H. Couto (2007), que relacionam o sujeito, enquanto ser biopsicossocial, ao ambiente em que vive e interage.

Nessa perspectiva, portanto, corpo e mente estão conectados e não podem se dissociar nas ações cotidianas, desde o modo como se entende e se percebe o mundo até a efetivação de interações que nele acontecem. O corpo conecta a mente do indivíduo ao mundo, permitindo que o perceba, enquanto a mente se estende para o corpo, permitindo que ele aja. Nessa dinâmica de interpolação, corpo e mente se tornam interdependentes e se pressupõem de forma recíproca.

Dissociando-se da ideia de que a cognição se restringe à produção de sentidos, estando ligada exclusivamente à memória semântica e não se relacionando com áreas do cérebro responsáveis por controlar capacidades de interação física do sujeito, Barsalou (1999) afirma que a relação entre indivíduo e mundo só é possível por meio da cognição. A relação de reciprocidade entre corpo e mente permite ao ser humano, por meio do cérebro, armazenar e



processar o mundo simbolicamente em sua riqueza de sentidos, contextualizando-o e estruturando, por consequência, a esfera da cognição.

De acordo com os princípios mobilizados por Barsalou (1999), é na interação sensório-motora que o indivíduo entra em contato com o mundo e adquire símbolos modais, produzindo um sistema lógico de possibilidades e probabilidades de aplicação simbólica, dando asas ao pensamento e à capacidade de raciocínio, o que permite que o ser humano analise situações, confronte-as com as suas experiências e com os seus conhecimentos e retire conclusões sobre o que pode e o que deve ser feito em dado momento. A cognição é resultante desse conjunto de movimentos.

Nesse processo contínuo de contextualização de suas interações no ambiente, a cognição do indivíduo é dinamizada, transformando-se de acordo com as suas experiências corpóreas no ambiente em que vive. Todo o processo cognitivo ocorre, dessa forma, na simulação de símbolos modais na mente do indivíduo. Em outras palavras, articulam-se as experiências vividas a fim de apreender sentidos e atuar no mundo por meio de representações simbólicas. Enquanto o corpo é um componente sem o qual a cognição não pode ser dinamizada e não pode existir, a cognição é a base fundamental para que o indivíduo consiga pensar, raciocinar, abstrair o mundo num plano mental, refletir sobre ele e gerir as ações do corpo em interações físicas, projetando-se e tomando lugar no ambiente em que vive.

Observando essa perspectiva e a dinâmica da cognição em relação ao corpo, nota-se sua importância para entender a interação comunicativa virtual e a relação da mente humana com o mundo virtualizado. A cognição consegue projetar a mente sobre o corpo e isso é uma de suas propriedades fundamentais, pois possibilita que o corpo seja parte do indivíduo e atue de acordo com os seus pensamentos, de forma voluntária. Essa cognição, segundo Barsalou (1999), pode ser expandida e incorporada a outros corpos. A fim de que se imagine uma situação em que a mente se estende para um novo corpo, observa-se como o indivíduo, cotidianamente, passa por esse processo sem perceber. Ao dirigir um automóvel, por exemplo, o corpo relacionado à cognição deixa de ser apenas o invólucro de carne e osso que delimita a extensão do humano, estendendo-se para toda a estrutura do veículo e incorporando a cognição a um corpo que não tem vida, mas que passa a ser controlado voluntariamente pela mente de um ser humano. Ao fazer uma curva enquanto dirige, o indivíduo não tem a sensação de virar apenas um volante, mas de virar o seu próprio corpo, entendendo-se como parte do mundo em novas proporções, ocupando o mesmo espaço que o veículo ocupa e tomando as responsabilidades por suas ações,

sua movimentação, expandindo a si mesmo. Um dos fatores que confirma essa teoria é o modo como se aprende e se naturaliza a atividade de dirigir. Para um motorista em fase de aprendizado, todas as ações precisam ser lembradas e todos os movimentos que seu corpo precisa fazer têm de ser pensados antes de serem executados, aumentando o tempo de resposta entre pensar e agir. Porém, com o passar do tempo, a prática de dirigir vai sendo automatizada e a cognição, incorporada ao veículo, fazendo com que o motorista não precise pensar muito antes de agir. Ligar o carro, passar marchas e usar os pedais se tornam ações quase que involuntárias, pois são incorporadas à cognição do indivíduo, o que diminui drasticamente o tempo de resposta entre pensar e agir. Observa-se, portanto, que a cognição possui uma propriedade de simular o corpo, já que o corpo alheio ao indivíduo não é incorporado a ele de fato, mas simulado.

Ao reencenar certas experiências e simulá-las nos processos cognitivos, as ações corpóreas passam a responder a elas, em consonância com os símbolos modais que se constituem e dão sentido ao ambiente que envolve o indivíduo. A relação entre corpo, mente e ambiente, realizada pela experiência no mundo, define, portanto, o que é o indivíduo, o modo como ele se projeta no mundo e até onde pode se estender.

Ao pensar a dinâmica da cognição em relação à interação comunicativa virtual, dentro de redes sociais digitais, observa-se o modo como o sujeito se projeta no ambiente virtual, estendendo e incorporando sua cognição a um corpo que não é tangível, mas digital, virtualizando-se no processo, deixando de lado seu corpo físico e multiplicando-se, na medida em que não se limita mais às regras do mundo real, podendo se deslocar em diferentes contextos espaço-temporais ao mesmo tempo. O “eu” é abstraído do corpo físico, desterritorializando-se, dando forma a uma representação de si no processo de virtualização, em que se permite modelar sua forma, suas identidades e sua aparência de acordo com a imagem que é simulada cognitivamente, que é resultante das experiências desenvolvidas entre a realidade física e a própria realidade virtual.

Essa projeção do indivíduo na virtualidade, mediada pela incorporação da cognição ao ambiente virtual, permite acessar uma nova forma de interação, com suas próprias regras interacionais, que é abstrata, mas que tenta refletir o melhor possível as experiências vividas na realidade física por meio de ferramentas interacionais que as emulam. Nesse novo ambiente, o indivíduo tem a necessidade de se representar de alguma maneira, de ganhar um corpo, de corporificar-se na virtualidade, pois suas características cognitivas demandam um processo de

significação de si por meio de uma representação simbólica do “eu”. Para que isso aconteça, desenvolve-se uma simulação da realidade física dentro da realidade virtual, estando limitada aos objetivos da rede social digital e às ferramentas interacionais disponibilizadas por ela. Em geral, as redes sociais digitais permitem ao usuário criar avatares, que podem ser concebidos, a priori, como simulações dos indivíduos, ou representações dos sujeitos de carne e osso num ambiente que é abstrato, virtualizado. A incorporação da cognição a um novo corpo ocorre, portanto, do mesmo modo como ocorre na realidade física, porém, ao invés de se relacionar com um componente material, ela se projeta e se estende para um avatar, que representa o usuário no ambiente virtual.

### **3.2 Ferramentas interacionais: sistemas de regularidades na interação**

Por ser um trabalho desenvolvido no campo da Ecolinguística, é preciso entender as regras interacionais que subjazem a um determinado tipo de interação comunicativa (seja ela face a face ou virtual). Essa reflexão possibilita o delineamento do cenário em que se projeta uma rede de interação comunicativa, enquanto uma teia de relações que dá vida à comunicação entre falantes. Após construir uma base sólida em relação aos aspectos que constituem e caracterizam a interação comunicativa virtual, especifica-se sua realização mais evidente na sociedade, as redes sociais digitais, e o modo como elas se dinamizam por meio de ferramentas interacionais que possibilitam emular regras interacionais.

Segundo Boyd (2010), as características das redes sociais digitais são de extrema importância para entender seu funcionamento, pautando-se na capacidade de difusão imediata da mensagem (escalabilidade), na possibilidade de manutenção dos dizeres no ambiente virtual (persistência), na fácil reprodução do que é publicado (reprodutibilidade) e na possibilidade de busca (buscabilidade).

De acordo com Habermas (1984), as redes sociais se configuram como esferas públicas da interação e isso pode também ser observado no âmbito das redes sociais digitais, em razão de propiciar um espaço comum, democrático e aberto à participação, produzindo uma integração entre a vida, as atividades que nela se desenvolvem e o ambiente virtual.

As redes sociais digitais ainda podem ser determinadas por duas de suas características mais importantes: o tempo da interação, que é elástico e, por isso, pode ser sincrônico ou assincrônico e o espaço da interação, que é atópico, não dependendo de um lugar específico em que os interlocutores se encontrem. Constitui-se, assim, uma rede interacional complexa,

composta por falantes que incorporam avatares e se projetam num ambiente virtual para que possam interagir, dando forma a um simulacro.

Dentro das redes sociais digitais, para que a interação comunicativa aconteça de forma efetiva, são necessários instrumentos que permitam essa comunicação, já que o corpo foi suprimido no processo de virtualização da interação. Esses instrumentos são chamados aqui de “ferramentas interacionais” e permitem emular virtualmente as “regras interacionais” descritas pela Ecolinguística.

H. Couto (2007) define as regras interacionais como o conjunto das regularidades (não dos regulamentos) que regem os fluxos interacionais e os atos de interação comunicativa, produzindo sentidos e estando diretamente relacionadas aos aspectos culturais de um povo, podendo incluir, no momento da interação comunicativa, a proximidade entre interlocutores, o posicionamento físico, o direcionamento do olhar, o tom de voz, as feições em acordo com as situações de fala, além das regras sistêmicas, que são formadas pelas normas linguísticas regulares dentro de um ecossistema linguístico específico (outras regras interacionais podem ser verificadas e já foram descritas e aprofundadas em outros trabalhos no campo de estudos da Ecolinguística).

As regras interacionais mobilizadas numa interação comunicativa virtual se distanciam do que é o padrão comunicacional da interação face a face, na medida em que os falantes não se encontram no mesmo contexto espaço-temporal.

Pensando na noção de regras interacionais, formulou-se o conceito de ferramentas interacionais enquanto o conjunto de instrumentos disponibilizados por uma rede social digital para que os usuários possam interagir comunicativamente, regendo os fluxos interacionais e os atos de interação comunicativa virtuais ao permitir que o usuário emule regras interacionais que compensem a ausência do corpo, atuando regularmente dentro do ambiente virtual e produzindo diferentes sentidos. Segundo Thompson (2011), a transposição entre os tipos de interação comunicativa demanda novos recursos para que se consigam reproduzir os sentidos almejados. As redes sociais digitais dispõem de uma grande quantidade de ferramentas multimodais que permitem expressar uma diversidade de sentidos. O modo como se caracterizam e se organizam esses recursos é diferente em relação às regras interacionais que são regulares numa interação face a face, já que a base física da interação não se transpõe para o ambiente virtual. A interação comunicativa virtual possui uma riqueza em termos simbólicos e a dinamiza para que efeitos de sentido diversos sejam produzidos na interação, unindo, para tanto, diferentes linguagens

dentro de um conjunto de ferramentas interacionais que possibilitam aos usuários interagir comunicativamente e emular regras interacionais que se regularizam dentro de cada rede social digital, criando especificidades de acordo com as culturas que perpassam cada comunidade de fala virtual, oportunizando aos usuários concretizar diálogos inteligíveis.

As ferramentas interacionais estão pautadas, portanto, na busca por emular as regras interacionais, que são possíveis na interação face a face em razão de sua instância física, dentro de um ambiente virtual, adaptando-as e remodelando-as no processo de virtualização. Possibilita-se assim o uso de certos instrumentos digitais para transpor sentidos que o corpo poderia expressar dentro da dinâmica da interação comunicativa face a face, exportando-os para um simulacro virtual.

Ao olhar para a interação comunicativa virtual constituída num ambiente para o qual se estendem diversos ecossistemas linguísticos, é possível observar como se movimentam os fluxos de relações em uma rede de interações comunicativas virtuais, que se desenvolve por meio de atos de interação comunicativa virtuais. H. Couto (2016a) observa a existência de uma rede de relações dentro do ecossistema linguístico e a chama de ecologia da interação comunicativa (EIC), que é formada por atos de interação comunicativa (AIC), porém, esses termos precisam ser modificados para que possam se adequar ao ambiente virtual. Se para H. Couto (2016a) uma EIC se constitui de um cenário, falantes e ouvintes, regras interacionais e regras sistêmicas e circunstantes, num complexo interacional virtual esses elementos se reformulam. O cenário não pode ser definido espaço-temporalmente, pois, como já foi postulado, espaço e tempo são instáveis num ambiente virtual, dessa forma, o que define o cenário da interação comunicativa virtual é a comunidade de fala virtual na qual ela acontece e o modo como se organiza. Os falantes e ouvintes são equivalentes aos usuários das redes sociais digitais, materializados e incorporados em seus avatares. As regras interacionais, como explicado anteriormente, em razão da ausência do corpo, são emuladas por ferramentas interacionais que permitem produzir sentidos na interação virtualizada, enquanto as regras sistêmicas ganham novas proporções dentro desse ambiente, já que existe uma demanda pela velocidade da informação e pela redução da energia gasta para dizer algo, além do potencial de alongamento do tempo de fala propiciado pela elasticidade temporal, pela possibilidade de reelaborar de forma subsequente um dizer antes de enviá-lo e pela necessidade de construir sentidos que na interação face a face seriam efetivados de forma involuntária/voluntária pelo corpo, sendo necessário pensar em elementos paralinguísticos que ajudem o interlocutor a entender a mensagem. É necessário levar em consideração também a dificuldade de utilizar

advérbios de tempo e de lugar, na medida em que os referentes físicos se encontram ausentes, dificultando a localização espaço-temporal por meio de dêiticos. Os circunstantes não se modificam necessariamente, pois são constituídos por aquilo/aqueles de que se fala. São esses elementos que, segundo H. Couto (2016a), permitem a formação de um fluxo interlocucional, dando forma a uma dinâmica dialógica intercambiável entre falante e ouvinte na interação, que está submetida a regras regularizadas socialmente, as regras interacionais (das quais as regras sistêmicas fazem parte). Para o autor, essas regras irrompem na cooperação e na negociação entre os interlocutores. Numa rede social digital, elas estão associadas à mobilidade oferecida pelas ferramentas interacionais disponibilizadas. Mesmo que a negociação ainda aconteça, os recursos que a rede social digital oferece para que os usuários possam interagir ajudam a delimitar as regras interacionais.

A fim de apresentar essa relação de forma mais didática, exemplificando-a, elaborou-se um quadro comparativo entre uma paráfrase das regras interacionais apresentadas por H. Couto (2016a, p. 235-236) e as regras interacionais emuladas por ferramentas interacionais disponíveis numa rede social digital, o *Facebook*. É preciso deixar claro que as regras interacionais e as ferramentas interacionais não estão limitadas ao que se apresenta no quadro a seguir. Elas dependem, respectivamente, de como os interlocutores negociam a interação na realidade física/virtual e dos objetivos da rede social digital, das ferramentas que ela dispõe. As regras e ferramentas podem ser dinamizadas de diferentes formas numa interação comunicativa, o que varia culturalmente. No quadro, estão descritas e comparadas as bases interacionais regularizadas de acordo com os suportes (o corpo/ as ferramentas interacionais) que podem ser utilizados pelos interlocutores na conversação no ambiente físico e no ambiente virtual (*Facebook*). Os atos de interação comunicativa não se estabelecem necessariamente por meio de todas essas regularidades, mas a sua implementação pode contribuir para uma interação ideal, harmoniosa entre os interlocutores.

<b>Regras Interacionais dinamizadas pelo corpo (Interação face a face)</b>	<b>Regras Interacionais emuladas por Ferramentas interacionais (Facebook)</b>
Estabelecer proximidade física variável entre os interlocutores, de acordo com a situação comunicativa	Estabelecer proximidade virtual variável entre os usuários, a depender do ambiente de interação, podendo se concretizar numa postagem, nos <i>stories</i> , ou via <i>chat</i> (de forma privada ou grupal), de acordo com a situação comunicativa

Interlocutores se posicionam frente a frente, para que se vejam	Os usuários adicionam uns aos outros aos seus contatos para que possam interagir comunicativamente por meio da disponibilidade de acesso aos seus avatares
Interlocutores estabelecem contato uns com os outros durante a conversação por meio do olhar e do toque	Os usuários estabelecem contato uns com os outros durante a interação por meio de caixas de textos multimodais
Interlocutores mantêm um tom de voz mediano	Os usuários mantêm um volume médio de elementos no fluxo de textos multimodais compartilhados, condizendo com a velocidade demandada pela virtualidade, sem abrir mão dos efeitos de sentido a serem produzidos
Solicitações são satisfeitas na interação	Solicitações são satisfeitas na interação
Solicitação e satisfação ocorrem num tom cooperativo, harmonioso	Solicitação e satisfação ocorrem num tom cooperativo, harmonioso
Os interlocutores mobilizam certa polidez em suas solicitações	Os usuários utilizam recursos multimodais para expressar emoções e reações de forma polida, evitando parecer frios ou agressivos
Respeito aos turnos de fala e à sua intercalação, sabendo quando ouvir	Fluxo de fala descontínuo, com turnos que podem se sobrepor ou ser retomados de forma assíncrona
Adequar as expressões faciais ao assunto da conversação	Adequar os recursos multimodais utilizados ao modo como se quer expressar em relação ao assunto da interação
Os interlocutores se mantêm atentos à interação, evitando distrações	Os usuários devem estar atentos ao fluxo interacional, retomando uma interação não finalizada mesmo que de forma assíncrona
Os interlocutores demonstram interesse durante a interação, sinalizando sua atenção	Os interlocutores demonstram interesse durante a interação, sinalizando sua atenção mesmo que de forma assíncrona
Quem iniciou a interação, geralmente, deve encerrá-la	Quem iniciou a interação, geralmente, a encerra (a interação pode ser protelada indefinidamente, por não demandar co-presença ou sincronicidade entre os interlocutores)
Os interlocutores devem se esforçar para se fazer entender e interpretar o que o outro diz	Os usuários utilizam recursos multimodais para se fazer entender, compensando a ausência da corporeidade
O encerramento da interação não deve ocorrer de forma brusca	A interação não precisa necessariamente ser encerrada ou iniciada, ela pode se estender por tempo indeterminado, pois fica armazenada
Uso compartilhado das regras sistêmicas (gramática de uma mesma língua)	Uso de regras sistêmicas regularizadas no ambiente virtual pelas comunidades de fala virtuais das quais se participa, prezando pela velocidade na elaboração sintática

**Tabela 02.** Quadro comparativo entre regras interacionais

Esse conjunto de ferramentas interacionais inclui sempre que possível as regras interacionais utilizadas na interação comunicativa face a face nas conversações virtuais, em razão de manter a polidez e a harmonia no diálogo, porém, por vezes, não é possível utilizá-las, pois o corpo está suprimido.

A fim de demonstrar como ocorre a busca por compensar a ausência do corpo numa interação comunicativa virtual, apresenta-se um exemplo representativo de ferramenta interacional que emula as expressões faciais e as reações do indivíduo num ambiente virtual. O *emoticon/emoji*<sup>6</sup> pode ser entendido como uma forma de comunicação paralinguística virtual, expressando o estado emotivo do indivíduo por meio de feições faciais representadas simbolicamente por caracteres tipográficos em sequência ou pequenas imagens, como é possível observar nas figuras a seguir:

**Figura 3:** *Emoticons*/sequência de caracteres tipográficos

Emoticon	Código	Nome	Emoticon	Código	Nome
	:)	Sorriso		:D	Sorriso Largo
	:(	Chorando		:P	Mostrando a Língua
	3:)	Diabo		o.O	Confuso
	:O	Surpreso		--	Tédio
	:*	Beijo		<3	Coração
	8-)	Nerd		8	Badass
	: ]	Robô		>:(	Irritado
	:/	Preocupado		:3	Fofo
	(y)	Positivo, like		:poop:	*&#%
	:)	Piscando		>.<	Rindo
	^_^	Alegre		(^^)	Tubarão
	:v	Né...		<(")	Pinguim
	:(	Triste		O:)	Anjo

Disponível em: < <https://portalecuesta.blogspot.com/2017/07/> >. Acesso em: 10/09/2018

<sup>6</sup> *Emoticons* são caracteres comuns utilizados no dia a dia de forma improvisada para expressar emoções, enquanto os *emojis* são figuras próprias de cada rede social digital, prontas para a utilização dos falantes, também utilizadas para expressar emoções.



**Figura 4:** *Emojis/pequenas imagens*



Disponível em: <[http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2015/10/entretenimento/397399-veja-se-voce-esta-usando-corretamente-emoticons.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/10/entretenimento/397399-veja-se-voce-esta-usando-corretamente-emoticons.html)>. Acesso em: 10/09/2018.

É importante lembrar que as figuras 3 e 4 são exemplos de possíveis usos de símbolos pictográficos com dadas funções na interação comunicativa virtual dentro de culturas específicas. Os efeitos de sentidos a eles relacionados são interpretativas e podem variar entre diferentes interações comunicativas.

Os *emoticons* são ferramentas interacionais representativas, na medida em que estão presentes na maior parte das redes sociais digitais, mas cada rede social digital reúne um conjunto de ferramentas diferentes, em busca de atender ao objetivo principal do ambiente virtual desenvolvido, podendo recorrer a instrumentos que dinamizem imagens, textos, comentários, *gifs* animados, curtidas, compartilhamento de informações com os contatos etc. Em sites de relacionamento, por exemplo, existirá uma predominância de ferramentas que possibilitem expor imagens dos interlocutores (como uma vitrine de corpos, em que as escolhas afetivas partem da valoração de aspectos estéticos) e características da realidade física, como gostos, preferências, práticas cotidianas e ideologias. Em sites criados para estudo e ensino, por

outro lado, as ferramentas serão voltadas para uma relação com os conteúdos apresentados e com um mediador, podendo criar *chats* para a conversação entre professores e alunos, ferramentas de avaliação e correção de exercícios, aulas por meio de videoconferências etc.

O que se nota, portanto, é a criação de um ambiente que impulsiona, nos atos de interação comunicativa virtual, a incorporação de diferentes semioses (vídeo, som, escrita, imagens etc.) num ambiente virtual que se baseia na velocidade da transmissão de dados e de informações e na flexibilidade linguística que permite aos usuários criar um novo conjunto de regras sistêmicas relacionado em específico às redes sociais digitais. Toda essa dinâmica da interação é permeada, portanto, por um contato que é mediado pela hipertextualidade, em outras palavras, por uma forma de dizer, de se expressar linguisticamente, que é híbrida e permite a integração de diferentes interfaces semióticas, possibilitando a criação de textos multimodais. Para que isso aconteça, as ferramentas interacionais precisam existir e mediar a manipulação das formas de dizer, limitando-as de acordo com o escopo da rede social digital.

Em relação às regras sistêmicas que são mobilizadas nas redes sociais digitais, percebe-se a predominância de formas que sejam menos trabalhosas de se reproduzir e que permitam uma interação mais rápida, criando constantemente diferentes formas de dizer dentro de comunidades de fala virtuais, ressaltando a dinamicidade da rede social digital, criando normas linguísticas variáveis, como ocorre na realidade física, mas de forma mais fluida, mais veloz. Os usuários, portanto, infringem as regras da gramática normativa sem manifestações de insegurança linguística, produzindo jargões virtuais a todo o tempo. Entende-se, portanto, que cada comunidade de fala virtual possui regras sistêmicas que lhe são próprias.

Observando o uso dos pronomes pessoais do caso reto nas redes sociais digitais, observa-se que a segunda pessoa do singular pode ser, em geral, grafada como “você”, “vc” ou “c”, sendo o segundo caso o mais regular. Apesar disso, é interessante ressaltar que algumas dessas formas estão restritas a certas posições numa construção sintática. As três formas podem ser utilizadas na posição de sujeito da oração, porém, na posição de objeto, apenas “você” e “vc” são aceitáveis, não utilizando “c” em nenhum caso, o que demonstra a normatividade das regras interacionais dentro das redes sociais digitais.

Percebe-se, assim, que processos como a abreviação de palavras (como no caso de “pq”, para substituir todos os porquês da língua portuguesa), a adição de uma letra para evitar a acentuação gráfica (como no caso de “naum”, correspondendo a “não”), o acréscimo ou a repetição de vogais (como no caso de “Ooooie”, a fim de expressar empolgação ao iniciar uma

interação), entre tantas outras formas grafolinguísticas, constituem o que se convencionou chamar de “internetês”, que nada mais é do que o conjunto de normas linguísticas regularizadas por meio de atos de interação comunicativa virtual em comunidades de fala virtuais, estando focado na diminuição do tempo necessário para dizer algo por meio da escrita.

Pode-se ressaltar, ainda, a propriedade das redes sociais digitais de criar ferramentas para que os usuários possam entrar em comunhão e interagir de forma harmoniosa no ambiente virtual. H. Couto (2016a) explica que a comunhão não se limita ao compartilhamento das regras sistêmicas, ela as precede, pois se baseia numa abertura harmoniosa para estar e interagir com o outro, “[...] comunhão é uma abertura para a comunicação” (H. COUTO, 2016a, p. 245). Para que a comunhão exista e se mantenha são mobilizadas as regras interacionais, elas constituem um conjunto de práticas regulares que permitem aos falantes estabelecer uma conexão com o outro na interação comunicativa, tornando a conversação um ato cooperativo e multilateral, uma construção conjunta. Uma solicitação feita com polidez tem o potencial de ser satisfeita mais facilmente, pois o interlocutor estará mais aberto para a comunicação. Nesse sentido, nota-se que as redes sociais digitais intentam criar um espaço comunal, em que os usuários podem se relacionar de forma harmoniosa, numa trama de contatos que pode se subdividir em um conjunto de pequenos grupos comuniais.

Ao observar as redes sociais digitais, como o *Facebook*, nota-se a existência de uma diversidade de ferramentas interacionais que têm o potencial de tornar a interação comunicativa entre os usuários agradável, dinâmica e cooperativa. A utilização dos botões “curtir” e “compartilhar” são um indício disso. Nada precisa ser dito, mas, ao curtir uma postagem de um contato, o usuário demonstra apreço, carinho, abertura, predisposição para se relacionar com o outro. O mesmo acontece quando se compartilha uma postagem de um contato. Em geral, o usuário curte a postagem antes de compartilhar, para que o contato de quem se compartilha note a importância, relevância ou apreciação atribuída a ela. Posteriormente, o usuário a compartilha, evidenciando a comunhão estabelecida por meio da partilha de ideias, sentimentos ou visões de mundo e expondo isso em seu perfil pessoal, contribuindo, ainda, para a constituição de suas identidades no ambiente virtual, em que toma para si, de forma indireta, a autoria da postagem.

Outras formas utilizadas pelas redes sociais digitais para estabelecer a comunhão por meio do fortalecimento dos laços afetivos entre os usuários são as possibilidades de referenciar contatos em postagens, marcando-os para que tenham acesso a dados e informações ou a fotos e vídeos em que estejam presentes, atuando como chamados para a interação. Além disso, a

rede social digital envia aos usuários, de forma rotineira, lembranças de postagens, feitas há algum tempo, em que certos contatos foram referenciados, conectando-os via memória. Um último modo de estabelecer essa conexão está nas notificações diárias sobre os dias dos aniversários de cada um dos contatos, incentivando que os usuários parabemizem e felicitem uns aos outros. Essas ferramentas parecem, portanto, incitar à comunhão, contribuindo para a formação de um ambiente harmonioso, mesmo que, por vezes, aconteçam alterações e sejam criados desafetos, o que é natural nas relações humanas.

Pensando em todos esses aspectos das ferramentas interacionais enquanto mediadoras das regras interacionais em um ambiente virtual, acredita-se que sua existência, dinâmica e utilização são fundamentais para a manutenção da interação comunicativa virtual, pois existe a necessidade dentro de qualquer interação comunicativa (virtual ou face a face) de atingir um alvo comunicativo. O mesmo processo ocorre na fonética, em que se busca compensar obstáculos a fim de atingir alvos articulatórios para produzir determinados sons, realizando-os mesmo que distanciados do que seria prototípico. Na interação comunicativa virtual não é diferente, se o corpo está ausente na interação, o falante utiliza diferentes ferramentas interacionais da rede social digital em busca de emular virtualmente a produção de sentidos atrelados à corporeidade, ainda que não se reproduzam da mesma forma, objetivando atingir ou se aproximar do seu alvo comunicativo, estabelecendo um diálogo inteligível e realizando a interação comunicativa de forma efetiva, mesmo que o corpo não esteja presente na interação e o território não seja compartilhado pelos interlocutores.

### **3.3 Simulacros: a dissociação entre realidade física e realidade virtual**

Ao pensar a interação comunicativa virtual e o modo como ela se dinamiza num espaço que é abstrato, nas redes sociais digitais, pode ser difícil entender e conceituar o ambiente em que se reproduzem essas relações, pois ele não está alicerçado sobre uma base física, se configurando como uma faixa de transição entre extensões entrecruzadas de diversos ecossistemas linguísticos, que conduzem à ideia de multiterritorialidade projetada. A fim de compreender esse complexo interacional virtual, utiliza-se o conceito de simulacro de Jean Baudrillard (1992), buscando precisar a dinamização da virtualidade e sua propriedade de abstração da natureza e da realidade física. Retoma-se, assim, a visão já proposta de que as redes sociais digitais abstraem a realidade física de diversos ecossistemas linguísticos, estendendo-os e conectando-os de forma porosa, sem se confundir com nenhum deles, não

estando concentradas num só contexto espaço-temporal, permitindo a conexão e a interação entre avatares de usuários que não precisam se encontrar em co-presença.

Para Baudrillard (1992), a inovação e a criação de tecnologias da informação e da comunicação potencializaram a dissolução da realidade física em meio às suas representações, sendo perpassada por um universo de símbolos que circundam todo o complexo social. A partir dessa premissa, o autor defende a ideia de que os símbolos podem ser mobilizados para dar forma a abstrações da realidade física em planos que seriam predominantemente simbólicos, incorporando os sujeitos a uma nova configuração da realidade. Sendo assim, realidade física, sociedade e símbolos estão interconectados na produção de realidades abstratas, em que as representações simbólicas passam a reorganizar as representações do mundo em que se vive na forma de novos sistemas de interação.

Ao falar em representações simbólicas, Baudrillard (1992) não pensa em cópias fieis da natureza, mas em simulações, defendendo, portanto, a impossibilidade de acessar diretamente a realidade física por meio de um plano constituído simbolicamente. O autor assevera que a modernidade é constituída por representações simbólicas e comporta um complexo interacional que engloba a diversidade das subjetividades alicerçadas sobre diferentes perspectivas, não abrindo espaço para a definição de verdades absolutas ou de uma realidade única, fazendo pensar em como as verdades são construídas dentro de realidades que são abstrações perspectivas do mundo natural, modificando-o em um plano simbólico.

Para Baudrillard (1992), a noção de simulacro se refere a uma representação do real num plano simbólico dinamizado por regularidades diferentes da realidade física ou a uma cópia de uma realidade que nunca existiu, baseando-se na sua propriedade de simulação do real. A simulação não é, porém, um modo de ocultar o real por meio da criação de falsas verdades. Ela é, de outra forma, uma maneira de reproduzir o mundo natural em suas diversas possibilidades de representação, refratando-o. Dessa forma, o simulacro é concebido como uma realidade abstrata que distorce em parte o mundo natural, evidenciando e tentando atender aos desejos e às necessidades da humanidade em dado momento histórico e social, modificando-se segundo as demandas dos grupos sociais diante do contexto em que vivem. Para Baudrillard (1976), na incompletude do ser humano se desenvolvem as representações simbólicas a fim de sanar seus desejos, seus anseios. Partindo desse princípio, observa-se que o simulacro é uma esfera atrativa para se viver e amenizar o caráter trágico da vida em detrimento do mundo

natural em sua crueza, possibilitando criar, num ambiente abstrato, valores de verdade que não estão contidos na natureza em si.

Segundo Baudrillard (1997), o mundo passa por dois momentos de nomeação por parte da humanidade. Numa primeira nomeação, representa-se o mundo natural de forma direta, referenciando-o, atribuindo nomes e significados pragmáticos às coisas. Na segunda nomeação, porém, o humano passa a ressignificar o mundo natural num plano simbólico, abstraindo-o. Dessa forma, constitui-se um simulacro que produz representações simbólicas, atribuindo diferentes sentidos ao mundo e às práticas nele desenvolvidas, dando outras proporções e interferindo na dinâmica das relações humanas. A ressignificação se torna, assim, uma forma de modificação do mundo natural, a fim de construir um simulacro sustentado por sua capacidade de abstração.

De acordo com Baudrillard (1976), no fluxo de um simulacro, os valores que são designados aos símbolos, nas representações da realidade física, são o que existe de fato, relegando ao esquecimento o valor do objeto por si só. Distancia-se, dessa forma, o simulacro do mundo natural, constituindo-o por meio de um alicerce imaginário de valores. Ao distorcer o mundo natural e construir simulacros, as simulações da realidade, mobilizadas pelas representações simbólicas, confundem-se com o que é real, fazendo com que o valor atribuído às coisas seja mais importante do que as coisas em si. Estrutura-se assim, uma economia das representações, dando forma a uma lógica de constante troca simbólica.

Partindo da teoria de Baudrillard, pode-se entender o conceito de simulacro como um véu imaginário que recobre o mundo natural e ressignifica a realidade, refletindo-se nas práticas humanas e nos modos de interagir, criando uma lógica de abstração dos valores das coisas num plano simbólico. Numa rede de relações dinâmicas, toma forma um jogo de constante produção e ressignificação de sentidos, em um ambiente que refrata o mundo natural, distorcendo-o.

Refletindo-se sobre a definição da noção de simulacro apresentada nesta seção e relacionando-a à interação comunicativa virtual, percebe-se que o processo de virtualização das relações e de transposição da realidade física para a realidade virtual é também um processo de criação constante de novos simulacros, permitindo a emergência de ambientes virtuais para a comunicação, materializando-se em complexos interacionais virtualizados. Esses sistemas, virtualizados por meio de recursos tecnológicos que passam a mediar as interações comunicativas, resultam do conjunto de representações simbólicas produzidas em relação aos valores existentes na realidade física e na abstração dessa realidade que a própria sociedade

produz, no complexo social. Diferente da realidade física, porém, a realidade virtual dá forma a um ambiente em que as informações não têm necessariamente compromisso com princípios éticos e morais, pois os usuários podem se ocultar por detrás de máscaras digitais, tendo seus corpos protegidos de qualquer consequência direta que a realidade física poderia lhes causar, permitindo que escondam suas identidades num ambiente virtual.

A partir das ideias de Baudrillard, constata-se a existência de dois níveis de abstração da realidade em relação à natureza, constituindo simulacros. O primeiro está contido na própria realidade física e se baseia na criação de abstrações por meio de representações simbólicas a fim de dar sentido à vida e ao real. O segundo nível de abstração da realidade se encontra na realidade virtual e se baseia na supressão da instância física por meio do processo de virtualização das relações e da interação comunicativa. Dessa forma, cria-se um ambiente virtual que se baseia exclusivamente em representações simbólicas, dinamizando e produzindo valores de verdade e suas próprias regras interacionais, afetando e sendo afetado pelos ecossistemas linguísticos que convergem para ele ao se estenderem. Criam-se, assim, novas formas de interagir, de agir e de dizer.

De acordo com essa perspectiva, o ambiente virtual se configura como simulacro devido à mobilização de regras interacionais diferentes da realidade física para que as interações possam ocorrer. Isso não torna necessariamente as interações falsas ou teatrais, mas modifica o modo como elas acontecem e se configuram.

O simulacro não é uma mentira ou uma fantasia, apenas um processo de representação/simulação da vida em um ambiente com regras diferentes da realidade física. O ambiente virtual não deixa de ser uma extensão do ecossistema linguístico por se constituir como simulacro, ou seja, por ser um ambiente que procura, a partir de suas próprias regras e ferramentas interacionais, representar a realidade física numa faixa de transição abstrata e porosa entre ecossistemas linguísticos diversos. Não se deve entender a realidade virtual como uma instância da vida que se separa da realidade física. As duas estão intrinsecamente conectadas e se afetam mutuamente. A virtualidade possui regras específicas para a incorporação do sujeito ao ambiente virtual que demandam um processo de integração e adaptação do usuário àquela rede social digital, para que se familiarize às regularidades que permeiam as formas de interagir comunicativamente e para que se possa projetar uma imagem de si (que pode ser, ou não, muito próxima do eu físico).

A virtualidade, enquanto conjunto de simulacros em que sujeitos interagem por meio de avatares que os representam, não é um ambiente falso ou fantasioso, mas se caracteriza por ser

uma extensão de diversos ecossistemas linguísticos. Os usuários movimentam os simulacros, representando a si mesmos como avatares e projetando suas identidades múltiplas e fluidas na medida em que a face física está ausente, dando forma a máscaras digitais.

Os indivíduos que projetam suas mentes em um simulacro virtual e incorporam sua cognição a um avatar adentram uma nova realidade e precisam se adequar à sua dinâmica, repleta de representações de mundo que não estão diretamente entrelaçadas a um suporte físico. O simulacro virtual é exclusivamente abstrato e, portanto, regido por trocas simbólicas e ressignificações de sentidos de forma mais veloz do que na realidade física. O usuário, ao adentrar o ambiente virtual, passa por um processo de suspensão de descrença para que possa se incorporar ao sistema e às regras desenvolvidos no complexo interacional virtualizado. O sujeito passa, assim, a ser parte de uma rede social digital e a movimentar os sentidos que nela irrompem. Cada usuário em uma rede social digital é uma parte fundamental do complexo e contribui para o modo como o simulacro se constitui, simula e estende a realidade física.

### **3.4 Avatares: máscaras digitais e identidades virtuais**

A democratização do acesso à internet e o aumento da adesão popular às redes sociais digitais, a partir do início do século XXI, criou um ambiente de espetacularização em que o usuário, por meio do processo de virtualização da interação e da incorporação de sua cognição a uma máscara digital, um avatar que o represente na realidade virtual, passa a expor uma imagem de si para o mundo, atendendo à demanda social de dinamizar e reafirmar constantemente as identidades por ele construídas nesse complexo interacional virtualizado. Cria-se, assim, uma janela de acesso pública às identidades alheias, que são sistematizadas de acordo com a forma como o usuário quer que elas sejam vistas e sentidas por seus contatos. Sobre as tecnologias que possibilitam esse tipo de interação, Pierre Lévy assegura:

Graças às máquinas fotográficas, às câmeras e aos gravadores, podemos perceber as sensações de outra pessoa, em outro momento e outro lugar. Os sistemas ditos de realidade virtual nos permitem experimentar, além disso, uma integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. Podemos quase reviver a experiência sensorial completa de outra pessoa. (LÉVY, 1999, pág. 28)



Lévy (1999) contribui para a noção de espetacularização das identidades ao conceber os registros das experiências individuais e sua exposição, permitindo que os indivíduos que acessem essas materialidades possam reviver um recorte da vida do outro, ou da própria vida. Esse processo cria, ao mesmo tempo, um acervo mnemônico e um demarcador das identidades individuais, subjetivando e delineando as características, os gostos, as vivências e os sentimentos das pessoas, tornando os registros passíveis de serem divulgados nas redes sociais digitais para que se responda a uma das mais profundas questões filosóficas da humanidade, “Quem sou?”.

De acordo com Thompson (2011), todo ato de interação se desenvolve numa estrutura interativa marcada por certas peculiaridades, regularidades e normas, além de suas características sistemáticas. O usuário, ao adentrar essa estrutura, precisa se adaptar e modificar seus comportamentos, almejando projetar uma imagem de si mesmo que consiga refletir as identidades que procura destacar. Sendo assim, os modos de agir e as características que são ressaltadas pelo usuário dentro da rede social digital contribuem e convergem para o modo como ele deseja ser visto por seus contatos. Portanto, ao mesmo tempo em que se destacam as facetas de si que representam o que se quer fazer ver, oculta-se tudo aquilo que possa desconstruir a imagem que se intenta projetar, apagando ao máximo as contradições que fazem parte das identidades dos indivíduos.

#### *3.4.1 Uma abordagem filosófica da espetacularização da sociedade*

A dinâmica da produção constante de uma imagem de si remete diretamente ao modo como a própria informação é espetacularizada no cenário das redes sociais digitais, ganhando visibilidade rapidamente. Para Debord (1997), a formação de uma sociedade capitalista é o marco que conduz à acumulação dos espetáculos, à estruturação de uma sociedade do espetáculo. Aquilo que se podia viver diretamente se torna, portanto, representação e teatralidade. O espetáculo, para o autor, pode ser definido como a relação entre pessoas mediada por imagens, criando uma rede de interações baseada na produção de aparências do ser, sem revelar o ser em si.

A sociedade capitalista e o espetáculo tendem a andar juntos, tornando os indivíduos passivos diante da necessidade de consumir cada vez mais e produzir cada vez mais imagens.

Nesse sentido, é possível dizer que, quanto mais se vive numa relação de aparências, menos se vive efetivamente, deixando de lado a tentativa de compreender a própria existência. Os gestos e as práticas dos indivíduos deixam de pertencer a si mesmos e passam a pertencer à sua representação. A vida se torna um espetáculo (DEBORD, 1997).

Segundo Debord (1997), o espetáculo leva o ser humano a sempre dizer sim e a não duvidar das informações que recebe, o que pode ser comprovado pela crescente onda de notícias falsas divulgadas e compartilhadas massivamente nas redes sociais digitais, sem nenhum compromisso ético com a verdade, justificando-se apenas pelo fato de as informações reforçarem a imagem de si que se deseja transmitir. O autor ainda acrescenta que o espetáculo evidencia apenas o que é positivo e, por isso, impulsiona o consumo e a sociedade capitalista, pois cria a impressão de que aquilo que é veiculado nas imagens conduz à felicidade. Dessa forma, a vida para Debord (1997) perde sua autenticidade, relegando-se ao plano das aparências, criando um caráter tautológico para a espetacularização das imagens. Divulgam-se e constroem-se imagens que possam evidenciar as identidades do indivíduo sem nenhuma finalidade que exceda o processo.

A sociedade do espetáculo, segundo Debord (1997), cria uma tendência relacionada ao fazer ver, por meio de diferentes suportes, aquilo que não se pode tocar e sentir na realidade física. A visão, como sentido abstrato, legitima a abstração da sociedade atual. O que pode ser verificado diretamente no processo de virtualização da interação comunicativa.

#### *3.4.2 A criação de avatares para a representação do usuário na realidade virtual*

Entendendo que a interação comunicativa virtual acontece em um simulacro virtual e decorre de um processo de desterritorialização e de virtualização ligados à capacidade de incorporação cognitiva do ser humano, estendendo-o a partir de seu próprio corpo e da realidade física na qual vive e age, assume-se a necessidade de explicar como o sujeito se projeta no ambiente virtual. Para isso, utiliza-se o conceito de avatar como uma máscara digital que permite ao usuário projetar-se na virtualidade enquanto indivíduo subjetivado e constituído por certas identidades.

No campo da informática, o conceito de avatar está associado à existência de um corpo digital que possibilita a projeção ou a incorporação de um usuário numa rede social digital,

atribuindo características a ele, capturando-o dentro de um simulacro virtual. Essa figura criada num ambiente virtual varia em complexidade e profundidade, a depender das ferramentas disponibilizadas na programação da rede social digital para que se realize a transposição das identidades do usuário para a esfera da virtualidade, dando forma à máscara que o identifica naquela rede, individualizando-o.

O avatar, segundo Santaella (2003), permite que o usuário incorpore uma máscara digital que o represente num ambiente virtual, podendo ainda encontrar outros avatares e interagir comunicativamente com eles, utilizando para isso ferramentas interacionais. As identidades do usuário, em razão de estar num simulacro desterritorializado, são mais fluidas do que na realidade física. A máscara digital dá maleabilidade para que o usuário a modele no ambiente virtual, projetando um avatar que pode ser um reflexo, uma aproximação, uma distorção ou uma criação fantasiosa em relação às identidades existentes no ecossistema linguístico, no qual vive fisicamente. O conceito de avatar pode ser utilizado para todas as redes sociais digitais, de forma que, independente de ser uma rede voltada para relacionamentos afetivos, um jogo online, ou uma plataforma para se comunicar e interagir com amigos, o usuário cria uma imagem que o represente naquele ambiente.

McLuhan (1969) aponta para uma projeção da consciência no ambiente virtual, simulando-a, tendo sido desenvolvida a partir da criação de novas tecnologias digitais. O indivíduo se torna, portanto, plural, multiplicado pelas diversas identidades potencializadas pelo simulacro virtual, sendo disseminado e descentrado de seu próprio eu, regido por um complexo identitário mais dinâmico do que poderia ser na realidade física.

De acordo com Santaella (2003), a tecnologia, seu desenvolvimento e sua incorporação na vida humana geram novas formas de perceber, falar e atuar sobre o mundo. Cria-se um novo regime antropomórfico, em que os sujeitos se projetam em corpos virtuais, complexificando a realidade e as relações humanas.

Nota-se que a possibilidade de se projetar em um avatar, incorporando uma máscara digital, possibilita a emergência de uma sensação de segurança para que se possa romper contratos sociais, como não aconteceria na realidade física, já que há a sensação de que quem fala é um ser irreal, na medida em que está virtualizado e o corpo físico não sofrerá as consequências das ações. Assim, torna-se menor o compromisso com a veracidade do que se compartilha nas redes sociais digitais ou suas consequências na realidade física, passando a importar mais o compartilhamento de elementos que reforcem as identidades do avatar que está

sendo construído e atualizado a todo o tempo, refletindo opiniões, ideologias e sentimentos de uma consciência simulada. Essas características intensificam a possibilidade de difusão de notícias falsas nas redes sociais digitais, de tomar posições ideológicas extremistas e de crescimento do preconceito abertamente. Sendo assim, o que realmente conduz a dinâmica da produção de um avatar no simulacro virtual é o quanto o que é dito e compartilhado se adequa à imagem de si que o usuário deseja criar.

O afastamento espacial, a maleabilidade temporal e a ausência de um corpo físico permitem ao sujeito modelar suas identidades e projetá-las em avatares num simulacro virtual, criando máscaras digitais que podem ser reflexos, aproximações, distorções ou criações fantasiosas em relação às suas identidades na realidade física. Toma forma assim um novo modo de interagir comunicativamente que não é previsto pela interação comunicativa prototípica (face a face), existindo dentro de um ambiente virtualizado e desterritorializado.

As máscaras digitais podem ser uma aproximação da face real do indivíduo na realidade física, mas nunca a própria face, em razão da ausência do corpo no ambiente virtual. O sujeito não está anônimo, mas há o potencial para o distanciamento de suas identidades por meio de um avatar.

Em um grupo de família no *WhatsApp*, por exemplo, os avatares projetados não deixam de ser uma extensão dos sujeitos na realidade física. No momento em que se interage virtualmente, os elementos mobilizados para a interação colaboram para o processo contínuo de construção da imagem de si sem que o corpo participe de forma direta. O avatar, como representação, nesse momento, é, para o interlocutor, o próprio sujeito com quem se fala, com quem se está em comunhão. A interação comunicativa virtual traz a rememoração da imagem física de quem se conhece aliada às diversas identidades que são mobilizadas ao representar-se num ambiente virtual.

É importante perceber o estabelecimento de um processo contínuo de produção da imagem de si por meio da reestruturação das identidades do usuário nas redes sociais digitais. Mesmo que um sujeito conheça o outro fisicamente, ao interagir virtualmente, a supressão de um corpo que fala, que produz sentidos, que contribui para a construção de uma imagem de si na realidade física, leva à criação de uma representação para o usuário, aqui chamada de máscara digital/avatar, que se constitui como uma extensão no ambiente virtual. Um avatar não é necessariamente uma criação fantasiosa, é a representação de um sujeito mutável que pode ou não se distanciar virtualmente de sua face física.

As propriedades da interação comunicativa virtual são baseadas em abstrações da realidade física de um conjunto de ecossistemas linguísticos estendidos e convergentes para um mesmo ambiente virtual, desenvolvendo-se por meio da incorporação da cognição do indivíduo a um avatar nas redes sociais digitais, um receptáculo de identidades flutuantes, projetando o sujeito num simulacro virtual, dando forma a um regime próprio de formas de agir e de interagir. Apesar de se configurarem como extensões, as redes sociais digitais têm grande influência sobre a movimentação do ecossistema linguístico, sua dinâmica reestrutura as relações sociais e modifica aspectos da vida em todos os seus níveis.

## CAPÍTULO 4 | PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA

Este capítulo tem por objetivo apresentar as escolhas metodológicas realizadas para que a pesquisa possa, de fato, se efetivar. Para isso, busca-se uma base metodológica que se adeque aos posicionamentos teórico-epistemológicos abordados ao longo deste estudo. Este trabalho tem como foco a análise da transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, suas características e seus efeitos na sociedade. Para tanto, analisa-se a comunidade de fala virtual ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos), uma instituição que agrega ateus e agnósticos na rede social digital *Facebook*, propagando e mobilizando o movimento neoateísta. Sua representatividade se deve ao fato de se configurar como um movimento social que existe predominantemente virtualmente.

A pesquisa se configura como um trabalho inserido no paradigma qualitativo, segundo o qual se busca coletar dados representativos da comunidade de fala virtual que se propõe analisar. De acordo com Celani (2004), esse paradigma possui natureza interpretativista e se fundamenta nas interações, almejando alcançar o conhecimento por meio da diversidade de realidades impressas na sociedade, opondo-se à proposição de axiomas e à objetividade, culminando num estudo perspectivista.

Demanda-se um olhar para os dados inseridos em uma dada realidade, observando suas condições e pensando, no caso da Ecolinguística, de um ponto de vista ecológico. Busca-se alcançar, por meio das regularidades, valores de verdade e indícios que legitimem as interpretações das materialidades observadas, levando em consideração a relação existente entre a pesquisa e o olhar do pesquisador. Pensando nisso, busca-se engendrar uma pesquisa não-experimental, que, Moreira e Caleffe (2008, p.73) conceituam como a busca por “1) descrever e explicar situações como elas existem ou existiram, 2) avaliar produtos ou processos e 3) desenvolver inovações”. Atribui-se, assim, uma direção científica para a pesquisa, inserindo-a nos estudos linguísticos por meio dos preceitos da Linguística Ecolinguística.

Nas seções seguintes deste capítulo será exposto o percurso metodológico utilizado na condução do estudo, apresentando os procedimentos de coleta e de análise de dados. Num primeiro momento, delinea-se a ecometodologia como parte da Linguística Ecolinguística e como base metodológica que orienta esta pesquisa. Na sequência, explicita-se o conceito e a configuração de um estudo netnográfico.

#### 4.1 Ecometodologia: caminhos para a pesquisa no campo da Linguística Ecológica

Ao estudar uma comunidade de fala virtual como uma faixa de transição entre extensões de diversos ecossistemas linguísticos por meio de uma Visão Ecológica de Mundo (VEM), é necessário considerar a complexidade inerente a ela. Olhando para a interação constituída em múltiplas relações entre os elementos que dão forma ao ecossistema linguístico e às suas extensões em ambientes virtuais, o pesquisador, no campo da Linguística Ecológica, pode observar de forma holística uma teia sistematizada em um todo unificado, como define Capra (1996).

Segundo Couto (2018), o estudo de um ambiente de relações complexas demanda um olhar holístico, que deve ser mediado pelo método da focalização, definido por Garner (2004) como a observação de um evento específico, analisando-o em suas características microscópicas, sem perder de vista o pano de fundo da totalidade que possibilita sua existência. Dessa forma, a ecometodologia propõe uma dinamização contínua entre os focos do estudo, indo do micro ao macroscópico e vice-versa, segundo a necessidade de observar aspectos de fenômenos com maior atenção, como os aspectos linguísticos de um enunciado, ou de olhar para os contextos mais amplos que se relacionam a eles. Por isso, a ecometodologia, na medida em que se constitui pela VEM, é, para Couto (2018), o olhar holístico sobre os fenômenos da linguagem, permitindo ao pesquisador integrar teoria e metodologia em diálogo com o objeto de estudo.

Outro aspecto importante relativo à ecometodologia é sua base multidisciplinar, como afirma Couto (2018), estabelecendo conexões com diversas outras teorias e motivando o pesquisador a desenvolver intersecções entre elas, a depender das demandas que emergem na análise de um objeto de estudos específico. Essa relação permite, ainda, mobilizar métodos de outros campos do conhecimento para que se desenvolva um estudo abrangente do objeto, englobando diferentes perspectivas, o que faz da Ecometodologia um modelo multimetodológico.

A partir dessas asserções sobre a ecometodologia, considera-se que, ao demarcar o estudo da comunidade de fala virtual ATEA na rede social digital *Facebook* a fim de entender as nuances de aspectos e de características que perpassam a dinâmica da interação comunicativa virtual de forma representativa, os dados precisam ser coletados na medida em que o olhar do pesquisador e o objeto da análise dialogam.

O ambiente virtual permite um distanciamento em relação às interações estabelecidas nele. Desse modo, os dados pululam de forma espontânea e são diversos, gerando uma riqueza

material que é persistente, na medida em que ficam armazenados pelo sistema eletrônico e podem ser acessados a qualquer momento, fazendo com que a base de dados a serem analisados se constitua diante dos fenômenos que são representativos em relação aos modos de interagir comunicativamente no ambiente virtual, caracterizando esse ambiente e permitindo reconhecer sua dinâmica a partir da percepção do pesquisador.

De acordo com o método da focalização, trazido para a Linguística Ecológica por Couto (2018) e já exposto anteriormente, conforme os dados são coletados de forma perspectiva pelo pesquisador, certas lentes são demandadas para que se possa observá-los de outros ângulos e analisá-los com profundidade, configurando um estudo ecológico. Olhar os dados em suas especificidades e avaliá-los diante de um pano de fundo amplo é o desafio que se impõe ao optar por um estudo sustentado ecometodologicamente.

Apesar de ser estigmatizada como uma metodologia sem método definido, por se dissociar de uma ótica cartesiana que segrega perspectivas e se apoia em métodos específicos para cada teoria, a ecometodologia está alicerçada sobre a emergência do paradigma ecológico, que estabelece diálogos entre os mais diversos campos do saber. Para que se possa selecionar e tratar os dados coletados na observação, o pesquisador precisa, a partir de uma análise das regularidades, entender os indícios materiais que conduzem à representatividade do fenômeno diante da totalidade, buscando abranger, ao máximo, suas faces e dinâmicas.

Traçar um caminho ecometodológico implica optar por ramificações teórico-metodológicas possíveis, tendo como parâmetro o diálogo entre o olhar do pesquisador e o objeto de estudo. Permite-se, portanto, por meio da ecometodologia proposta por Couto (2007; 2013; 2018), que o observador faça um recorte de um ecossistema linguístico específico a partir de seu próprio olhar, vislumbrando-o de uma perspectiva holística, multimetodológica e reflexiva. Em relação ao objeto de estudos dessa tese, o pesquisador se torna responsável por recortar, diante do complexo interacional constituído no ambiente virtual, as comunidades de fala a serem estudadas, interpretando-as como extensões virtualizadas em contato de diversos ecossistemas linguísticos.

Ao analisar um ambiente tão complexo, com tantas camadas, considerando o movimento de transposição entre a realidade física (interação comunicativa face a face) e a realidade virtual (interação comunicativa virtual), demanda-se um conjunto de métodos que se comuniquem e permitam olhar com lentes específicas para fenômenos que são complexos. Seria uma visão muito egocêntrica acreditar que uma perspectiva teórica, isolada, dá conta de todos os âmbitos da realidade. Dessa forma, outros modelos teórico-metodológicos, aliados aos princípios, métodos e à base teórica da Linguística Ecológica contribuem como recursos de



apoio para alcançar, por meio dos estudos ecolinguísticos uma análise aprofundada da realidade. Isso reforça o que diz Couto (2018), ao postular que uma visão ecológica de mundo precisa se estabelecer sobre a totalidade, como se olhasse para o objeto da cumeeira de uma casa, ao invés de olhar por uma só janela. Porém, é preciso ressaltar que, as janelas constituem a base necessária para sustentar essa percepção holística, atuando como lentes que permitem ao pesquisador alterar os ângulos de sua visão e entrelaçar perspectivas sobre diferentes aspectos que compõem o objeto a ser analisado.

A partir dessas observações sobre a ecometodologia, busca-se, na análise da comunidade de fala virtual ATEA, entrecruzar os dados coletados a fim de entender sua dinamicidade, como resultante de um processo de virtualização da interação comunicativa. Parte-se do método indiciário, proposto por E. Couto e Fernandes (2021), no âmbito da Análise do Discurso Ecológica, como caminho para proceder com uma hermenêutica dos enunciados, em que a análise dos sentidos que permeiam a materialidade deve se basear na regularidade dos indícios que se evidenciam na descrição linguística e na coerência existente entre eles. Dessa forma, possibilita-se entender as características das regras interacionais e de que forma elas são mobilizadas na rede social digital *Facebook*.

#### **4.2 Netnografia: olhares sobre as comunidades de fala virtuais**

Este trabalho tem cunho netnográfico, na medida em que se baseia numa comunidade de fala virtual, ou seja, num conjunto de pessoas que se relacionam e interagem entre si com frequência por meio de uma rede social digital, instituindo, dessa forma, vínculos comuniais.

De acordo com Kozinets (2002), a netnografia ou etnografia virtual se estabelece, em um primeiro momento, como forma de interpretar as práticas interacionais de usuários isolados e de coletividades no ambiente virtual, objetivando investigar padrões de consumo, estando associada a pesquisas de *marketing*. Com o passar dos anos, o desenvolvimento tecnológico conduziu, cada vez mais, a humanidade ao processo de virtualização das relações humanas, por meio do compartilhamento de dados e de informação em redes sociais digitais, estabelecendo um complexo interacional que envolve conhecimentos e saberes dinâmicos e efêmeros.

A transposição de práticas da realidade física para a realidade virtual justifica a condução dos olhares de pesquisadores de diversas áreas para esse ambiente, mas isso se potencializa quando se trata de áreas dos estudos linguísticos que se debruçam sobre as dinâmicas da interação em ecossistemas antropogênicos. A emergência de formas de interagir linguisticamente que fogem ao protótipo interacional e que se instituem por meio de suas

próprias regularidades é um fenômeno linguístico e social que demanda atenção e apreciação. Torna-se fundamental, a cada dia, que os estudos que têm por base a compreensão de uma cultura, de um povo ou/e das linguagens que perpassam as interações se dediquem a perscrutar as nuances das comunidades de fala virtuais.

Considerando a conjuntura estabelecida pelas relações humanas, o método netnográfico passou a ser utilizado por outras áreas do conhecimento, indo além dos interesses relacionados a pesquisa sobre marketing, legitimando-o como forma de fazer etnografia em ambientes virtuais.

Segundo Hine (2005), a netnografia é uma metodologia científica utilizada para que se observem comunidades virtuais, possibilitando entender a relação entre o ambiente virtual e a vida dos usuários. O netnógrafo precisa se engajar e participar de forma ativa, aberta e empática, para que possa entender as dinâmicas do grupo e a relação que se estabelece entre os sujeitos de pesquisa. Dessa forma, o pesquisador mergulha no cotidiano do grupo, observando-o e incorporando-o à sua rotina de vida, podendo, assim, de forma legítima, falar sobre ele.

Kozinets (2002) assevera que a netnografia é um método que permite ao pesquisador coletar dados com maior velocidade, de forma mais simples, sem que se perca a espontaneidade da comunidade virtual estudada, pelo fato de não se configurar como uma abordagem intrusiva.

Enquanto a etnografia se dedica a estudar ecossistemas linguísticos, nos quais se estabelece um território específico para a observação, a netnografia se estende às comunidades inseridas no ambiente virtual. Ainda que não estejam alocadas em um ecossistema linguístico específico, configurando-se como faixas de transição entre as extensões deles, essas comunidades geram impactos profundos nas comunidades de fala físicas que se estendem para o ambiente virtual, provocando mudanças culturais profundas.

Ao realizar um estudo netnográfico, o pesquisador se propõe a desenvolver uma análise qualitativa de natureza interpretativista. Nesta pesquisa, a netnografia é utilizada com o intuito de analisar as interações comunicativas virtuais da comunidade de fala virtual ATEA, tomando-a de forma representativa para que se possam entender, na prática, as dinâmicas que organizam, regularizam e movem as interações em redes sociais digitais, nesse caso, no *Facebook*. Analisar esse conjunto de relações em rede por meio da netnografia, permitiu aprofundar asserções já constituídas teoricamente.

## **CAPÍTULO 5 | DO MOVIMENTO SOCIAL NEOATEÍSTA ÀS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar o corpus de análise da pesquisa desenvolvida, ou seja, o movimento social neoateísta materializado na rede social digital *Facebook* por meio da página da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA).

Num primeiro momento, apresenta-se o conceito de movimento social, baseado nas discussões desenvolvidas por Viana (2015a), evidenciando o que define um grupo social e quais as características necessárias para que um conjunto de mobilizações possa ser considerado como movimento social. Dessa forma, olha-se para a totalidade das relações humanas em sociedade, tratando-a a partir de uma análise histórico-dialética.

Na sequência, visibiliza-se o início do século XXI, mais especificamente os anos que sucederam 2001 – período em que ocorreu o atentado conhecido como “11 de setembro” –, almejando entender como se deu a constituição de um movimento social neoateísta, suas características e seus efeitos manifestos em sociedade, retomando o ateísmo clássico para que se entenda a dinâmica histórica que produziu esse movimento social.

Elabora-se, ainda, um panorama relativo ao surgimento da ATEA, comunidade de fala virtual a ser analisada no próximo capítulo, configurando-se de forma representativa em relação à dinamização do movimento neoateísta virtualmente. Destaca-se, também, o modo como a página se apresenta, evidenciando seus objetivos, suas práticas, suas insatisfações e a repercussão que causa no Brasil por meio de sua mobilização no *Facebook*.

Por se tratar neste estudo de uma comunidade de fala virtual atrelada a um movimento social que se mobiliza majoritariamente por meio das redes sociais digitais, apresenta-se o *Facebook* como ambiente virtual de sua constituição, evidenciando suas características e os elementos que o tornam um espaço produtivo para manifestações.

### **5.1 Direcionamentos iniciais sobre a relação entre os movimentos sociais e o neoateísmo**

Aborda-se, neste capítulo, o modo como um movimento social se configura e a possibilidade de o neoateísmo se enquadrar nessa categoria muito debatida no âmbito da sociologia. O objetivo é dar foco às formas como se expressam socialmente os grupos de neoateus, enfatizando os seus processos de formação, atuação e disseminação. Enfatizam-se, assim, os conjuntos de relações entre neoateístas e o restante da sociedade, as suas lutas, a partir de uma abordagem teórico-analítica de viés marxista.

Para alcançar esse objetivo, reflete-se, inicialmente, sobre o modo como a realidade se estrutura. As concepções do real, de um ponto de vista marxista, estão pautadas em níveis gradativos de abstração que variam entre a aparência, a essência e a existência. Olhar para a sociedade nos limites da aparência faz aparecer um regime de visibilidade erigido sobre o esteio de um empiricismo alienado, que não busca a totalidade, mas parte de um ponto de vista específico que distorce a essência do real. Marx (2013) afirma que “As verdades científicas serão sempre paradoxais, se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas.”. Sendo assim, essência e existência se pressupõem reciprocamente, na medida em que se complementam na formação de uma totalidade do real. Pensam-se, então, as relações humanas por meio de seu caráter social e histórico. A essência da humanidade se inscreve, dessa forma, no modo como o capital se esgueira dentro de determinada conjuntura.

O que, entre outras coisas, mostra a ilusão produzida sobre a maior parte dos economistas pelo fetichismo inerente ao mundo mercantil ou pela aparência material dos atributos sociais do trabalho, é a longa e insípida querela travada a propósito do papel da natureza na criação do valor-de-troca. Ora, dado que o valor-de-troca é apenas uma determinada maneira social de exprimir o trabalho empregue na produção de um objeto, ele não pode conter mais elementos materiais do que, por exemplo, a cotação dos câmbios. (MARX, 2013, p. 13)

Pensando, então, nesse conceito de realidade baseado na ligação entre essência e existência, busca-se aqui, num movimento heurístico, a partir da utilização de categorias específicas, reconstituir o real ao olhar para a totalidade das relações sociais (nas expressões do capital). Percebe-se, assim, a deficiência existente em relação aos aspectos teórico-metodológicos que se associam à pesquisa e análise dos movimentos sociais. Geralmente, as conceituações estão pautadas numa atribuição semiológica que cria liames com um ponto de vista empírico, enviesado por uma ótica racionalista, que relaciona os movimentos às suas práticas e expressões. Esse olhar dificulta a conceituação dos movimentos sociais. Pautar-se na visão de um sujeito para com o evento, gera uma visão distorcida e partidária, que leva à criação de um mundo de aparências. Por outro lado, usando como aporte o marxismo, é possível posicionar-se a partir da teoria, alcançando a abrangência da totalidade, o plano da existência. Essa base teórica dialoga diretamente com os princípios da Linguística Ecológica apontados por Couto (2016a), na medida em que se parte de uma perspectiva holística para a

apreciação do ecossistema linguístico enquanto conjunto das relações humanas localizadas em um território físico.

A conjuntura em que se inscreve um movimento social é a essência para que se entenda a sua natureza. Pensando na atualidade e em seu *status quo*, impera uma manutenção do capitalismo. De acordo com Marx (2013), na constituição de um sistema capitalista, historicamente, objetiva-se a acumulação de capital. É preciso, por isso, entender que o valor de troca atribuído à mercadoria é resultante das condições de produção impressas na sociedade, em que as classes sociais mais abastadas fazem convergir o capital para si por meio da exploração do trabalhador, gerando a expropriação de mais-valia. Por isso, faz-se preciso evidenciar que os vários elementos que compõem a trama que dá forma às sociedades capitalistas não se refletem na materialidade concreta e baseada nos cinco sentidos humanos, no plano das aparências, mas nas relações de produção.

Partindo desse entrecruzamento entre história e sociedade, concebe-se a possibilidade de fazer aparecer, aqui, um conceito de movimentos sociais e demonstrar como o neoateísmo se configura, em suas características, como um movimento social. Para tanto, baseia-se no método dialético de Marx, em que se busca entender a totalidade das relações que fazem essa conjectura possível, por meio de enfrentamentos que promovem a mudança histórica constante (não há, neste artigo, inferências de que o movimento neoateísta seja um movimento de classes), daí a pertinência de citar, aqui, parte das noções marxistas sobre a formulação de um conjunto social que oprime uma maioria operária, assujeitada em razão da concentração do capital nas mãos dos proprietários dos meios de produção, que se veem auxiliados pelos burocratas.

## **5.2 Movimentos sociais: conceito em relevância**

O ponto de partida para se definir os movimentos sociais está associado às diversas perspectivas existentes que, na tentativa de defini-los, incorporaram diferentes abordagens acerca de sua natureza e constituição.

Segundo Gohn (2002), a abordagem tradicional norte-americana acerca dos movimentos sociais (que está compreendida entre 1945 e 1960) nasceu em meio a um conjunto de tensões sociais e se estabeleceu a partir de uma visão conservadora, elitista e burocrática, afirmando que o sistema político seria pluralista, porém os movimentos sociais seriam ineficientes em tal organização por serem desordenados, espontâneos.

Segundo Alonso (2009), o termo “movimentos sociais” nasce em uma conjuntura política, social e econômica específica, em que grupos sociais aparecem historicamente em razão de mudanças pacíficas, não se interessando diretamente pela revolução. Porém, uma série de mudanças em relação à estrutura desses movimentos demandou uma revisão teórica do conceito: “As mobilizações coletivas ganharam escala global, caráter violento e se concentraram em bandeiras identitárias [...]” (ALONSO, 2009, p. 49).

Alonso (2009) afirma que, após um período de descrédito sobre a possibilidade de fazer acontecer mobilizações, em razão do individualismo, os movimentos sociais só tiveram impulso, uma vez mais, após a década de 1960, quando grupos sociais, não associados diretamente às classes, se organizaram e passaram a se manifestar em razão de seus direitos, insurgindo contra o sistema em busca de reformas.

Tratava-se seguramente de “movimentos”, no sentido de ações coordenadas de mesmo sentido acontecendo fora das instituições políticas, mas não eram, de modo algum, protagonizados por *mobs*, tampouco por “proletários”. Eram jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, empunhando bandeiras em princípio também novas: não mais voltadas para as *condições* de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a *qualidade* de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la. (ALONSO, 2009, p. 51)

Partindo dessa premissa, apresentam-se aqui três posicionamentos diferenciados acerca do conceito de movimentos sociais e, por fim, pretende-se introduzir o conceito que será utilizado como base categórica para definir a configuração de um movimento social, aplicando-o posteriormente nas práticas e estruturas do neoteísmo em razão de constatar o modo como se manifesta esse grupo na contemporaneidade.

### 5.2.1 Teoria da Mobilização de Recursos (TMR)

De acordo com Gohn (2002), a Mobilização de recursos é uma teoria que se baseia não mais em questões psicossociais, mas na relação entre a sociedade e a existência ou a falta de recursos, dando forma à concepção de “grupos de interesses”. Esse olhar para os movimentos sociais torna o sujeito um ser genérico e assume uma relação direta com o indivíduo de classe média que está inserido num sistema capitalista, como se pode observar no seguinte excerto:

[...] começou por rejeitar a ênfase que o paradigma tradicional dava aos sentimentos e ressentimentos dos grupos coletivos, assim como o *approach* eminentemente psicossocial dos clássicos, centrado nas condições de privação material e cultural dos indivíduos. (GOHN, 2002, p. 49).

Alonso (2009) também coloca em pauta a primeira teoria, aqui abordada, sobre movimentos sociais, disseminada por McCarthy e Zald. A TMR pensa os movimentos sociais como mobilizações coletivas de caráter racional, possuindo sentido e organização, concatenando-se de forma estratégica, opondo-se, assim, ao funcionalismo, por não ser uma individuação das demandas por meio da insatisfação pessoal e movimentação entrópica e aos economicistas marxistas, por não associar a mobilização à privação material ou às questões de classes. Não é uma teoria que se centra nas motivações, mas nos processos inerentes à mobilização, afirmando que qualquer expressão social de um movimento estaria associada a um olhar para o custo-benefício, em que a ação coletiva estaria intrinsecamente ligada aos recursos de coordenação, humanos e materiais, que pudessem garantir suas condições de existência. Evidenciava-se, dessa forma, uma visão sobre a burocratização do movimento como fim determinado.

Porém, segundo Alonso (2009), esse olhar para a organização, a burocratização progressiva num nível racional e para a mobilização como uma empresa, excluem as questões de valores e ideologias associadas ao movimento, deixando de lado as questões culturais, olhando para o indivíduo disperso em detrimento do coletivo e de suas identidades, centrando-se em microestruturas conjunturais. A teoria demonstra, assim, um caráter conservador, num nível de estrutura empresarial, de máquina, isso talvez se explique em razão de os teóricos responsáveis por sua definição serem estadunidenses e partilharem de concepções tradicionalistas.

### 5.2.2 A Teoria do Processo Político (TPP)

A TPP emerge também nos Estados Unidos, nos anos 1970, por isso se restringe a um conservadorismo e busca reestruturar a TMR.

De acordo com Gohn (2002) e olhando para a teoria de Mobilização de Recursos como uma base para a sua construção, a TPP buscou complementar as falhas encontradas em sua predecessora, extrapolando o economicismo exacerbado e dando foco à ação coletiva em

relação às oportunidades políticas existentes. Empreende-se, dessa forma, uma retomada da cultura e da psicologia social. Assim, o conceito de movimentos sociais se torna mais amplo, abrangendo, por exemplo, questões advindas de Durkheim (cultura como forma de representação coletiva), Bourdieu (a relação entre cultura e capital) e da Análise do Discurso de linha francesa, que, como diz Foucault (1995), demonstra uma preocupação não mais com um início e um fim, com reducionismos, ou com uma progressão histórica de encadeamentos, mas com as discontinuidades existentes, os processos de formação e as possibilidades de transformação de dado momento sócio-historicamente situado, tendo em vista a questão do sujeito. Percebe-se, ainda, a relevância dada às relações microfísicas, citadas por Foucault (1979), como movimentações de poder numa teia social de saberes. Passou-se a pensar, assim, nas redes de relações sociais e nas condições de existência e de produção. Apesar disso, o foco permanecia na mobilização de recursos. Os movimentos sociais eram vistos, então, como diz Gohn (2002), “dentro de marcos teóricos dados pela ação de grupos de interesses num campo de disputa pelo poder [...]”.

Olha-se para a forma como as mudanças na estrutura possibilitam a movimentação coletiva. Sendo assim, a cultura se estabelece, nesse aspecto, como um resultado das práticas que compõem o grupo social e que concebe um posicionamento político específico, causando, na mídia, reflexos de sua constituição. Pensam-se, dessa forma, nas possibilidades de atuação política dos grupos dentro de espaços na sociedade resultantes de mudanças institucionais. O contexto político é determinante, então, para a existência das mobilizações, na medida em que elas só apareceriam se houvesse uma brecha, como demonstra Gohn (2002):

[...] a questão da lógica na racionalidade dos atores na ação social não foi abandonada, mas inserida num campo de disputas com variáveis mais amplas do que as da pura racionalidade econômica, enfatizada anteriormente pela TMR. A objetividade daquelas ações contém a subjetividade dos indivíduos. (GOHN, 2002, p. 78).

De acordo com Alonso (2009), esse paradigma surge numa intersecção entre a TMR, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais e dos debates de cunho marxista, dando forma a uma combinação entre política e cultura. Enfatiza-se a relação entre o Estado e a sociedade civil. Fundam-se assim “Estruturas de Oportunidades Políticas”, que, em sua modificação, abrem ou fecham as oportunidades para a mobilização de grupos sociais que reivindicam e criam, ao expressar-se, a solidariedade (pertencimento) em relação à sua categoria.



### 5.2.3 Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS)

Alonso (2009) afirma que, diferente da TPP, que está centrada nas possibilidades que as mudanças políticas institucionais promovem, a TNMS se baseia na mudança cultural.

Segundo Gohn (2002), os anos 1960 na Europa foram palco de mudanças estruturais que o paradigma marxista não seria capaz de sanar sozinho, em detrimento de haver uma demanda por teorias que ultrapassassem a análise dos movimentos sociais de forma estratégica. Por isso, autores como Habermas, Touraine e Melucci passaram a dar forma a esquemas interpretativos que abrangessem questões como; cultura, ideologia e formação identitária. Ademais, esse modelo teórico se baseou em uma esteira cultural em conjunto com uma visão parcialmente marxista (em relação à ideologia, mas não tomada como falsa representação do real). Pensa-se, assim, “cultura” a partir de uma visão pós-estruturalista, em que as práticas aparecem arraigadas à dispersão dos discursos e, esses discursos, por sua vez, promovem a constituição de novas práticas, como assegura Foucault (1995).

Alonso (2009) facilita o entendimento desse paradigma ao trazer pormenores, evidenciando a questão de ser uma teoria que emerge na Europa e, por isso, é muito menos conservadora que as anteriores. Possui ênfase cultural, como já dito, porém não há uma coesão totalitária entre os conceitos, estando ligados às mesmas categorias em razão de suas características, mas se diversificando no que diz respeito aos posicionamentos.

Dessa forma, pensam-se os conflitos e as mudanças na sociedade por meio de interpretações culturais, afirmando, segundo Alonso (2009), que o século XX teria sido visto pelos teóricos dos TNMS como um espaço de alterações no sistema capitalista, em que o olhar se desloca das condições de produção e passa a se centrar em novas temáticas, suportadas por agentes que se mobilizam em razão da reforma, afastando-se das questões de classes, como se pode ver no seguinte excerto:

Os conflitos do trabalho teriam se diluído, processados pelas instituições democráticas, como expansão de direitos, e pelas instituições capitalistas, como aumento de salários. A dominação teria se tornado eminentemente cultural, feita por meio do controle da informação por uma tecnocracia. [...] fazendo com que os conflitos, antes restritos ao plano econômico, avançassem para a vida privada (família, educação, sexo) e ganhassem dimensões simbólicas [...] (ALONSO, 2009, p. 60).

Segundo Alonso (2009), os agentes nessa abordagem dos movimentos sociais seriam, então, os grupos marginalizados, que se opusessem, por meio de suas atitudes, aos padrões vigentes, buscando alcançar, a partir de pressão e persuasão da sociedade civil, um Estado de bem-estar social (Habermas), numa luta simbólica pelo bem viver. Evidenciam-se, assim, os sujeitos em uma relação microfísica de poder, baseada na quebra das regularidades por meio das possibilidades de resistência, como conceitua Foucault (1979). Cria-se um cuidado de si, aos moldes de Courtine (2013), pautando-se na busca por modificar o próprio corpo ao se desvencilhar de uma racionalidade sistemática, contra o biopoder que se intensificaria com a proliferação da tecnocracia. Formula-se, então, uma ligação entre as práticas individuais e os movimentos coletivos, olhando para as redes de relações simbólicas impressas na teia social.

### **5.3 A perspectiva dialética na análise dos movimentos sociais**

O que Gohn (2002) denomina “paradigma marxista” chama-se aqui de “perspectiva dialética”. Escolheu-se, em detrimento de teorias empiricistas ou das vertentes teóricas acima citadas, trabalhar a partir da dialética de Marx para entender o que são os movimentos sociais e constatar quais categorias poderiam ser profícuas para comprovar o neoteísmo como um movimento social. Para tanto, utiliza-se Viana (2015a), na atualização dos conceitos.

Viana (2015a) afirma que os movimentos sociais não existiam no século XIX, apenas sua forma mais prematura se fazia ver, pois é na conjuntura criada pelo sistema capitalista que emergem. De acordo com Alonso (2009), só a partir da segunda metade do século XX se evidenciaram as grandes mobilizações sociais: “Movimentos sociais, como o pelos direitos civis, [...] o feminista e o ambientalista lograram inscrever demandas suas na agenda contemporânea;” (ALONSO, 2009, p. 49).

Baseando-se nesses estudos, almeja-se apresentar aqui o conceito de movimentos sociais para, posteriormente, aplicá-lo. Viana (2015a) torna evidentes as questões do excesso de análise em meio às ciências humanas e da deficiência teórico-metodológica acerca dessa temática. Quando existente, a teoria se associa geralmente a uma concepção ideológica (ou seja, numa perspectiva marxista, pauta-se em uma representação distorcida da realidade) ou a uma metodologia empiricista (partindo de casos específicos para explicar uma totalidade sem historicidade), confundindo, muitas vezes, o movimento social com suas formas de expressão.

Pensa-se, dessa forma, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, em olhar para a totalidade, observando a historicidade, as mudanças correntes nesse processo. Viana (2015a, p. 17) é categórico ao afirmar que “a análise da composição social dos movimentos sociais e da hegemonia na sociedade e no seu interior torna-se fundamental para compreender sua dinâmica.”. Precisa-se, dessa forma, olhar para o Estado e suas características, seus modos de produção, seu sistema político e econômico, a fim de entender as movimentações historicamente marcadas que ocorrem. Além disso, é preciso olhar para as instituições e sua relação com a sociedade civil, pensando no entrecruzamento entre Estado e movimentos sociais. Reflete-se, ainda, segundo Viana (2015a), sobre o lugar que ocupam a hegemonia e a ideologia nessa discussão, levando em consideração as formas de expressão intelectual. É preciso pensar, assim, no modo como os movimentos sociais se apresentam no interior de uma sociedade capitalista, para que se possa entender suas condições de existência, a historicidade que os cerca, sua totalidade.

É necessário diferenciar, de forma relevante, movimentos sociais e movimentos de classe, na medida em que o primeiro está associado a grupos sociais que, a partir de uma situação social que gera insatisfação e de um senso de pertencimento, organizam-se em prol de um objetivo comum, que pode ter cunho conservador, reformista ou revolucionário, dependendo de suas características. Por outro lado, os movimentos de classe estão pautados na relação de conflito entre o sistema capitalista (o capital) e o proletariado, que, a partir da tomada de consciência, se mobiliza em função da mudança revolucionária do sistema. Tais perspectivas não devem ser confundidas, pois possuem características que as relacionam a diferentes categorias, mas não caminham necessariamente separadas. Os movimentos sociais, quando associados às classes, tornam-se parte dessa mobilização.

Gohn (2002, p. 171) conjectura que:

A análise dos movimentos sociais sob o prisma do marxismo refere-se a processos de lutas sociais voltadas para a transformação das condições existentes na realidade social, de carências econômicas e/ou opressão sociopolítica e cultural [caracteriza-se, dessa forma, um movimento que não busca a revolução, mas reformas pontuais que atendam às necessidades de dado grupo social].

É preciso pontuar que, o trecho supracitado delimita apenas os movimentos sociais de cunho revolucionário ou reformista, deixando de lado os movimentos conservadores e centrando-se nas propostas de mudança do status quo.

Portanto, os movimentos sociais em uma perspectiva materialista histórico-dialética devem ser analisados por uma metodologia que compreenda: a observação dos movimentos sociais por meio de uma instância macroestrutural, que se volte para uma totalidade e, a partir dela, possam-se evidenciar as condições que possibilitaram sua existência; após um olhar para essa grande estrutura, voltar-se-á para a estruturação do movimento em si, observando suas características, que se relacionam diretamente à totalidade na qual está inserido e à sua historicidade; considera-se que os movimentos sociais, por seu caráter histórico, são mutáveis, pois estão associados diretamente a um sistema que também é móvel; a aparência desses movimentos não revela diretamente sua essência, por isso, é preciso compreendê-la por meio de uma busca percuciente, olhar para o modo como se constrói e o motivo de sua existência; Por último, então, define-se, com base nas características descritas, nas razões de ser, na estrutura historicamente situada, nos conflitos, se o modo como um grupo exprime socialmente suas demandas se configura, ou não, como movimento social.

#### **5.4 O que é o neoateísmo? Em que se diferencia do ateísmo clássico?**

Antes de partir para uma análise mais profunda, é essencial entender o que é o neoateísmo e os motivos pelos quais se distingue da corrente ateísta clássica, corroborando para a definição dos objetivos desse movimento social construído na contemporaneidade e para uma contextualização histórica dos fatores que levaram à emergência de um grupo social específico, passando a reivindicar mudanças estruturais na sociedade para atender determinadas demandas.

O ateísmo clássico, longe de se configurar como um movimento social, ou como uma manifestação antirreligiosa, define-se de uma maneira simples e por meio de sua própria etimologia. A palavra *atheos* derivada do grego e significa, literalmente, “não-deus”, ou seja, exprime o sentido de uma não relação entre homem e deidade, de uma não-crença ou de uma crença na não-existência de um ser superior.

Desde tempos imemoriais, em sociedades religiosas, o ateísmo é visto como uma afronta à sociedade, um motivo para a criação de párias. Nas sociedades greco-romanas era comum que os que não praticassem reverências aos deuses fossem mortos, fato que se aplicava

também aos cristãos e a qualquer outro povo considerado bárbaro, ou seja, que falassem outras línguas que não o grego ou o latim. Esses extermínios em relação aos descrentes se estenderam aos domínios cristãos durante a Idade Média. Pensa-se, aqui, numa linha temporal para que se reflita sobre a formulação do Ocidente em sua história. Ademais, o ateísmo só se evidencia na sociedade e passa a ganhar espaço a partir de correntes científicas emergentes no Iluminismo. Mesmo assim, até meados do século XVIII, ser ateu era motivo para se esconder, já que predominava um conservadorismo religioso extremista, mesmo com o enfraquecimento da igreja católica. Para além disso, os valores morais, mesmo que transpostos dos mandamentos religiosos para as leis estatais de teor “laico”, mantiveram-se ligadas aos preceitos maniqueístas do cristianismo. A cisão entre poder judiciário e instituição religiosa não foi suficiente para alcançar a laicização do Estado, fato que se mantém até hoje em diversos países, como o Brasil.

Com a implementação de um sistema capitalista, em que a propriedade privada se torna o centro de uma maquinaria produtora de capital e mantenedora de um processo de acumulação contínua, gerou-se uma conjuntura conservadora e reacionária que, partindo de sua disseminação global e normalização, foi regularizada, dando forma a um ambiente individualista e de competição, que aliena a população com promessas de crescimento econômico baseado numa falsa meritocracia. A religião parece, então, ter caído num não-lugar, em que suas demandas foram supridas pela ciência, pelo existencialismo ou por um novo conjunto de leis, perdendo o *status* de axioma, sendo destituída de seu lugar de poder. Nietzsche (2001) utiliza para conceituar esse acontecimento de ruptura na história a frase “Deus está morto” (*Gott ist tot*), que faria referência à morte da necessidade do conceito de Deus, que passa a ser mantido apenas pelos discursos que se repetem e as práticas ainda cristalizadas, mas que não se fundamenta numa necessidade prática e que, aos poucos, é abalado pelo martelar cada vez mais forte da dúvida e do racionalismo científico, fazendo com que o sujeito, em um movimento de resistência, tenda a posturas mais deístas, individualistas, agnósticas ou ateístas, consonante com os discursos e práticas correntes em seu tempo, reestruturando os valores de verdade e os valores morais que perpassam as comunidades de fala.

Apesar dessas descontinuidades históricas, o capitalismo faz uso da religião como um suporte para a alienação velada e a produção de capital e de força de trabalho. Como diria Foucault (2008), criam-se aportes para um sistema que gera a disciplina pelo medo e promove a segurança pelos olhos vigilantes, pelo olhar do outro. O dispositivo religioso se baseia na busca pelos corpos dóceis, pelo sujeito que não responde ao martelar, pela passividade e, por isso, se associa bem a qualquer sistema governamental que demande o controle da massa.

Pessoas que se opuseram à religião, sendo ateias, sofreram por séculos as mazelas da reclusão, foram expulsas de casa (por não aceitação da família), mortas, espancadas, torturadas, forçadas a se inserirem em doutrinas com as quais não concordavam. Só na passagem do século XVIII para o XIX irrompe a proliferação de posicionamentos de uma minoria por meio de críticas sobre os problemas que permeiam a religião (Nietzsche e Marx são exemplos), mas o abalo é pequeno diante da representação religiosa que perpassou o século XX.

Eis que, com a potencialização dos movimentos sociais, os movimentos em razão dos direitos civis tomam mais força e autores como Carl Sagan, Christopher Hitchens, Richard Dawkins e Stephen Hawking passam a atuar, em função de uma abertura mais acentuada para a diversidade, por intermédio da ciência, como pessoas que se posicionavam como descrentes sobre a existência de um deus, mas que não demonstravam um posicionamento anti-religioso. Não havia uma unidade entre os pensamentos, uma organização entre os pensadores. Ser ateu exclui dogmas, doutrinas e pressupõe razões diversas para não crer em deus algum, o que dificulta a organização de um grupo, pois não se baseiam em um objetivo comum. Porém, o século XXI, mais especificamente após o atentado ocorrido no dia 11 de setembro de 2001, em que dois aviões colidiram com um símbolo do poder capitalista dos Estados Unidos (As torres gêmeas – World Trade Center), gerou a mobilização de uma parcela da população ateuísta, promovendo a formação do chamado “neoteísmo”. Criou-se um senso de pertencimento a uma causa, uma luta contra a religião que visa, principalmente, conscientizar a população dos problemas que o fanatismo religioso causou e causa e da necessidade de uma reforma na sociedade, objetivando a criação de leis seculares, dando forma, para isso, a associações, a modos de manifestar, a grupos em redes sociais digitais e pensando, também, no apoio aos indivíduos que sofrem em razão de serem apóstatas numa sociedade hegemonicamente cristã. Busca-se, assim, a promoção de direitos civis, alicerçados sobre a laicidade do Estado, o reconhecimento de pessoas sem religião como conscientes e cidadãos, incentivando a liberdade de crença, combatendo o preconceito e dando força aos que têm medo de se declarar ateus.

### **5.5 O neoteísmo como movimento social**

De acordo com Marx (2004), todo ato que não se vincula às condições de existência possui caráter residual, ou seja, pode torna-se dispensável diante das demandas sociais. O homem por si não necessita da religião para viver, mas de um movimento que o impulse.

Movimento tal, que, na contradição existente entre classes na sociedade capitalista, em dado momento, poderá produzir a emancipação da classe operária, levando à revolução. As mudanças sociais, então, estão associadas a essa movimentação humana em meio à sociedade, de desconstrução e reconstrução contínuas. É na materialidade e em seus processos de devir das relações que surge a possibilidade de visualizar a realidade.

Para Berger (2014), “Os projetos dos movimentos sociais podem ser interpretados à luz do seu vínculo com os processos históricos.”. Por isso, almeja-se aqui fazer uma análise que consiga abranger desde a descrição do movimento até a sua historicidade, evidenciando momentos históricos relevantes para a sua construção.

Os movimentos sociais são, segundo Viana (2015a), compostos por grupos sociais, que, ao se deslocarem, modificam-se. Seguindo esse raciocínio, pensa-se o movimento neoateísta como derivado de um grupo social, ou seja, um conjunto de indivíduos que se relacionam por determinada motivação. Nesse caso, por não crerem em deidades. Esse grupo, até o ano de 2001, não se via organizado, era apenas um conjunto de pessoas que se caracterizavam por compartilharem um aspecto identitário em comum. Porém, estando localizados em um contexto em que, o genocídio em razão de causas religiosas e a interferência da religião sobre o Estado se evidenciaram, organizou-se o conjunto em função da necessidade de uma mobilização coletiva contra a difusão da religião como uma licença para matar fundamentada no dogmatismo fanático. Partindo do grupo social neoateísta como base do movimento, explicita-se que sua maior expressividade se centra nos Estados Unidos, em razão de as causas de emergência do movimento e a situação social (fator externo que deu origem a ele) estarem atreladas diretamente ao país. Não se nega, ainda assim, a historicidade que viabilizou a possibilidade de existência dessa movimentação. Não foi apenas o “11 de setembro” que a criou, mas todo um percurso de opressão dos ateus, segregação social e atrocidades derivadas justificadas por crenças religiosas. O atentado em 2001 foi, na verdade, a faísca para que o grupo se organizasse e passasse a se mobilizar em direção a um objetivo, que estaria relacionado a uma luta pelos direitos civis das pessoas sem religião, pela instituição de um Estado que não seja laico só no papel.

Essa situação social, unida à insatisfação de um grupo social de base, de acordo com Viana (2015a), gera um senso de pertencimento, levando uma parcela do conjunto de sujeitos a se organizar, criando vínculos, e a se mobilizar, buscando alcançar determinados propósitos,

quais sejam: a equidade, o combate à segregação e a materialização da laicidade efetiva do Estado.

Assumir-se ateu ou posicionar-se contra determinadas práticas de dada religião foram tabus por muito tempo. Porém, quando uma ação extrema, um ataque terrorista, associa-se a um grupo religioso, a insatisfação criada nos indivíduos antes silenciados tende a promover uma mobilização social, pois se evidenciam, nesse acontecimento, a não existência de direitos seculares, as posições da mídia em relação ao ocorrido, justificando-o como um ato religioso extremista e a manutenção do olhar para a religião como um lugar de moral e justiça. Tomou forma, assim, para um grupo de ateus, uma demanda por mudanças pontuais.

De acordo com Viana (2015a), não é possível, sem um nível de organização e consciência que o grupo se torne um movimento. Esse fato está atrelado às condições sociais em que os indivíduos estão inseridos. Pensa-se, assim, que, só em detrimento do surgimento das redes sociais digitais é que grupos neoateístas puderam tomar forma, em razão de não haver um alicerce territorial que os reúna, ou uma característica física, mas uma marca cultural de crença. Sendo assim, a partir de uma situação social, da insatisfação grupal, da convergência de pessoas, principalmente em ambientes virtuais, por meio de senso de pertencimento e de objetivos comuns, formou-se um movimento social que passou a gerar mobilizações, almejando reformas, concebendo um grupo social efetivo.

Os grupos sociais, segundo Viana (2015a), mobilizam-se por meios de ações coletivas ou compartilhadas (respectivamente, ações de grupos em favor da causa ou de indivíduos em razão da mesma). No caso de grupos neoateístas, podem-se observar, como exemplos de ações coletivas, as movimentações contra grupos religiosos em 2013, na Argentina, em que se reivindicava, além do que já foi citado, o direito ao aborto, criando intersecções com as demandas de outros movimentos sociais. Existem ainda ações compartilhadas, ou seja, ações individuais que, de forma consciente, contribuem para a potencialização do movimento. No caso do neoateísmo, elas acontecem predominantemente de forma virtual.

Como ramificação desse movimento social, é possível fazer referência ao “*The Reason Project*”, evento idealizado pelo filósofo e neurocientista Sam Harris como um projeto que deveria instigar o pensamento crítico e científico em detrimento do dogmatismo cego. Erigiu-se como uma mobilização em razão da promoção do conhecimento científico e dos valores seculares na sociedade por meio de uma visão interdisciplinar, em que são desenvolvidos documentários, conferências, pesquisas e debates que promovam o pensamento crítico.



Criaram-se, para tanto, fóruns na internet que divulgassem o ideal do evento e que pudessem promover a interação entre pessoas que se sentissem pertencentes àquela comunidade de fala virtual. Organizações mobilizadoras, como essa, que integram o movimento social em si, não devem ser confundidas com ele.

Há, ainda, um grande número de produções culturais relacionadas ao tema e derivadas de nomes relevantes para a difusão do movimento social neoateísta como: Richard Dawkins (biólogo e escritor de livros como “O Gene Egoísta” e “*The God Delusion*”), Sam Harris (filósofo e neurocientista – “Carta a uma Nação Cristã”, “A morte da fé: religião, terror e futuro da razão”), Christopher Hitchens (Jornalista e escritor – “*God is not great*”, “*The Missionary Position: Mother Teresa in Theory and Practice*”) e Bill Maher (Comediante, apresentador de televisão e escritor – idealizador do documentário *Religulous*).

Segundo Viana (2015a), os movimentos sociais surgiram em meio ao capitalismo, no século XIX, e estão estritamente relacionados às lutas de classe, sendo que delas derivaram. Na sociedade capitalista contemporânea, há uma divisão de classes geral entre burguesia e proletariado. Os grupos sociais se orientam, então, a partir de uma dessas condições, engendrando-se por meio de tendências hegemônicas. No caso do movimento neoateísta, há uma tendência hegemônica burguesa. Constata-se isso em razão de não haver contradições em relação ao sistema, mas reivindicações pontuais que se baseiam em mudanças que tragam melhorias imediatas para a vida. Considera-se como burguesa pois, de acordo com Decouflé (1970), a partir do momento em que o movimento se submete a negociações com o Estado, ele contribui para a manutenção do sistema vigente, já que não há maneira de superar um modelo a partir dos processos que derivam dele. Viana (2003) assegura que o Estado tem como único interesse a sua reprodução própria e manutenção, garantindo o acúmulo do capital e diminuindo ou aumentando impostos, controlando gastos, mediando a relação entre burguesia e proletariado. O movimento neoateísta, em si, é policlassista, ou seja, de acordo com Viana (2015a, p. 77), “[...] [é perpassado] pela divisão de classes e [unido] por situação grupal.”. Estabelece-se, então, uma relação entre o grupo social e o Estado como uma negociação para que reivindicações sejam atendidas, mantendo o *status quo* do sistema. Olhando para os estudos de Iglesias (2015), percebe-se que a relação entre os movimentos sociais e o Estado está pautada atualmente em uma série de mudanças paliativas que incidem sobre as questões de diversidade e de complexidade, fundamentando-se, principalmente, na cooptação das mobilizações por parte de organizações burocráticas, o que não deixa de depender da forma como o Estado se estabelece em dado momento. No caso do Brasil, configura-se como um país neoliberal, aberto

a diálogos (apesar do ambiente instaurado de polarização ideológica, da emergência do discurso autoritário e de um estado político e social antidialógico).

O movimento neoateísta procura atingir a sociedade civil, principalmente, por meio de organizações e campanhas nos ambientes virtuais, impactando as relações humanas que se desenvolvem nos ecossistemas linguísticos de forma indireta. Vê-se, assim, como é relevante entender o modo como o movimento social se insere na totalidade relativa à macroestrutura social e olhar para as manifestações e expressões do movimento como ponto de referência para entender suas microestruturas.

Após observar a relação existente entre macro e microestruturas na constituição da totalidade, resume-se, primeiramente, a partir do que diz Viana (2015a, p. 53), o conceito de movimentos sociais, como:

[...] mobilizações de grupos sociais que produzem senso de pertencimento e objetivos gerados por insatisfação social (demandas, necessidades, interesses, etc.) com determinada situação social. Um movimento social gera um conjunto de ramificações que muitas vezes é confundido com ele, mas que é parte ou derivação do mesmo, tais como organizações, ideologias, tendências, manifestações, etc.

A partir do que foi dito até aqui, constata-se que o neoateísmo se classifica como um movimento social de cunho reformista, sendo policlassista, não se associando ao movimento de classes, a não ser por tendências específicas que não se inscrevem hegemonicamente em sua estrutura, não fazendo parte de suas características e, por isso, sendo classificado como um movimento que busca mudanças pontuais, que atendam a interesses específicos de um grupo social. Dentre eles, a equidade entre indivíduos que possuam diferentes crenças, a instituição de leis seculares que promovam a formulação de um Estado efetivamente laico e a busca por diminuir a influência do fanatismo religioso e da alienação velada na sociedade.

Observando o movimento social em sua totalidade é perceptível a incidência de jovens como parte das mobilizações do neoateísmo, o que reforça o teor reformista, mantenedor do sistema capitalista, já que o próprio sistema constrói formas para cooptar a juventude, como atesta Viana (2015b), porém, é ressaltado que, nessa passagem da infância para a vida adulta,

nesse movimento de inserção nas condições de produção, produz-se a possibilidade de contestação, presume-se, assim, que existam tendências no movimento que possam se associar à busca pela revolução.

É preciso evidenciar, por último, que o movimento social neoateísta não se centra num só país, mas, em razão das diferentes tecnologias existentes que conectam usuários de todo o mundo por meio das redes sociais digitais, formou-se uma trama de relações virtuais que possibilitou a expansão do movimento a nível internacional.

Há ainda muito que avançar nessa análise, principalmente por ser um movimento social que se desenvolve na contemporaneidade e se vê num processo de mudança contínuo, em suas tendências e reivindicações. Esta tese deixa margens para que outros estudos possam discutir aspectos ainda não abordados, ou questionar o que aqui foi postulado.

## **5.6 Recortando o objeto de análise: Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos - ATEA**

Após dedicar uma série de seções, neste capítulo, à definição do conceito de movimentos sociais e à caracterização do neoateísmo como um movimento social que se materializa predominantemente em ambientes virtuais, descreve-se o objeto de análise da tese, a página da instituição ATEA no *Facebook*, que se configura como uma comunidade de fala virtual representativa para que se possam entender as dinâmicas que constituem as redes sociais digitais e que se integram, de forma indireta, a uma infinidade de ecossistemas linguísticos a elas estendidos, por meio de uma perspectiva ecossistêmica. Para tanto, pensa-se o ambiente virtual em que ela se institui, o *Facebook*, definido como rede social digital em que os participantes do movimento neoateísta, integrantes da ATEA, se representam e assumem certas identidades, evidenciando suas insatisfações, se mobilizando e interagindo regularmente.

### *5.6.1 Características, ferramentas e possibilidades de interação da rede social digital*

Para que se proceda a uma análise apurada da interação comunicativa virtual, o ecolinguista precisa delimitar o ambiente virtual que será estudado por meio da descrição das características que constituem a rede social digital em foco. Afinal, entender os aspectos que dão forma ao sistema eletrônico utilizado para que os usuários possam interagir equivale a delimitar o território em que falantes interagem face a face num ecossistema linguístico para

que se possa definir uma comunidade de fala na realidade física, como apontado nos capítulos anteriores.

A rede social digital sustenta um grande número de comunidades de fala virtuais, definidas assim devido ao fato de os usuários interagirem frequentemente e estabelecerem comunhão via interação comunicativa virtual com certa frequência, mediada por elementos como o senso de pertencimento a um grupo (comunidades de fala religiosas), gostos similares (comunidades de fala de apreciadores de literatura) ou relações externas ao ambiente virtual que se estendem para as redes sociais digitais (comunidades de fala de grupos de família). O *Facebook* é um ambiente virtual em que interações comunicativas isoladas, efêmeras e velozes se constituem, mas também é um ambiente em que comunidades de fala virtuais se sistematizam por meio da interação.

O *Facebook* é considerado a maior rede social digital do mundo, além de ser o site com maior número de acessos, contando com mais de 2,7 bilhões de usuários, tendo sido fundado pelo empresário e programador estadunidense Mark Zuckerberg, ao lado de Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, no ano de 2003, como um sistema exclusivo para usuários da Universidade de Harvard. Nos anos seguintes, o sistema foi inserido na rede mundial de computadores e atingiu todos os cantos do globo em pouco tempo, tornando-se uma das empresas mais visadas e lucrativas em todo o mundo, absorvendo, inclusive, empresas menores de tecnologia digital.

Por meio do *Facebook*, os usuários podem interagir comunicativamente com pessoas de todo o mundo que estejam representadas na rede social digital por meio de um avatar inscrito em um perfil de usuário. Essas interações comunicativas virtuais podem se estabelecer em diversos microambientes virtuais diferentes, que dispõem de diversas ferramentas interacionais próprias, a depender do modo como a relação entre os usuários é constituída.

O primeiro desses microambientes virtuais de interação é o Messenger, espaço em que se podem enviar mensagens instantâneas a outros usuários. O segundo microambiente virtual é a linha do tempo das postagens do usuário, em que ele compartilha conteúdos diversos, que podem ser curtidos, comentados e compartilhados por outros usuários, ficando armazenados na página principal do seu perfil de forma cronológica. Esse microambiente está integrado ao *feed* de notícias, que está localizado na “página inicial” da interface do *Facebook*, em que se estabelece uma lista de conteúdos que procedem de diversas fontes e que se atualizam constantemente para que o usuário possa ver o que é postado e interagir. As publicações que aparecem no *feed* incluem atualizações de status (postagens dos usuários em suas próprias linhas do tempo), links, fotos, vídeos, avisos dos administradores da empresa *Facebook*, além

de postagens vinculadas a páginas das quais se participa e a grupos os quais se segue (os grupos e páginas são descritos na sequência). O terceiro microambiente virtual são os grupos (públicos ou privados), em que um microcosmo de relações virtuais é estabelecido por meio de dada temática (interesses ou necessidades), para que os membros participantes possam interagir por meio do compartilhamento de conteúdos associados ao tema proposto, curtindo-os, comentando-os e compartilhando-os. O quarto microambiente virtual são as páginas (*fanpages*), em que um usuário, anônimo ou não, cria um canal de comunicação que pode ser curtido pelos demais usuários (para que eles vejam as postagens feitas na página), passando a receber em seu *feed* de notícias o que é postado nelas. Diferente dos perfis de usuários, as páginas congregam pessoas que se interessam por um assunto específico, por uma instituição, por uma figura pública ou por uma posição ideológica, não demandando a aprovação de uma solicitação de amizade (como acontece para que os usuários possam se conectar em seus perfis privados). Clica-se em um botão e passa-se a seguir aquela página.

O *Facebook* dispõe de uma série de ferramentas interacionais que permitem aos usuários se representarem como avatares nos microambientes virtuais que o compõem, conectando-os a pessoas de todo o mundo e permitindo que interajam por meio delas. As principais ferramentas interacionais que podem ser observadas na rede social digital são: (1) recursos para a personalização e representação do usuário como um avatar, podendo consolidar suas máscaras digitais. Entre eles, pode-se citar a foto de perfil, em que o usuário coloca uma foto de si mesmo ou uma imagem que constitua os interesses inerentes à construção de seu avatar no ambiente virtual. A foto de capa, que complementa e constitui um plano de fundo para a foto de perfil, sendo um recurso imagético que, assim como a foto de perfil, se localiza no topo da página pessoal, acima do nome do usuário, como se pode averiguar na imagem a seguir:

**Figura 5:** Exemplo de perfil pessoal do *Facebook*

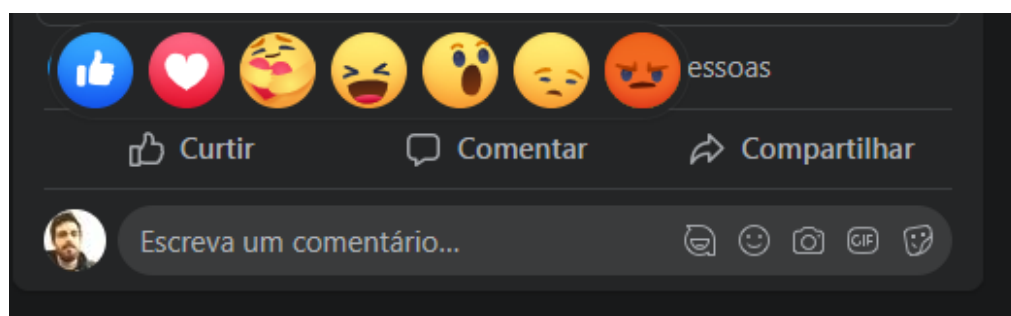


Fonte: perfil pessoal do *Facebook* de Anderson Nowogrodzki da Silva. Disponível em: <<https://www.facebook.com/anderson.nowogrodzki/>>. Acesso em 20 de jan. de 2021.

Além disso, o usuário pode personalizar seu perfil com uma descrição mais detalhada do seu avatar (como representação de si ou criação fantasiosa), incluindo elementos como profissão e escolaridade, cidades pelas quais passou e em que habita, endereço em que reside, status de relacionamento, número de telefone, e-mail, sites que gerencia, gênero com o qual se identifica, data de nascimento, línguas que fala, interesses, religião, preferências políticas, acontecimentos importantes em sua vida, uma breve descrição de si, pronúncia do nome, outros nomes pelos quais poderia ser chamado, citações favoritas, registro sobre doação de sangue, além de poder especificar os contatos com quem estabelece relações afetivas ou familiares. Essas informações aparecem de forma resumida na caixa de “Apresentação” e de forma detalhada na aba “Sobre” que compõem a página do usuário, ambas visíveis na figura 5, podendo ter sua visibilidade configurada para que sejam públicas, restritas a amigos, somente vistas pelo próprio usuário, visualizadas por contatos determinados em uma lista pré-definida ou de forma personalizada (incluindo contatos específicos). A personalização do perfil do usuário permite ainda adicionar fotos, divididas em álbuns, arquivos de *stories*, que são publicações que duram 24 horas e são compartilhadas e visualizadas na página inicial dos usuários, vídeos, confirmações de presença em locais e hobbies. (2) A ferramenta de adição de contatos se configurando como o principal canal para que se estabeleça a conexão entre pessoas no *Facebook* por meio de seus avatares, sendo fundamental para a existência rede social digital, na medida em que cria a rede de contatos com os quais se pode interagir. (3) O chat vinculado ao Messenger do *Facebook* é a ferramenta por meio da qual o usuário interage comunicativamente com seus contatos com base na linguagem verbal escrita, de forma individual ou coletiva. Por meio desse recurso, é possível enviar mensagens em tempo real (que podem ser respondidas de forma síncrona ou assíncrona), complementadas por áudios, vídeos, links, imagens, arquivos, figurinhas, gifs e a localização do usuário. (4) O botão curtir localizado nas páginas (*fanpages*) é um recurso que permite ao usuário acompanhar as atualizações de postagens realizadas nelas. A conta pessoal do usuário lista as páginas curtidas de forma pública (o que também contribui para a constituição do avatar) e oferece sugestões de páginas similares via algoritmo. (5) Os aplicativos internos do *Facebook* funcionam como ferramentas interacionais na medida em que possibilitam práticas coletivas mediadas pelo ambiente virtual, como jogos, testes, aplicativos de gerenciamento de negócios etc. (6) O botão “cutucar” é uma opção a ser utilizada nos perfis de outros usuários, funcionando como uma forma de chamar a atenção de outrem por meio de uma notificação que informa que o usuário foi cutucado. (7) Os anúncios são uma ferramenta paga que permite aos usuários divulgarem

um empreendimento, gerando mais visibilidade para aqueles que teriam potencial interesse pelo que é anunciado. O *Facebook*, por meio de um algoritmo, capta dados dos usuários e os utiliza para direcionar anúncios e conteúdos aos perfis que apresentam alguma relação de interesse, interpretada por meio de padrões interacionais. (8) Curtir postagens é uma ferramenta que permite ao usuário interagir em publicações de contatos, grupos e páginas que aparecem em seu *feed*, podendo variar cultural e socialmente em relação aos sentidos que pode expressar. Além disso, o usuário pode definir o tipo de curtida utilizado. Além da versão padrão (polegar levantado), aparecem algumas reações que expressam sentimentos em relação ao que foi compartilhado. Na ordem como são apresentadas, a rede social digital as define pelas expressões: Curtir; Amei; Força; Haha; Uau; Triste e Grr, como representado na imagem a seguir:

**Figura 6:** tipos de curtidas do *Facebook*



Fonte: perfil pessoal do *Facebook* de Anderson Nowogrodzki da Silva. Disponível em: <<https://www.facebook.com/anderson.nowogrodzki/>>. Acesso em 20 de jan. de 2021.

(9) A ferramenta comentar permite ao usuário escrever uma mensagem referente ao que foi compartilhado ou a mensagens postadas anteriormente numa publicação, possibilitando, ainda, por meio dos ícones presentes ao lado direito da caixa de texto (que podem ser observados na figura 6), utilizar figurinhas, *gifs* e *emojis* e anexar fotos e vídeos. (10) A última ferramenta interacional aqui listada se refere ao botão compartilhar, também presente na figura 6. Por meio desse elemento, o usuário pode reproduzir a publicação compartilhada no seu *feed* dentro da sua própria linha do tempo, fazendo com que apareça como uma de suas publicações no *feed* de notícias dos seus contatos. Apesar de os compartilhamentos carregarem consigo o nome do perfil que fez a postagem originalmente, o usuário incorpora a sua voz ao que é compartilhado, podendo reafirmar o conteúdo ou produzir novos efeitos de sentido em relação a ele por meio da adição de um comentário de sua autoria, contribuindo para a representação virtual de si como um avatar.

### 5.6.2 Comunidade de fala virtual ATEA: características e dinâmicas

Tendo caracterizado o *Facebook* como rede social digital, apresentando suas especificidades, parte-se para a descrição do objeto de análise desta tese, a comunidade de fala virtual ATEA, dinamizada numa *fanpage* do *Facebook*, criada pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. A associação foi fundada por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli, em 31 de agosto de 2008, como uma expressão do movimento neoateísta no Brasil, atuando predominantemente em ambientes virtuais, como o site oficial da ATEA ([www.atea.org.br](http://www.atea.org.br)), a própria página no *Facebook*, também intitulada ATEA, entrevistas, palestras e debates. A entidade conta com mais de 19 mil associados.

A ATEA é uma entidade burocratizada, com personalidade jurídica, sem fins lucrativos, atuando socialmente de forma filantrópica e assistencial, não se vinculando a partidos políticos, promovendo o neoateísmo, almejando a quebra do preconceito, a busca pela equidade entre pessoas que possuam diferentes crenças, a instituição de leis seculares que promovam a formulação de um Estado efetivamente laico e a busca por diminuir a influência do fanatismo religioso e da alienação velada na sociedade. De acordo com o site ATEA (2021), a associação tem representatividade na Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB/SP, no Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos do governo do Estado do Rio de Janeiro e no Comitê de Liberdade Religiosa do Estado do Rio Grande do Sul. De acordo com o estatuto da entidade, seus objetivos são, de forma literal:

- Congregar ateus e agnósticos, defendendo seus interesses e direitos, em todo o território nacional, bem como nos países ou estados independentes onde o Estado Brasileiro possui representação diplomática;
- Combater o preconceito e a desinformação a respeito do ateísmo e do agnosticismo, dos ateus e dos agnósticos;
- Auxiliar a auto-afirmação dos ateus e agnósticos frente ao preconceito e a rejeição sociais;
- Apontar o ateísmo e o agnosticismo como caminhos filosóficos viáveis, consistentes e morais;
- Promover sistemas éticos seculares;
- Promover a laicidade efetiva do Estado, combatendo em todas as esferas legais qualquer tipo de associação que seja contrária ao descrito na Constituição da República Federativa do Brasil;
- Promover o pensamento crítico e o método científico; e
- Defender os direitos legais de ateus e agnósticos podendo participar e contribuir com as instituições democráticas legalmente descritas e fundamentadas na Constituição da República Federativa do Brasil, fazendo sugestões, participando de discussões sociais e representando ações públicas ou privadas sempre com base nos objetivos descritos e fundamentados no estatuto. (ATEA, 2021)



Este trabalho não toma como objeto de estudo a instituição burocratizada ATEA, mas a página do *Facebook* homônima, em que se constitui uma comunidade de fala virtual. É importante que se estabeleça a diferença existente entre elas. Enquanto a associação burocratizada é um braço do movimento neoateísta no Brasil, tendo criado a página ATEA no *Facebook*, dinamizando-a por meio de publicações, a comunidade de fala virtual ATEA se constitui por meio dos falantes/ usuários que interagem comunicativamente de forma virtual no microambiente da página, relacionando-se numa faixa de transição abstrata entre extensões dos ecossistemas linguísticos em que vivem e atuam, por meio dos seus avatares. Entender os valores morais, as premissas e o modo como se dinamiza socialmente a entidade ATEA é relevante para que se possa contextualizar o pano de fundo que permeia a produção dos enunciados postados na página do *Facebook*, que são de autoria da associação. O centro de interesse da análise, no entanto, se direciona ao modo como os integrantes dessa comunidade de fala virtual interagem a partir dessas publicações, observando, em exemplos concretos, como se dinamiza a interação comunicativa virtual.

Tendo evidenciado que o microambiente virtual da rede social digital *Facebook* em que a ATEA se efetiva enquanto comunidade de fala virtual são as páginas (*fanpages*), é necessário ampliar e especificar suas características e dinâmicas a partir do olhar para a materialidade. Essa descrição é importante, pois o microambiente virtual em que a interação e a comunhão são estabelecidas entre os falantes de uma comunidade de fala virtual ajudam a delimitá-la em oposição a outras comunidades de fala virtuais existentes.

Considera-se, antes de qualquer coisa, que a ATEA, enquanto comunidade, constitui um complexo interacional que congrega diversas culturas, num processo de identificação mútuo entre pessoas que compartilham a não-crença em deus ou a dúvida enquanto identidades e que se associam pelo senso de pertencimento às premissas que constituem o movimento neoateísta. O baixo número de neoateus em comunidades de fala que se formam em ecossistemas linguísticos estabelecidos em territórios físicos e o fato de não serem um grupo social hegemônico tornam propícias as manifestações do movimento e sua convergência para o ambiente virtual, na medida em que se configura como um espaço democrático que tem a capacidade de unir pessoas de todo o mundo num mesmo ambiente. A página da ATEA no *Facebook* conta com mais de 15 mil curtidas, ressaltando que, por ser um espaço público, esse número engloba também agnósticos, curiosos e alguns religiosos que, vez ou outra, interagem nas postagens.

Pelo fato de ser a rede social digital mais popular e acessada no mundo, o *Facebook* é ideal para que um movimento social que se constitui predominantemente de forma virtual se mobilize, dê forma a um agrupamento social e seja o espaço das expressões e das interações que propiciam o estabelecimento da comunhão mediada por avatares que são criados pelos usuários. Delineia-se, assim, um simulacro virtual em que se interage de forma diferente em relação à realidade física, em que valores são produzidos e transpostos para diferentes ecossistemas linguísticos conectados virtualmente, em que regras interacionais específicas são formuladas. Em razão da adesão massiva ao *Facebook*, pode-se considerar que, a partir das interações comunicativas virtuais nele estabelecidas, influencia-se indiretamente as culturas, a política e os modos de ver e entender o mundo em cada ecossistema linguístico que se conecta a essa rede social digital por meio dos seus falantes manifestos em avatares.

A fim de entender de que forma a comunidade de fala virtual ATEA se sistematiza na rede social digital e como os falantes que dela fazem parte interagem e se organizam, observam-se suas características materiais e analisa-se sua estrutura dentro do *Facebook*. Em primeiro lugar, é necessário perceber como a página é identificada no ambiente virtual, para que se possa entender sua representatividade na constituição de um grupo social. Para tanto, observa-se a figura 7:

**Figura 7:** Identificação da página do *Facebook* ATEA



Fonte: Página da ATEA no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atea.org.br/>>. Acesso em 20 de jan. de 2021.

A foto de perfil apresentada na figura 7 traz o nome da associação burocratizada que é uma vertente do movimento neoateísta no Brasil, ATEA, esse fato é importante pois reafirma a página como mobilização social e, ao mesmo tempo, como ambiente de expressão do grupo social que constitui o movimento. É importante lembrar que, a foto de perfil é a imagem de identificação da página sobre a qual incide maior visibilidade, pois, em todas as publicações realizadas, ela aparecerá no *feed* de notícias dos usuários. O destaque das letras brancas sobre o fundo preto demonstra o impacto que se busca causar por meio da abreviatura que representa uma instituição em consolidação no Brasil desde o ano de 2003. ATEA se torna, para além de uma abreviatura, um símbolo que congrega pessoas que se sintam pertencentes ao movimento neoateísta no Brasil ou que se identifiquem com as insatisfações sociais que movem o grupo.

A foto de capa, aparente ao fundo, na parte superior da figura 7, como explicado anteriormente, complementa e cria um plano contextual para a foto do perfil, delineando com mais clareza, no caso de uma *fanpage*, seus propósitos e interesses. Novamente, é apresentada a abreviatura “ATEA”, mas, dessa vez, em letras garrafais, instituindo pela regularidade a relação do nome da página com o microambiente virtual em que ela se constitui, tornando-se parte da identificação da comunidade de fala virtual. Destaca-se, em relação à linguagem verbal escrita, também, os gêneros discursivos em que se enquadram os enunciados postados pela página (humor, notícias, relatos, denúncias e ativismo), informando ao usuário, de forma prévia e clara, o tipo de conteúdo que será compartilhado, sobre o qual este estudo se debruça em seu próximo capítulo. No canto inferior direito da foto de capa, aparece uma divulgação do site oficial da associação precedido do dizer “Junte-se a nós”, no modo imperativo. Esses elementos são ainda acompanhados por uma imagem que corrobora a percepção de que as mobilizações do movimento neoateísta nas redes sociais digitais são uma forma de reunir em um grupo social coeso aqueles que se alinham à causa. Representa-se uma multidão ao lado esquerdo da ilustração e uma pessoa isolada apontando para o lado direito da imagem com a mão esquerda, direção na qual se materializa a divulgação do site oficial da ATEA e a abreviatura. Pelos indícios emergentes nesse texto multimodal, infere-se, como efeito de sentido possível, que a página tem como motivação congregar adeptos do movimento social neoateísta em um mesmo ambiente, ainda que virtualmente, e reuni-los como parte da ATEA.

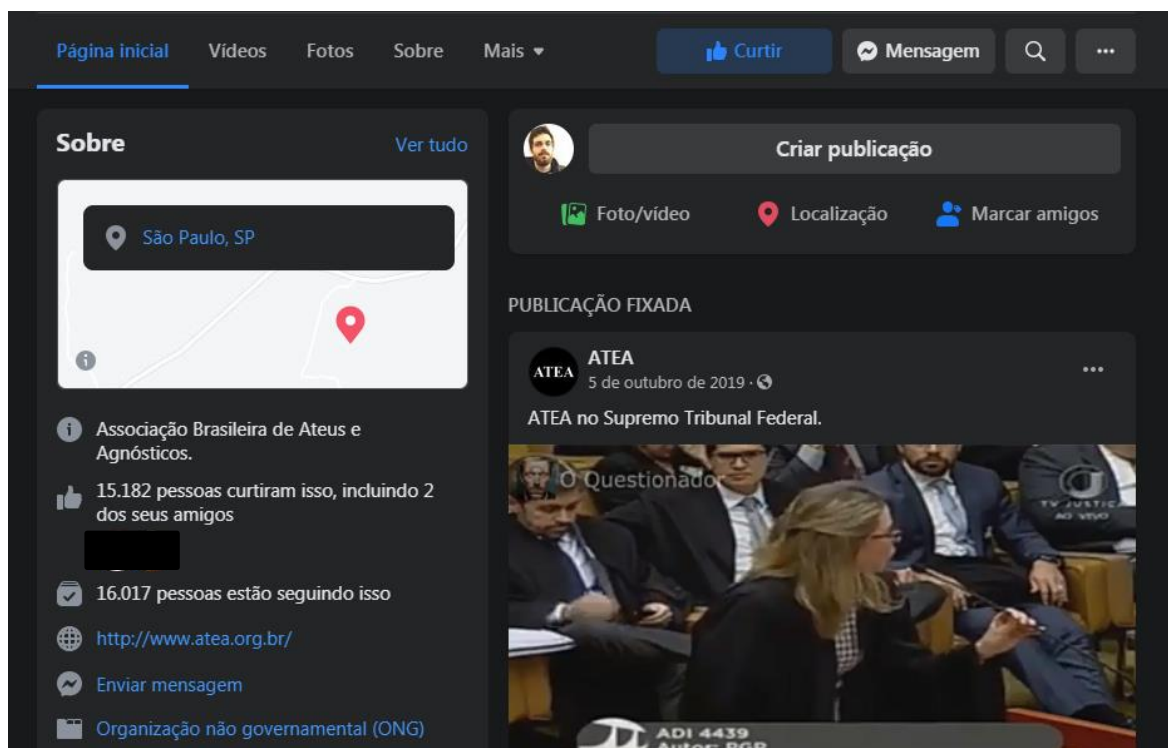
Abaixo da foto de capa, encontra-se o nome da página, regularizando ainda mais a abreviatura como símbolo de identificação do grupo, e uma descrição, caracterizando-o como parte de uma Organização não governamental. Ao lado direito, encontra-se um botão de acesso ao grupo privado da ATEA (não gerenciado pela entidade ATEA), que funciona como uma

extensão da página, em que os usuários, que são parte da comunidade de fala virtual, por ser um ambiente mais restritivo, interagem com maior frequência e têm a oportunidade de compartilhar, eles mesmos, conteúdos que se relacionem ao movimento neoateísta, contemplando os gêneros discursivos apresentados na foto de capa que aparece na figura 7.

Para além do que foi exposto, a figura 7 ainda traz alguns elementos que precisam ser abordados para que se entenda a extensão das ferramentas interacionais que a página oferece ao usuário. Na parte inferior da imagem, à esquerda, encontram-se cinco abas (mais detalhadas na sequência) entre as quais os usuários podem navegar, para que acessem todos os ambientes internos da página, seguidas pelos botões “curtir” (utilizado para que o usuário se inscreva como participante da página e receba as publicações dela em seu *feed* de notícias), “Mensagem” (utilizado para redirecionar o usuário para o Messenger, microambiente virtual em que poderá interagir de forma privada com os administradores da página) e “pesquisar na página” (utilizado para buscar publicações, fotos, vídeos ou outros conteúdos que tenham sido vinculados à página). Existe ainda um botão com reticências. Ao clicar sobre ele, o usuário abre um menu em lista que permite: seguir a página sem curtir-la; salvar a página em uma área específica do seu perfil; compartilhar a página; sugerir edições; curtir utilizando uma página gerenciada pelo usuário, ao invés do perfil pessoal; convidar amigos; bloquear página e obter apoio ou denunciar página.

A fim de entender melhor a mobilidade entre os ambientes da *fanpage* da ATEA, focalizam-se as abas citadas anteriormente, observando sua estrutura a partir da figura 8. A página inicial é o ambiente em que as demais abas são sintetizadas numa coluna, à esquerda, para que possam ser acessadas, e as publicações da página são organizadas cronologicamente, à direita (podendo existir publicações mais antigas fixadas no início da linha do tempo de publicações). Na parte superior da figura 8, observa-se que os usuários podem criar publicações de forma pública, adicionando um plano de fundo padrão ou fotos e vídeos, escrevendo, verbalmente, uma mensagem, adicionando *emojis* e marcando a localização física em que se encontram. Porém, as publicações feitas pelos usuários não são postadas diretamente na linha do tempo da página. Elas são movidas para uma seção à parte, localizada no único subitem que aparece ao clicar na aba “Mais”, o item “Comunidade”, tendo menor visibilidade do que as publicações criadas e publicadas pelos administradores da página.

**Figura 8:** Página inicial da *fanpage da ATEA*



Fonte: Página da ATEA no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atea.org.br/>>. Acesso em 20 de jan. de 2021.

Na sequência da página inicial estão as abas “Vídeos” e “Fotos”, nas quais ficam armazenados todos os arquivos audiovisuais que são publicados na linha do tempo da página pelos administradores. Por último, na aba “Sobre”, são apresentadas informações relativas a: localização da sede física da entidade ATEA na cidade de São Paulo; ao número de pessoas que curtiram a página (mais de 15 mil pessoas, na data da última consulta) e quantas delas são contatos listados no perfil pessoal do usuário que acessa a página; quantas pessoas estão seguindo a página (recebendo suas publicações), tendo curtido ela ou não (mais de 16 mil pessoas, na data da última consulta); um hiperlink caracterizando-a como Organização não governamental (ONG) que redireciona o usuário para o resultado de uma busca listando uma série de outras páginas com a mesma caracterização no *Facebook*; um hiperlink para o site oficial da ATEA; um hiperlink para entrar em contato com os administradores da página via Messenger e uma breve descrição com o nome “Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos”.

Após conhecer o microambiente virtual da página ATEIA e suas ferramentas interacionais, ressalta-se que as publicações, como principal ferramenta de interação comunicativa virtual entre os usuários que constituem a comunidade de fala virtual ATEA, seguem o mesmo modelo de postagens em perfis pessoais de usuários, podendo ser curtidas,

comentadas e compartilhadas. Essa ferramenta interacional será esmiuçada no próximo capítulo, por meio do desenvolvimento da análise.

Por fim, ressaltam-se algumas características da comunidade de fala virtual ATEA, para que, posteriormente, elas sejam tomadas como pressupostos. Configura-se uma comunidade de fala virtual não limitada a um território físico, portanto, os usuários são pessoas de todo o mundo (que constituem outras comunidades de fala na realidade física), mas principalmente do Brasil, na medida em que a ATEA é uma entidade brasileira que faz publicações relacionadas ao ambiente político, cultural e social do país. Os usuários convergem para a *fanpage* em razão de se identificarem com os valores, as insatisfações e as demandas apresentadas na página, o que gera senso de pertencimento a um grupo social que não tem grande representatividade na realidade física, tornando-os parte do movimento neoateísta ao darem visibilidade a ele e ao criarem mobilizações, virtualmente, reiterando a imagem de seus avatares e as máscaras digitais que os subjetivam no ambiente virtual como ateus. Constitui-se, dessa forma, uma comunidade de fala virtual difusa, por ser formada por um número grande de membros que, em geral, não compartilham o mesmo ambiente físico, ao contrário de comunidades de fala virtual concisas, como grupos de família, em que os usuários se encontram tanto no ambiente físico quanto no ambiente virtual, constituindo-se, geralmente, de grupos menores de pessoas.

Os usuários que constituem a comunidade de fala virtual ATEA estão integrados ao mesmo microambiente virtual do *Facebook*, a *fanpage* da ATEA, predispondo-se a interagirem comunicativamente por compartilharem o senso de pertencimento ao movimento neoateísta e delimitando-se por se organizarem como seguidores de uma mesma página. Utilizam-se as postagens da *fanpage* como pontos de ignição para que a interação comunicativa virtual aconteça. O que só é possível por se efetivar na realidade virtual, permitindo que um número grande de pessoas possa participar do mesmo ato de interação comunicativa sem que ocupem o mesmo território.

Partindo da descrição realizada neste capítulo sobre o objeto de estudo desta tese, procede-se, no capítulo seguinte, à análise das interações comunicativas virtuais que permeiam e constituem a comunidade de fala virtual ATEA.

## CAPÍTULO 6 | ANÁLISE DA COMUNIDADE DE FALA VIRTUAL ATEA

No presente capítulo são analisadas e esmiuçadas as características da comunidade de fala virtual constituída pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) em sua página do *Facebook*, de uma perspectiva ecossistêmica, por meio do método netnográfico, ilustrando a rede de interação comunicativa estruturada por ela, para que se possa visualizar e entender o fluxo interacional estabelecido entre os usuários que participam na página e a dinâmica da interação.

Além disso, são analisadas as regras interacionais mobilizadas pelo grupo, o modo como se institui a comunhão entre os membros e como são reiterados seus avatares em relação ao movimento neoateísta, ou seja, observa-se a forma como imagens, dados, informações, fatos e opiniões são mobilizados para que os usuários possam construir e expor suas identidades virtualmente, dando forma a suas máscaras digitais, seus avatares.

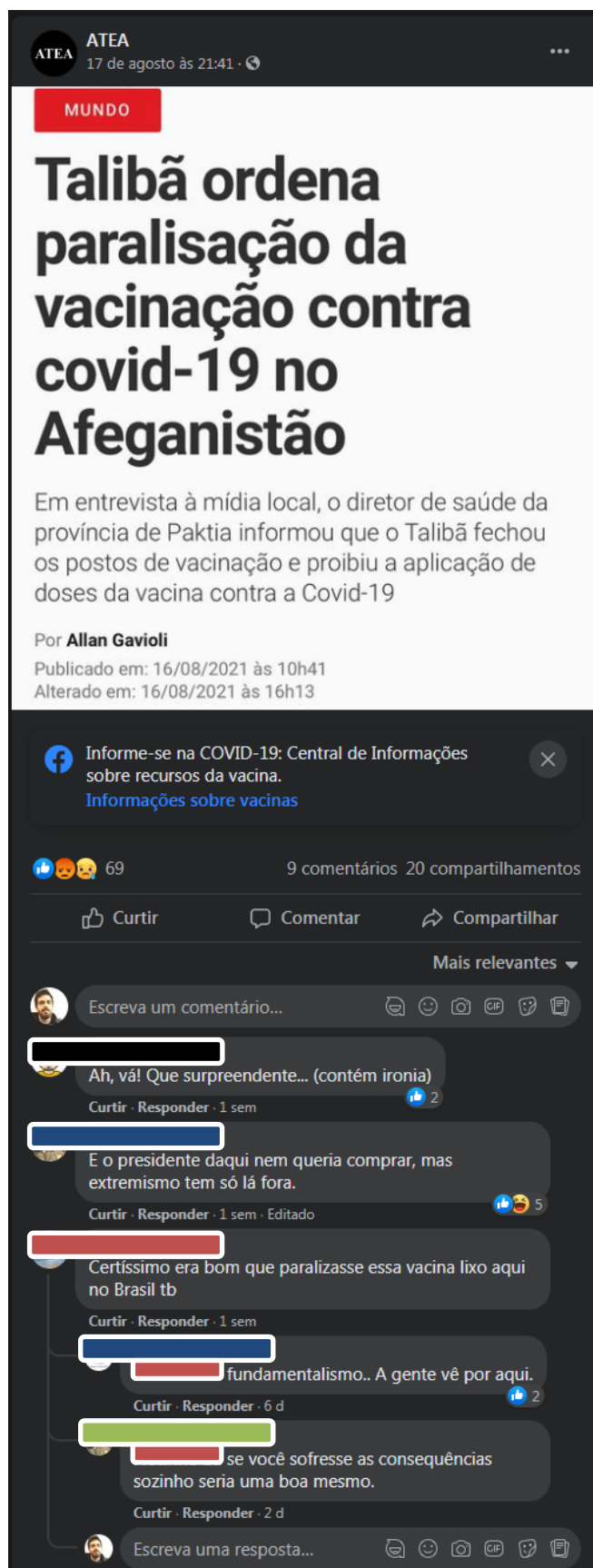
### 6.1 A ecologia da interação comunicativa da comunidade de fala virtual ATEA

Para que se possa entender como um ato de interação comunicativa (AIC) se dinamiza por meio de um fluxo interacional na interação comunicativa virtual, utiliza-se a ecologia da interação comunicativa (EIC) como forma de observar e descrever os elementos que o constituem, sendo eles: cenário; falantes/ouvintes; circunstâncias e regras interacionais.

O primeiro elemento a ser ressaltado aqui é o cenário em que as interações acontecem. Por ser um ambiente virtual, não há presença de um cenário físico constituído. O microambiente interacional estabelecido na interface da *fanpage* da ATEA no *Facebook* institui o cenário da interação. Este microambiente foi descrito no capítulo anterior e é relevante para a análise da interação comunicativa virtual da comunidade de fala ATEA por se constituir como o âmbito das redes sociais digitais em que a interação se efetiva, sendo definido de acordo com a organização das ferramentas interacionais e dos demais recursos multimodais dispostos.

Os falantes/ouvintes que compõem a comunidade de fala virtual ATEA são os seguidores da página que participam de interações comunicativas, sendo eles usuários do *Facebook* que se projetam em avatares criados em um perfil pessoal, estendendo-se para a realidade virtual, visando interagir com outros usuários em microambientes delimitados pela rede social digital.

Antes de abordar os circunstâncias e as regras interacionais, é necessário entender como se estrutura a interação em publicações feitas por *fanpages*, como representado na figura 9:

**Figura 9:** Estrutura de uma publicação na página da ATEA

Fonte: Página da ATEA no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atea.org.br/>>. Acesso em 20 de ago. de 2021.



A fim de preservar a identidade dos usuários, suas fotos de perfil e seus nomes foram cobertos, identificando-os por cores.

No fluxo de uma interação comunicativa virtual, apresentada na figura 9, alguns elementos devem ser observados para que se proceda, posteriormente, à análise. Ao publicar a manchete de uma notícia que diz respeito à atuação do Talibã, movimento fundamentalista e nacionalista islâmico, em favor da paralisação da vacinação contra a COVID-19 no Afeganistão, a página promove um assunto que é compartilhado nas linhas do tempo de todos os usuários que a seguem, convidando-os, dessa forma, a participarem de uma interação comunicativa virtual sobre determinado tema. É interessante notar que, no microambiente virtual das *fanpages*, o modo mais regular de se convidar um dos falantes que compõem a comunidade de fala virtual a se integrarem a um ato de interação comunicativa é a publicação de um conteúdo por parte da própria página, abrindo o fluxo interacional. Uma forma menos usual é utilizada pelos próprios participantes, que podem marcar outras pessoas ao digitar seus nomes num comentário, gerando uma notificação no perfil pessoal dos usuários-alvo, convidando-os a se tornarem parte da interação.

Com base nessa dinâmica de chamamento à interação comunicativa virtual, percebe-se que os circunstantes (assuntos abordados na interação) são definidos pela página que realiza a publicação, na medida em que os comentários feitos abaixo serão reações a ela, podendo gerar novos assuntos a partir de interações que se estendam.

Os atos de interação comunicativa no ambiente virtual são sistematizados em camadas. Ao observar a figura 9, percebe-se que os falantes preto, azul e vermelho participam do diálogo principal, respondendo diretamente ao conteúdo da publicação. Na sequência, o participante azul, que já havia feito um comentário, e o participante verde interagem especificamente com o comentário do participante vermelho, criando um subdiálogo, marcado por linhas que os conectam.

Outras formas de interação comunicativa virtual na interação são as curtidas e os compartilhamentos. Na figura 9, 69 participantes curtiram a publicação, 39 o fizeram por meio da curta simples (polegar levantado), 17 utilizaram a representação do rosto raivoso, 12 utilizaram o a representação do rosto triste e 1 utilizou a representação do rosto surpreso. Além disso, 20 pessoas compartilharam a publicação em seus perfis pessoais. As curtidas expressam os sentimentos dos usuários ao se depararem com as publicações, pois são um conjunto de reações possíveis. A curta simples não tem, necessariamente, valor positivo, a interpretação do seu sentido é cultural e contextual, podendo ser uma marcação de registro da visualização

do conteúdo, um incentivo para que a página continue publicando (pois isso aumenta a visibilidade dela), uma validação da importância do conteúdo etc. A definição dos sentidos dos demais formatos de curtidas é menos abrangente, apesar de poderem variar a depender da cultura e do contexto em que são mobilizados, pois dizem respeito a sentimentos humanos (amor, compaixão, felicidade, surpresa, tristeza e raiva).

Os comentários dos usuários também podem ser curtidos. Na figura 9, percebe-se que o falante marcado em preto tem 2 curtidas. Seu comentário “Ah vá! Que surpreendente... (contém ironia)” é relevante para esta análise na medida em que traz dois elementos importantes da interação em ambientes virtuais. O primeiro deles é a marcação redundante, por meio da linguagem verbal escrita, de uma figura de linguagem, a ironia. Num primeiro momento, a expressão “Ah vá!” suscita ao interlocutor a ideia de ironia, demarcando a irrelevância do que foi dito por outrem como algo óbvio, no caso, a associação entre o Talibã e o combate à ciência por meio de uma postura conservadora fundamentalista. Na sequência, o falante estabelece o centro de sua mensagem irônica “Que surpreendente...”, afirmando o contrário do que se quer dizer, para que, posteriormente reitere entre parênteses que o seu dizer “contém ironia”. Esse encadeamento de recursos linguísticos redundantes para promover o efeito de sentido de ironia é natural nas redes sociais digitais para que se evitem mal entendidos na interpretação do interlocutor, principalmente em ambientes virtuais públicos, em que a negociação dos sentidos é menor do que em conversações privadas. Compensa-se a ausência de recursos paralinguísticos que, na interação comunicativa face a face, poderiam produzir, por meio da manipulação dos sons vocais, o efeito de ironia apenas com a frase “Que surpreendente...”.

O segundo elemento importante a ser observado no comentário do participante marcado em preto são as próprias curtidas. O fato de enunciados mais alinhados aos propósitos, demandas e insatisfações do movimento neoateísta serem mais curtidos de forma positiva na comunidade de fala virtual ATEA é relevante, por demonstrar como a ferramenta interacional da curtida funciona, legitimando a voz alheia e incorporando-se a ela, ressaltando-a entre as demais, o que promove uma relação de identificação e senso de pertencimento entre os membros da comunidade, sendo um aspecto que fomenta a comunhão entre os usuários. Alguns comentários, por outro lado, são curtidos com reações negativas ou não são curtidos, o que pode demarcar exatamente o contrário. Cria-se uma oposição entre aqueles que estão alinhados a certos valores mobilizados pela página da ATEA, que representam, de forma geral, os princípios do movimento neoateísta, e aqueles que não se alinham a eles, demarcando os limites do grupo social por meio da oposição entre “eles x nós”.

O participante marcado em azul, em seu primeiro comentário, reitera a percepção expressa anteriormente sobre a identificação entre os usuários mediada pelos enunciados e a demarcação dessa identificação utilizando a ferramenta interacional “curtir”. O falante com a tarja azul traz ao fluxo interacional um assunto que diz respeito ao contexto político e social do Brasil no ano de 2021, o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro e a pandemia de COVID-19. Ressalta-se, no comentário, o fato de o governo federal ter protelado a aquisição de vacinas e a relação dessa posição com a atuação do Talibã no Afeganistão, descrita na manchete postada pela *fanpage* da ATEA, definindo-os, pela convergência entre as decisões tomadas, como extremistas. Mais uma vez, dois indícios se destacam nesse comentário. O primeiro deles é o número de pessoas que curtiram o comentário (5), o que pode se justificar pela relação próxima que o governo Bolsonaro estabelece com entidades religiosas conservadoras e figuras fundamentalistas, gerando identificação com o enunciado do falante azul por parte dos usuários que não se alinham à visão de mundo do presidente, que vai na contramão dos princípios do movimento neoateísta. O segundo indício importante é a mobilização de dêiticos para demarcar o ambiente físico a partir do qual se fala, ou seja, o ecossistema linguístico em que o usuário está presente no momento em que enuncia virtualmente, por meio dos advérbios de lugar “aqui” e “lá”, referenciando, respectivamente, o Brasil e o Afeganistão. Essas marcações ressaltam a tese de que o ambiente virtual é uma extensão do ecossistema linguístico dos falantes. Ainda que os usuários se projetem num ambiente virtual, o território no qual se localizam não é perdido ou deixado de lado, existe uma relação de interpenetração entre os ecossistemas linguísticos e as comunidades de fala virtuais.

O comentário do falante marcado em vermelho também traz alguns indícios importantes relativos à constituição da comunidade de fala virtual ATEA. O primeiro deles é a visão dissonante em relação aos demais usuários, gerando uma oposição ao que é regularmente dito nos comentários, ou seja, à visão estabelecida pelo grupo de que a postura antivacina relacionada ao fundamentalismo religioso é danosa, perspectiva que gera identificação e, por conseguinte, senso de pertencimento. Isso faz com que o comentário que apoia a paralisação do processo de vacinação contra a COVID-19 no Brasil e a classificação da vacina como “lixo” não tenha nenhuma curtida e gere dois comentários que se opõem a ele, sendo um deles realizado por um participante (azul) que já havia interagido anteriormente. Além disso, para demarcar a quem se dirige o enunciado, os falantes verde e azul usam o nome do falante vermelho como vocativo, marcando-o no comentário para que uma notificação das respostas à mensagem seja enviada a ele.

Retornando à definição dos elementos que compõem a ecologia da interação comunicativa da comunidade de fala virtual ATEA, observa-se que não há marcadores linguísticos nas interações que demarquem o início ou o fim da conversação. Como diversos usuários participam em diferentes tempos e lugares de uma mesma interação comunicativa, perde-se o sentido de utilizar saudações que se relacionem a um período do dia. Para além disso, solicitações como a saudação ou a despedida tornam-se irrelevantes, pois a *fanpage* abre o fluxo interacional, não demandando que os usuários o façam, e o fechamento se dá pela efemeridade e pela velocidade do fluxo contínuo de publicações no *feed* de notícias dos usuários, que se atualiza incessantemente, fazendo com que, mesmo que as interações comunicativas virtuais estejam em estado de persistência, por serem armazenadas na linha do tempo da página, elas sejam esquecidas rapidamente e substituídas por novas interações.

Como último elemento desta EIC a ser analisado, as regras interacionais virtuais são o núcleo que direciona os modos de agir, produzir sentidos e interagir em uma comunidade de fala virtual. Ao olhar para a comunidade de fala virtual ATEA, analisam-se as regras interacionais virtuais que regem os fluxos interacionais, observando suas especificidades. A partir do quadro comparativo entre as regras interacionais dinamizadas pelo corpo na interação face a face, propostas por Couto (2016a), e as regras interacionais emuladas por ferramentas interacionais na rede social digital *Facebook*, propostas neste estudo no capítulo 3, traça-se um novo comparativo entre as regras gerais constatadas no ambiente virtual do *Facebook* e as regras específicas que se destacam nas interações dentro da comunidade de fala virtual ATEA.

Por meio da observação e da participação, a partir de de uma visão ecológica de mundo, em interações comunicativas virtuais na *fanpage* da ATEA, relacionam-se, em seguida, as regras interacionais como um todo de elementos que, em conjunção, permitem aos usuários se relacionarem como uma comunidade de fala virtual. Essas definições se basearam na constatação das regularidades dos indícios que configuram cada característica apresentada no quadro a seguir, que têm por base as definições de regras interacionais da interação comunicativa face a face definidas por Couto (2016a). Destacam-se as seguintes regras interacionais específicas, em paralelo às regras gerais da rede social digital *Facebook*:

<b>Regras Interacionais emuladas por Ferramentas interacionais (<i>Facebook</i>)</b>	<b>Regras Interacionais emuladas por Ferramentas interacionais (Comunidade de fala virtual ATEA)</b>
Estabelecer proximidade virtual variável entre os usuários, a depender do ambiente de interação, podendo se	Estabelecer proximidade virtual entre os usuários nos comentários das postagens da página ATEA, podendo variar entre

concretizar numa postagem, nos <i>stories</i> , ou via <i>chat</i> (de forma privada ou grupal), de acordo com a situação comunicativa	camadas de interação. Quanto mais subdiálogos se criam numa mesma interação, maior a proximidade entre os usuários participantes dela, podendo ser transposta para o <i>chat</i> privado em algum momento, tamanha a proximidade
Os usuários adicionam uns aos outros aos seus contatos para que possam interagir comunicativamente por meio da disponibilidade de acesso aos seus avatares	Os usuários curtem e seguem a página da ATEA, recebendo em suas linhas do tempo as publicações que funcionam como chamamentos à abertura do fluxo interacional, conectando avatares de usuários que não estão, necessariamente, nas listas de contatos uns dos outros, mas que se identificam por meio da situação social que compartilham
Os usuários estabelecem contato uns com os outros durante a interação por meio de caixas de textos multimodais	Os usuários estabelecem contato uns com os outros durante a interação por meio de caixas de textos multimodais, nos comentários das publicações da página ATEA, predominando a linguagem verbal escrita.
Os usuários mantêm um volume médio de elementos no fluxo de textos multimodais compartilhados, condizendo com a velocidade demandada pela virtualidade, sem abrir mão dos efeitos de sentido a serem produzidos	Os usuários mantêm um volume médio de elementos no fluxo de textos multimodais compartilhados, condizendo com a velocidade demandada pela virtualidade, sem abrir mão dos efeitos de sentido a serem produzidos
Solicitações são satisfeitas na interação	Solicitações são satisfeitas na interação a depender da identificação estabelecida entre os usuários. Quanto mais distante é um usuário em relação aos princípios norteadores do grupo, mais jocosa, irônica e impolida será a forma de tratamento
Solicitação e satisfação ocorrem num tom cooperativo, harmonioso	Solicitação e satisfação ocorrem num tom cooperativo, harmonioso, criando, inclusive uma rede de âmparo entre os membros do grupo que se identificam. Por outro lado, a relação com participantes que se distanciam dos princípios neoteístas costuma envolver alterações e desarmonia, que conduzem à descomunhão ente os usuários
Os usuários utilizam recursos multimodais para expressar emoções e reações de forma polida, evitando parecer frios ou agressivos	Os usuários utilizam recursos multimodais para expressar emoções e reações, demarcando uma posição harmoniosa ou desarmoniosa em relação ao que é dito, por meio de curtidas e de comentários que reiterem seus avatares

Fluxo de fala descontínuo, com turnos que podem se sobrepor ou ser retomados de forma assíncrona	Fluxo de fala descontínuo, com turnos definidos pela cronologia das postagens, podendo ser retomados de forma assíncrona pela persistência da materialidade dos enunciados no ambiente virtual
Adequar os recursos multimodais utilizados ao modo como se quer expressar em relação ao assunto da interação	Adequar os recursos multimodais utilizados ao modo como se quer expressar em relação ao assunto da interação
Os usuários devem estar atentos ao fluxo interacional, retomando uma interação não finalizada mesmo que de forma assíncrona	Os usuários podem se ausentar do fluxo interacional a qualquer momento, podendo ou não retornar interações não finalizadas, o que se deve à velocidade de atualização dos <i>feeds</i> de notícias
Os interlocutores demonstram interesse durante a interação, sinalizando sua atenção mesmo que de forma assíncrona	Os interlocutores demonstram interesse de forma variável na interação, sinalizando sua atenção e sendo cordiais quando é estabelecido o senso de pertencimento
Quem iniciou a interação, geralmente, a encerra (a interação pode ser protelada indefinidamente, por não demandar co-presença ou sincronicidade entre os interlocutores)	A interação não precisa necessariamente ser encerrada, podendo ser um contínuo que não se inicia e não se finaliza marcadamente. O tempo da interação é ditado pela efemeridade da postagem nas linhas do tempo dos integrantes da comunidade de fala virtual ATEA. Como os enunciados persistem no ambiente virtual, a interação pode ser retomada a qualquer momento
Os usuários utilizam recursos multimodais para se fazer entender, compensando a ausência da corporeidade	Os usuários utilizam recursos multimodais para se fazer entender, compensando a ausência da corporeidade
A interação não precisa necessariamente ser encerrada ou iniciada, ela pode se estender por tempo indeterminado, pois fica armazenada	A interação não precisa necessariamente ser encerrada ou iniciada, ela pode se estender por tempo indeterminado, pois fica armazenada
Uso de regras sistêmicas regularizadas no ambiente virtual pelas comunidades de fala virtuais das quais se participa, prezando pela velocidade na elaboração sintática	Uso de regras sistêmicas regularizadas no ambiente virtual pelas comunidades de fala virtuais das quais se participa, prezando pela velocidade na elaboração sintática

**Tabela 03.** Quadro comparativo entre regras interacionais do *Facebook* e regras específicas da comunidade de fala virtual ATEA

## 6.2 Reiterando as máscaras digitais criadas para o avatar

A adesão à interação nas postagens que dinamizam a comunidade de fala virtual ATEA se baseia no quão representativas elas são para cada indivíduo do grupo, possibilitando elaborar e reiterar uma imagem de si no ambiente virtual. Destaca-se o fato de que o movimento neoateísta é policlassista, ou seja, o processo de identificação e o senso de pertencimento entre os participantes do grupo social se dão pela situação social em comum, podendo haver variações sobre posicionamentos políticos, visões de mundo e valores morais, o que é natural num ambiente virtual democrático e público que reúne pessoas de ecossistemas linguísticos tão diversos.

A reiteração dos avatares e a construção de máscaras digitais que os identifiquem podem se efetivar na comunidade de fala virtual ATEA de diversas formas diferentes, na medida em que as possibilidades de interação nas publicações da *fanpage* são diversas, como o compartilhamento de conteúdo postado pela página nos perfis pessoais dos falantes, subjetivando seus avatares ao integrar a voz do enunciado compartilhado às suas vozes, podendo ou não acrescentar comentários na postagem (mantendo ou alterando seus efeitos de sentido em relação às máscaras que se buscam constituir). Além disso, as curtidas variáveis nas publicações e/ou nos comentários dos usuários demarcam reações ao que é dito, estabelecendo um parecer identitário do falante nas materialidades compartilhadas. Por último e não menos importante, a postagem de comentários que reafirmem posições, estabelecendo uma identificação, ou que as contrariem, demarcando identidades pela oposição, contribuem para o modo como o usuário representa a si mesmo dentro da comunidade de fala virtual, enquanto avatar integrante de um coletivo virtual mobilizado que gera impactos na realidade física.

### 6.2.1 *Senso de pertencimento*

Sentir-se parte de um grupo social, identificar-se com outras pessoas e relacionar-se com sujeitos que veem o mundo de forma semelhante são motores que levam à constituição de comunidades de fala virtuais, pois podem conduzir à formação de redes de interação frequentes constituídas por grupos de pessoas que convivem no ambiente virtual de forma duradoura, como estabelecido por Couto (2007; 2016a).

Ao se inscrever numa *fanpage* do *Facebook*, o recebimento, na linha do tempo do usuário, de publicações compartilhadas pela página promove o potencial para que os participantes interajam de forma regular, sendo motivados a ingressarem em diferentes fluxos

interacionais de acordo com os assuntos mobilizados pelas publicações. A partir do momento em que o usuário passa a regularizar sua participação no grupo social, interagindo comunicativamente e dinamizando seu avatar e suas máscaras digitais ao comentar, curtir e compartilhar postagens, ele se torna um elemento constituinte da totalidade que dá forma à comunidade de fala virtual.

O caso da página ATEA e dos usuários que dela participam ativamente não é diferente, mas traz algumas especificidades da comunidade de fala virtual. Por ser um grupo social reunido com base em insatisfações sociais, que mobiliza demandas próprias e que compartilha os princípios que orientam o movimento neoateísta, os participantes se reúnem nos ambientes interacionais da página e, por meio das interações comunicativas, identificam-se como parte de uma coletividade. Demarcam-se, assim, as máscaras digitais que constituem os avatares dos usuários, sendo o ateísmo uma delas, instituindo-se como marca identitária por meio do senso de pertencimento.

A produção de enunciados ou de práticas no ambiente virtual que reforcem marcas identitárias relacionadas a grupos sociais específicos reitera a máscara digital do usuário, situando-o como parte de uma comunidade de fala virtual e subjetivando seu avatar. Para entender melhor essa dinâmica, observa-se a figura 10:

**Figura 10:** postagem sobre o dia internacional ateísta



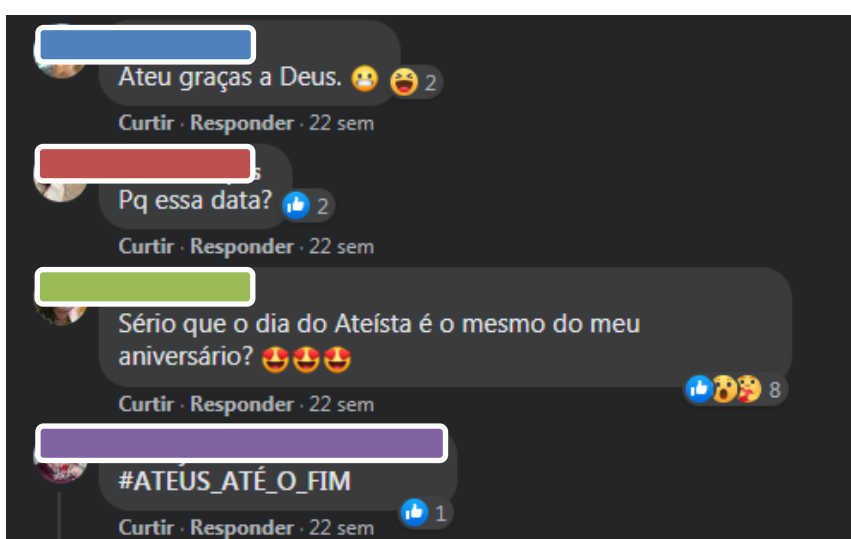
Fonte: Página da ATEA no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atea.org.br/>>. Acesso em 13 de abr. de 2021.



Ao realizar uma postagem sobre o dia internacional ateuísta, a página ATEA opera um chamamento aos usuários que se sentem pertencentes ao grupo social constituído por pessoas ateias para que participem do fluxo interacional iniciado pela publicação. Sendo o ateísmo uma marca identitária expressa por meio de um enunciado numa comunidade de fala alicerçada sobre os princípios do movimento social neoateísta, o senso de pertencimento à coletividade leva os usuários a interagirem na publicação. Dessa forma, constitui-se e reitera-se a máscara digital que se projeta virtualmente, possibilitando a representação do sujeito ateuísta.

Para que essa construção de uma representação de si seja possível ao interagir na publicação, o falante pode fazer uso de três caminhos. O primeiro deles é curtir a publicação, como se pode notar na figura 10, em que aparecem 270 curtidas, subdivididas em 204 polegares levantados e 66 reações de “Amei”. Pode-se avaliar essas reações, pelo contexto da publicação, como símbolos de valor positivo, por não aparecerem indícios de oposição ao que é dito no texto da publicação, o que as caracteriza como legitimações da postagem que expressam a posição de um conjunto de usuários em relação ao enunciado. Outra forma de estabelecer a representação de si é reproduzir o enunciado publicado pela página no perfil do usuário, compartilhando-o e incorporando-o à sua voz. Como se pode notar, a postagem conta com 79 compartilhamentos. A terceira forma de reiterar uma marca identitária numa publicação é o envio de mensagens multimodais via caixa de texto, como se pode averiguar na figura 11.

**Figura 11:** comentários sobre o dia internacional ateuísta



Fonte: Página da ATEA no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atea.org.br/>>. Acesso em 13 de abr. de 2021.

O comentário do falante marcado em azul traz, novamente, a ironia como elemento para demarcar uma posição e reiterar uma marca identitária. Ao dizer “Ateu graças a Deus.”, o usuário demarca a sua identidade enquanto ateu e ironiza uma expressão religiosa, configurada como uma interjeição, que traz o sentido de exaltação a uma figura divina em agradecimento por um acontecimento positivo, no caso, ser ateu. A contradição, por si só, marca a ironia do enunciado, pelo tom jocoso que estabelece, mas esse efeito é reforçado pelo uso do *emoji* sorrindo e mostrando os dentes, expressando a ausência de seriedade no comentário, o que se confirma pela reação de dois outros usuários, que o curtem utilizando risadas.

A usuária marcada em verde reforça sua identidade enquanto ateaia pertencente ao grupo social de uma forma diferente, constituindo sua máscara digital ao relacionar o evento divulgado pela página e o seu próprio aniversário, que acontecem na mesma data, por meio de uma pergunta retórica, gerando o efeito de surpresa. A surpresa poderia ser interpretada de forma negativa se outra linguagem não fosse mobilizada para complementar o sentido da frase, nesse caso, os *emojis* de carinhas com corações no lugar dos olhos, que demonstram o valor positivo atrelado ao enunciado. Oito pessoas curtiram o comentário, o que demonstra o senso comunitário estabelecido nas interações e promove a comunhão entre os usuários, que atribuem relevância a um evento da vida pessoal de uma integrante do grupo associado a um evento da coletividade, reforçando o senso de pertencimento como uma forma de demarcar identidades.

Por último, o usuário marcado em roxo comenta com a *hashtag* “#ATEUS\_ATE\_O\_FIM”. As *hashtags* são termos ou expressões precedidos pelo símbolo de cerquilha que são usadas para gerar um hiperlink sobre o comentário. Ao clicar no hiperlink, o usuário é direcionado a uma página que relaciona publicações/comentários do *Facebook* em que apareça a mesma *hashtag*. Dessa forma, a possibilidade de repetição da *hashtag* publicada em outros ambientes da rede social digital tem o potencial de promover o engajamento de outros usuários que compartilham a mesma ideia (de que devem se manter firmes enquanto ateus), demarcando suas identidades ao manifestarem uma posição que tem o propósito de ressaltar a coletividade, ressaltando o senso de pertencimento a um grupo específico.

### 6.2.2 *Legitimação de identidades por meio de figuras públicas*

Um tipo de publicação extremamente regular na comunidade de fala ATEA são os enunciados que trazem dizeres e/ou fotos de figuras públicas ateístas, ou relacionadas ao campo da ciência, legitimando uma ideia comum aos princípios do movimento social neoateísta. Dessa forma, por meio de um argumento de autoridade ou da influência que uma personalidade

famosa pode exercer, busca-se compartilhar e convencer o interlocutor de que aquilo que é dito tem validade, com base na credibilidade atribuída à voz de um terceiro.

Identificar-se com uma figura de prestígio na sociedade parece ser uma forma de sentir que espaços de relevância também são ocupados por ateus e de que pessoas admiradas estão alinhadas ao que se pensa e ao modo como os integrantes da comunidade de fala virtual ATEA se representam em avatares.

Na figura 12, pode-se ver um exemplo representativo dessa prática na página ATEA:

**Figura 12:** personalidades públicas legitimando identidades



Fonte: Página da ATEA no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/atea.org.br/>>. Acesso em 21 de ago. de 2021.

O ator Ricky Gervais, citado na publicação, com uma foto de seu rosto ao fundo, é famoso por seus filmes e por demarcar posições, muitas vezes, polêmicas. No enunciado, apresenta-se uma oposição ao discurso homofóbico disseminado por pessoas religiosas, que tomam o casamento entre homossexuais como um ato pecaminoso, de depravação e/ou de subversão dos valores morais conservadores. O ator, posicionando-se, afirma que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é um direito, não um privilégio. Na sequência, faz uma crítica às instituições religiosas, afirmando que elas sim são privilegiadas por não pagarem impostos. O número grande de curtidas com valor positivo e de compartilhamentos e o número pequeno de comentários demonstra de que forma essas publicações têm maior efeito para a construção da identidade do usuário no ambiente virtual do *Facebook*. É relevante que se reproduza a imagem postada pela página no perfil pessoal, para que a marca identitária se evidencie para um público externo à comunidade de fala ATEA e se dissemine. Direcionam-se os argumentos legitimados por figuras públicas, como o da figura 12, também como forma de manifestação do movimento social neoateísta no ambiente virtual.

O comentário do usuário marcado em verde reforça a interpretação de que o uso de figuras públicas na comunidade de fala ATEA tem como função legitimar as identidades de seus integrantes, restringindo-se à expressão “Exato!”, sem adicionar outros conteúdos ou informações, apenas marcando sua concordância em relação ao enunciado.

O comentário do usuário marcado em vermelho cria uma oposição ao enunciado publicado na página da ATEA e demonstra um fenômeno interessante, que se alicerça no fato de as páginas serem microambientes abertos e públicos no *Facebook*, permitindo que qualquer pessoa veja as publicações e as comente. O falante se posiciona na contramão do movimento neoateísta, tendo indícios de uma identidade religiosa marcados no seu perfil pessoal. O sobrenome que aparece no perfil é “Espírito Santo”. Ao analisar mais detalhadamente o avatar do falante, percebe-se que ele não utiliza foto de perfil, não constam dados na aba “Sobre” e só existem duas publicações em sua linha do tempo, uma indisponível e a outra uma publicidade aleatória, não apresentando fotos ou amigos no perfil. Além disso, a descrição do usuário é uma citação bíblica. Esses elementos contribuem para a crença de que seja um perfil falso utilizado especificamente para confrontar ateus na página da ATEA.

A partir do que foi descrito e analisado nessa subseção, destaca-se que o compartilhamento de uma publicação no perfil pessoal do *Facebook* integra o que é dito no enunciado à voz do usuário. Quando essa publicação traz também a voz de uma figura pública relevante, o falante situa sua marca identitária enquanto ateu por meio da legitimidade que advém do valor social atribuído à personalidade que compõe a materialidade da publicação.

Essa legitimação das identidades pode estar associada a dois tipos de figuras públicas. A primeira delas é mediada por pessoas famosas que sejam ateias e se manifestem publicamente em relação a isso, gerando senso de pertencimento à comunidade, como Fábio Porchat, Angelina Jolie, Antônio Fagundes, Caetano Veloso, Chico Buarque etc. A segunda está relacionada ao valor da ciência para o coletivo. O posicionamento científico é extremamente relevante para aqueles que se engajam no movimento neoateísta, pois uma de suas bases é a oposição à fé cega por meio da ciência. Dessa forma, cientistas como Richard Dawkins (etólogo e biólogo evolutivo), Sam Harris (filósofo e neurocientista), Neil deGrasse Tyson (astrofísico), Stephen Hawking (físico teórico), Dráuzio Varella (médico) etc. são citados de forma recorrente em publicações da *fanpage* ATEA.

Outras formas de construção e de demarcação das identidades que consolidam máscaras digitais e dão forma aos avatares dos usuários fazem parte da comunidade de fala virtual ATEA, como o uso da comicidade e dos memes para criticar e se manifestar de uma perspectiva neoateísta, mas não se pretende esgotá-las neste estudo. Acredita-se que a sistematização das redes sociais digitais e as práticas regulares no ambiente virtual, ao se centrarem nos usuários e nas relações estabelecidas entre eles, fomentam a apreciação e a reformulação constante da imagem de si (máscaras digitais fluidas), dando espaço para a criação incessante de formas para representar-se virtualmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, suas características e seus efeitos na sociedade num momento histórico em que as relações humanas, cada vez mais, convergem para as redes sociais digitais é uma tarefa árdua, mas fundamental no âmbito dos estudos linguísticos, por ser um fenômeno que impacta diretamente os modos como os seres humanos se relacionam linguisticamente. Não se pretendeu com este estudo e com as abordagens conceituais nele desenvolvidas encerrar o assunto, gerar posições definitivas ou estancar os questionamentos sobre o meio ambiente virtual. Pelo contrário, por ser uma das primeiras pesquisas no campo da Linguística Ecológica que se dedica ao tema, o principal objetivo dessa tese é abrir portas, indicar caminhos, provocar reflexões e gerar dúvidas. A análise da comunidade de fala virtual ATEA, sustentada por uma perspectiva ecológica, foi uma trilha material para que esses propósitos se concretizassem.

Couto (2007; 2013; 2016a; 2018) pavimentou caminhos e apontou direções para o estudo de ecossistemas linguísticos e de comunidades de fala, englobando os elementos que os dinamizam e constituindo o alicerce sólido sobre o qual se erige este trabalho. É a partir dos pressupostos relacionados à interação comunicativa face a face propostos e descritos pelo autor que se pode traçar um paralelo entre a realidade física e a emergência da realidade virtual por meio da visão ecológica de mundo. Nessa perspectiva, o fundamento da realidade, enquanto totalidade, é a interação e todos os elementos que a compõem são essenciais para a sua existência, por estarem conectados numa relação dinâmica de interdependência. O mesmo se pode dizer da relação entre o ambiente físico e o ambiente virtual, ambos se atravessam e se afetam mutuamente, gerando repercussões um no outro.

A partir do que postula Couto (2016a), entende-se que a observação de uma comunidade de fala precisa exceder os limites das estruturas linguísticas que a permeiam. É necessário olhar para o modo como os falantes, enquanto parte de uma comunidade, interagem e para as regularidades de suas interações, para o meio ambiente no qual estão inseridos e para o modo como se dinamizam os sentidos. A Linguística Ecológica, como parte da Ecolinguística, se propõe a entender a totalidade macroscópica das relações humanas sem perder de vista os sistemas microscópicos que permitem sua existência.

Partiu-se desses pressupostos para buscar ir à fundo no movimento de transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual. Esse processo de virtualização das relações humanas traz consigo a emergência de um modo diferente de

estabelecer conexões com outrem, por meio das redes sociais digitais. O olhar ecossistêmico lançado sobre esse fenômeno permite que se ressalte a existência de formas diferentes de interagir comunicativamente, não podendo ser definidas como melhores ou piores, como mais ou menos produtivas. São apenas diferentes e, portanto, carregam suas próprias características que, por estarem alicerçadas em ecossistemas linguísticos antropogênicos, passam a ser objeto de interesse da Linguística Ecossistêmica.

A interação comunicativa virtual tem por base a constituição de uma faixa de transição em ambientes virtuais, suportada por sistemas eletrônicos, que permitem aos usuários estenderem a si mesmos e, por conseguinte, os ecossistemas linguísticos nos quais vivem, para as redes sociais digitais por meio da criação de avatares que os representem, dando forma às suas identidades múltiplas e dinâmicas por meio de máscaras digitais.

Em meio ao ambiente virtual, estabelecem-se relações diversas, que vão de atos de interação comunicativa mínimos, em que dois falantes dialogam, até a constituição de comunidades de fala virtuais, em que os sujeitos interatuam de forma espontânea com frequência, por meio de regras interacionais específicas, estabelecendo vínculos comuniais num ambiente previamente programado. O senso de pertencimento a um grupo é o motor que consolida a comunidade de fala virtual, instituindo um espaço de compartilhamento de conteúdos e de dados entre usuários. Mais do que isso, institui-se um espaço que pode se basear em percepções de mundo, crenças, afetos, apoios e empatia, congregando falantes que se sentem parte de uma totalidade organizada num microcosmo que reitera suas identidades.

Para que se possa entender as dinâmicas que perpassam uma comunidade de fala virtual é preciso descrever sua ecologia da interação comunicativa, ou seja, observar o conjunto das regularidades que permeiam as interações e encontrar indícios que permitam entender a organização dos modos de dizer, de ser, de agir e de pensar, regendo os modos de interagir.

A *fanpage* ATEA é um objeto de análise representativo das características que podem constituir uma comunidade de fala virtual. A partir de um olhar ecossistêmico para ela, é possível entender, de forma concreta, as dinâmicas que orientam as interações no ambiente virtual, como elas se desenvolvem e de que forma se diferenciam de uma interação prototípica pela supressão da corporeidade e do território físico como espaço que integra os sujeitos em co-presença.

A página do *Facebook* ATEA foi criada pela instituição chamada Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos como uma manifestação do movimento social neoateísta no Brasil, reunindo ateus, agnósticos e simpatizantes que se identificassem com os princípios do neoateísmo num mesmo ambiente virtual, gerando, por meio da insatisfação social e da falta de

representatividade em outros espaços públicos, uma comunidade de fala virtual. O estudo netnográfico dessa comunidade permitiu observar, no seio das interações cotidianas, a constituição de identidades próprias do grupo, dando forma a padrões de interação que reiteram suas identidades no ambiente da página e em seus perfis pessoais, diante de sua audiência invisível constituída pelo círculo de contatos adicionados, instaurando uma dinâmica própria. O afastamento espacial, a maleabilidade temporal e a ausência de um corpo físico no ambiente virtual permitem ao usuário modelar suas identidades e projetá-las em avatares que os representem num simulacro da realidade, dando forma a novos modos de interagir comunicativamente que não são previstos pela interação prototípica.

Ainda que os estudos no campo da Linguística Ecológica se baseiem numa perspectiva holística ao olhar para o objeto de estudo e para a realidade, é necessário estabelecer os limites do humano e a impossibilidade da onisciência. Esta pesquisa não pode, por si só, abranger a totalidade das interações estabelecidas no ambiente virtual. Essa percepção leva a crer que ainda há um vasto mundo de fenômenos a serem abordados e perscrutados no âmbito das interações comunicativas virtuais, seja em relação à comunidade de fala virtual ATEA ou às bases teórico-conceituais que ajudam a entender a dinâmica das relações humanas nas redes sociais digitais. Espera-se que o estudo aqui apresentado seja uma faísca para que outras pesquisas sejam desenvolvidas, complementando-o ou questionando-o.



## REFERÊNCIAS

- ALONSO, A. **As Teorias dos Movimentos Sociais**: um balanço do debate. Lua Nova, num. 76, 2009.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale São Paulo: Loyola, 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATEUS E AGNÓSTICOS. **ATEA**. C2021. Sobre a ATEA. Disponível em: < <https://www.atea.org.br/>>. Acesso em 20 de jan. de 2021.
- BARSALOU, L. W. Perceptual symbol systems. In: **Behavioral and Brain Sciences**, 22. Ed., 577-609, 1999.
- \_\_\_\_\_. Grounded Cognition. In: **Annual Review of Psychology**, 59. Ed., 617-645, 2008.
- BAUDRILLARD, J. **A Troca Simbólica e a Morte**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- BERGER, P. Movimentos Sociais: futuro e utopia. **Revista Marxismo e Autogestão**, vol. 01, nº 2, jul./dez. de 2014.
- BOYD, D. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (eds). **Networked self: identity, community and culture on social network sites**. Routledge, pp 39-58, 2010.
- CAPRA, F. **Pertencendo ao universo**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A teia da vida**; uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CATTON, W. R; DUNLAP, R. E. A new ecological paradigm for post-exuberant sociology. **American Behavioral Scientist**. Washington State University. v. 24. n. 1. p. 15-47. 1980.
- CELANI, M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada**. Linguagem e Ensino. V. 8, n. 1. Pelotas/ RS: 2004.
- COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COUTO, H. H. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- \_\_\_\_\_. O que vem a ser ecolinguística, afinal? In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1. 2013.

\_\_\_\_\_. Linguística Ecológica. In: COUTO, H. H. et al. (Org.). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016a.

\_\_\_\_\_. Comunidade de fala revisitada. In: **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)**. v. 2, n. 2. 2016b. pp. 49-72.

\_\_\_\_\_. Linguística Ecológica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem. In: COUTO, E. K. N. C. et al. (Org.). **Linguística Ecológica - 10 anos de Ecolinguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Contato Interlinguístico: da interação à gramática**, 2ª ed. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, 2017b. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/contato-interlinguistico.pdf>

\_\_\_\_\_. A metodologia na Linguística Ecológica. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018.

COUTO, H. COUTO, E.; BORGES, L. **Análise do discurso ecológica - ADE**. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, H. H. et al. Introdução: breve histórico da Ecolinguística. In: COUTO, H. H. et al. (Org.). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, E. K. N. N. Dez anos de Ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretções. In: COUTO, E. K. N. C. et al. (Org.). **Linguística Ecológica - 10 anos de Ecolinguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

COUTO, E. K. N. N. e FERNANDES, E. M. F. **Análise do discurso Ecológica (ADE): teoria e prática**. 1. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2021.

Darwin, C. **The expression of the emotions in man and animals** (3a ed.). Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DECOUFLÉ, A. **Sociologia das Revoluções**. São Paulo: Difel, 1970.

DRENGSON, A. Communication Ecology of Arne Naess. **The Trumpeter**. Canadian Ecophilosophy Network. v. 26. n. 2. p. 79-118. 2010.

EKMAN, P. Basic Emotions. In: DALGLEISH, T. & POWER, M. (Eds.). **Handbook of Cognition and Emotion**. Sussex, U.K.: John Wiley & Sons, Ltd., 1999.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem das Emoções**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FAST, J. **A Linguagem do corpo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1970.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população**. Trad. De Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARNER, M. **Language: An ecological view**. Oxford/Berlin: Peter Lang, 2004.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. (cap. 01).

HABERMAS, J. **The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society**. Boston, Beacon Press, 1984.

HAUGEN, E. Ecologia da linguagem. In: COUTO, E.N.; ARAÚJO, G.; ALBUQUERQUE, D. (org). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge**. Oxford: Berg, 2005.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IGLESIAS, E. Da Colonização da Sociedade Civil às Tensões entre Partidos no Governo e Movimentos Sociais. **Revista Sociologia em Rede**. Ano 5, nº 05, jan./jun. de 2015.

KOZINETS, Robert. The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities. In: **Journal of Marketing Research**, 39, February, 2002.

LÉVY, P. **O Que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

LIST, C. The Intrinsic Structure of Reality: Ontology and Deep Ecology. **The Trumpeter**. Canadian Ecophilosophy Network. v. 31. n. 2. p. 130-136. 2015.

MANES, C. Deep Ecology as Revolutionary Thought (Action). **The Trumpeter**. Canadian Ecophilosophy Network. v. 4. n. 2. p. 12-14. 1987.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Miséria da filosofia**. Tradução de José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone. 2004. (Coleção fundamentos de filosofia).

MCLUHAN, H. M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOREIRA, H; CALEFFE, L. G. **Metodologia científica para o professor pesquisador**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. **Inquiry**. University of Oslo. v. 16. n. 1. p. 95-100. 1973.

\_\_\_\_\_. Self-realization: an ecological approach to being in the world. **The Trumpeter**. Canadian Ecophilosophy Network. v. 4. n. 3. p. 35-42. 1987.

\_\_\_\_\_. Deep ecology in good conceptual health. **The Trumpeter**. Canadian Ecophilosophy Network. v. 3. n. 4. p. 18-22. 1986.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOWOGRODZKI DA SILVA, A. A pandemia de COVID-19 e os efeitos do discurso obscurantista instaurado nas redes sociais digitais. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)**, n. 7, v. 2, pp. 46–65. 2021.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: COUTO, H. H. et al. (Org.). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos**. Goiânia: Editora UFG, 2016.

SCHMALTZ NETO, G. F. Sobre o conceito de comunidade de fala: teorias, desdobramentos e reflexões. In: COUTO, E. K. N. C. et al. (Org.). **Linguística Ecolinguística - 10 anos de Ecolinguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

SESSIONS, G.; NAESS, A. The basic principles of deep ecology. **The Trumpeter**. Canadian Ecophilosophy Network. v. 3. n. 4. p. 14. 1986.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

VAYER, P. **A criança diante do mundo – Na idade da aprendizagem escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

VAYER, P.; TOULOUSE, P. **Linguagem corporal**: a estrutura e a sociologia da ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

VIANA, N. O conceito de Movimentos Sociais. In: \_\_\_\_\_. **Os Movimentos Sociais**: Teoria e História. Rio de Janeiro: Bookess, 2015a.

\_\_\_\_\_. Juventude, Contestação e Mudança. In: **Juventude e Sociedade**. Ensaios Sobre a Condição Juvenil. São Paulo: Giostri, 2015b.

\_\_\_\_\_. **Estado, Democracia e Cidadania**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.